

As Viagens de Marco Polo

Marco Polo

I RUMO À AVENTURA

Se alguma vez visitardes Veneza, percorrendo os passeios das suas ruas, perto do Teatro Malibran, encontrareis um palácio que diz: «Residência do Milione».

Falar da Casa do Milhão e do Senhor dos Milhões equivalia, em Veneza, a falar dum homem maravilhoso e legendário cujo nome foi Marco Polo.

Retrocedamos setecentos anos e procuremos imaginar o mundo de então. O Mediterrâneo era como um grande lago que abraçava os países civilizados. No centro deste mar, Roma, a cidade dos Papas, estabelecia o seu predomínio espiritual. Na Península Ibérica, os reis lutavam contra os maometanos; era o tempo da Reconquista. No resto do mundo cristão, reis, barões, condes e duques mantinham pequenas guerras e a Europa estava dividida em inúmeros feudos.

A América esperava ainda as caravelas de Colombo e a terra africana, mais ao sul de Marrocos e do Egipto, ainda não fora desbravada pelos portugueses.

Existia a Ásia cheia de lendas e de mistérios. Da Ásia tinham saído os discípulos de Maomet para se estenderem pela Península Ibérica e Ásia Menor.

Acabadas as cruzadas, podia-se tráficar com os povos da Ásia e de todo o Mediterrâneo. Os melhores comerciantes eram os italianos, e entre eles, os mais ricos, aqueles que ancoravam os seus navios nas águas de Veneza.

E a família dos Polo era das mais ricas e consideradas entre os negociantes que por mar levavam o pavilhão de Veneza a um e outro lado do Mediterrâneo.

Por isso, quando a família Polo empreendeu a maior viagem por terra que jamais algum homem realizara até então, a sua fama elevou-a acima dos homens até ao lugar em que habitam os semideuses e os heróis.

Estamos em Veneza no ano de 1253.

*

A família Polo — já o dissemos — era imensamente rica. Não só possuía inúmeros barcos mercantes, mas também tinha os seus próprios navios de guerra e o dono de tudo era Andrea Polo, o qual tinha dois filhos: Nicolau e Maffeu.

Nicolau casara com uma veneziana nobre. A lua-de-mel foi curta, porque não passara ainda meio ano e já Nicolau Polo preparava as malas. Devia embarcar rumo a Constantinopla. Acompanhava-o seu irmão Maffeu e levavam um carregamento riquíssimo. A viagem seria, portanto, longa.

Quando o navio em que iam saiu do porto, numa janela do palácio uma senhora agitava um lenço branco enquanto uma lágrima lhe deslizava pela face.

Tinham ficado para trás as ilhas gregas do mar Egeu, e também o estreito dos Dardanelos e o Bósforo. A popa deixava na esteira do barco as pequenas luzes de Constantinopla e a proa investia já com as águas escuras do mar Negro. Em Soldania, um porto ao sul da Crimeia, a casa Polo tinha uma sucursal. O barco ancorou nesse porto.

Após um breve descanso uma longa caravana iniciou a marcha por terra. Estavam no país da Tartária e foram bem recebidos por um chefe chamado Barca. Os irmãos Polo mostraram-lhe as jóias que traziam com eles, os perfumes, as sedas...

— É maravilhoso, nunca tinha visto coisas tão perfeitas! — exclamava o chefe tártaro. — Desejo comprar. Quanto ouro me pedis por tudo?

— Dado que és nosso amigo, grande Barca, damos-te; recebe-o como lembrança duns venezianos.

— A vossa generosidade é grande, mas quero que vejais que a minha não é menor. Dar-vos-ei o dobro do seu valor — respondeu Barca.

Com efeito, o chefe dos tártaros ocidentais era um homem generoso, pois durante um ano manteve a seu lado os dois mercadores. Mas quando foi tempo de regressar, tinha-se desencadeado uma guerra no país.

— Será em vão tentar regressar por donde viestes. Agora só há uma rota livre: rumo a Este — disseram-lhes.

Atravessaram muitas terras. Um deserto obrigou-os a dezassete dias de marchas e de fadigas, terras inóspitas, solitárias, sem homens

nem árvores... até que chegaram a uma cidade bem construída: Bokhara.

Encontravam-se em terras do Turquestão. A guerra desencadeada à sua retaguarda impedia-os de regressar. E durante três anos estiveram em Bokhara. Até que um dia...

— Desejo falar-vos, estrangeiros — disse-lhes uma nobre personagem à qual foram apresentados. — Eu sou o embaixador do grande chefe Alau perante o Grande Khan, o chefe supremo de todos os tártaros, Senhor dos Senhores, o poderoso Kublai Khan. Quereis acompanhar-me à sua corte?

— Temos ouvido falar de Kublai Khan, o filho de Genghis Khan, mas a sua corte deve ser muito longe. Além disso, os nossos negócios...

— Nunca se viram homens brancos na corte do Grande Khan e dou-vos a minha palavra que sereis bem recebidos e recompensados com grandes presentes. Tendes três dias para pensar. Se quiserdes acompanhar-me faremos o caminho juntos.

Não tiveram necessidade do prazo concedido pelo emissário do Grande Khan para se decidirem a acompanhá-lo. Na realidade, ambos os irmãos estavam ansiando por isso e o convite formulado pela alta personagem não foi senão um prolongamento do seu desejo.

II

EM BUSCA DO GRANDE KHAN

A viagem foi muito longa. Neves, frios, chuva, calor, rios transbordantes e toda a espécie de contrariedades, pois a cada passo se internavam mais e mais nos confins da Ásia.

Nicolau e Maffeu receavam enfrentar-se com o Grande Khan. Era o senhor mais poderoso da Ásia. Podia matá-los num abrir e fechar de olhos. Veneza estava tão longe, que quando lá era meio-dia, nas terras de Catai era sete da tarde.

Mas foram surpreendidos. O Grande Khan recebeu os estrangeiros de rosto branco com grande amabilidade. Passara já tanto tempo desde a sua partida de Itália, que os dois irmãos dominavam já a língua dos tártaros e puderam falar largamente com o «Senhor dos Senhores».

— Falai-me dos costumes dos venezianos e da vossa religião.

Quem adorais? — perguntou-lhes.

— Nós acreditamos num só Deus cujo Filho se fez homem e em Roma vive o seu representante na Terra, que se chama Papa.

E tanto lhe falaram do Cristianismo e da vida do Ocidente, que o Grande Khan lhes disse:

— Dar-vos-ei tudo o que necessitardes para voltardes à vossa terra, e levareis uma embaixada ao Papa. Quero que me mande cem religiosos doutos e piedosos para que expliquem o Cristianismo nas minhas terras. No regresso, podereis passar por Jerusalém?

— Sim, creio que poderemos — respondeu Nicolau.

— Pois recomendo-vos que recolhais ali um pouco do Óleo Santo que arde na chama do Santo Sepulcro, pois quero venerá-lo.

Quando as conversações terminaram, o grande chefe despediu-os:

— Voltai breve e não vos esqueçais do que vos encarreguei. Agora, tomai esta tabuinha dourada onde está gravado o meu selo.

— Agradecemos muito a vossa atenção, senhor.

— Enquanto permanecerdes nos meus domínios, esta tabuinha servirá para vos acreditar perante os governadores das diferentes províncias como meus hóspedes.

Três longos anos durou a viagem de regresso. Finalmente, em Abril de 1269 chegaram a Acre, porto situado ao norte da Palestina, donde embarcaram para Veneza. Antes porém falaram com o legado do Papa, Teobaldo de Placência, desejosos de cumprir a missão do Grande Khan.

— Trazeis uma embaixada para Sua Santidade o Papa? Chegastes demasiado tarde — disse-lhes com tristeza —; o Papa Clemente IV acaba de morrer. Aconselho-vos a que aguardeis até que o Conclave tenha eleito novo Papa.

Enquanto o barco, com as velas enfunadas, cruzava o Mediterrâneo os corações dos irmãos Polo freMIAM de alegria, mas o mais alegre de todos era Nicolau, pois ansiava por ver a silhueta duma linda veneziana agitando um lenço de seda na janela do seu palácio.

E, contudo, em Veneza aguardava-o uma grande tristeza e uma grande alegria. Não seria de supor que muitas coisas tinham mudado? Não seria de se aperceber que a sua viagem às terras de Catai havia durado quinze anos?

III

UM FILHO, UM PAPA E OUTRA VIAGEM

Ficou pálido e triste quando soube que sua esposa tinha morrido. Não chegaram a viver juntos seis meses. Olhou-se num espelho e achou-se velho, ainda que forte, o rosto queimado pelo sol e com profundas rugas sulcando-lhe a face. Mas no espelho, atrás de si, delineava-se a figura dum rapaz moreno, alto, de olhos penetrantes e duros. Nicolau voltou-se.

— Quem és tu e que queres desta casa? Como te chamas?

— O meu nome é Marco, pai.

— Disseste pai? — E o viajante sentiu uma imensa alegria. Abriu os braços e estreitou com força aquele filho que em breve faria quinze anos e que ele não conhecia.

— Contai-me coisas das vossas viagens, pai — e nos olhos do jovem Marco brilhava a curiosidade com um fogo que fazia estremecer.

Permaneceram dois anos em Veneza pondo em ordem os seus negócios, vistoriando os navios... e esperando que Roma elegeisse novo Papa. Mas como esta eleição tardava, chegou um momento em que os três homens reuniram conselho.

— Se demoramos mais tempo podemos encontrar o Grande Khan aborrecido pelo nosso tardar. Além disso, não esqueçamos que é necessário passar por Jerusalém para recolher o Óleo Sagrado.

Os navios abandonaram Veneza, mas nenhuma dama agitou o seu lenço quando os remos cortaram as águas.

Em Acre obtiveram autorização do legado para efectuar uma visita a Jerusalém, onde se forneceram de Óleo Sagrado pertencente à lâmpada do Santo Sepulcro, de acordo com as recomendações do Grande Khan. Uma vez obtidas as cartas dirigidas a esse príncipe, onde se certificava a fidelidade com que tinham tratado de cumprir as suas ordens e onde se explicava ao Grande Khan que o Papa da Igreja Cristã ainda não fora eleito, os Polo dirigiram-se ao porto de Laiasus.

Dali caminharam por montes, vales e desertos, até às terras da Arménia, entre os mares Negro e Cáspio, nos limites do Cáucaso. Quando chegaram ao palácio do rei da Arménia, uma agradável surpresa os aguardava.

— Recebemos cartas para vós, Polo, cartas do novo Papa para que as entregueis ao Grande Khan.

Quebraram os selos pontifícios e leram com avidez. Quem seria o novo Papa e que interesse teria em atender os pedidos do Grande Khan?

— Bendito seja Deus! — exclamou Nicolau ao ler as cartas. — Sabeis quem foi eleito Papa? Monsenhor Teobaldo de Placência com o nome de Gregório X!

— Voltemos a Roma! — exclamou impetuosamente Maffeu.

Puseram-se de novo a caminho até Acre, onde os esperava uma galera armada que os levou a Roma. O legado pontifício, convertido em Papa, recebeu-os afavelmente e apresentou-os a dois frades, doutos e piedosos, que deveriam acompanhá-los à corte de Catai.

— Estes cofres — disse-lhes — contêm presentes para o Grande Khan. Dizei-lhe que lhe envio as minhas bênçãos e os meus melhores votos.

De novo sobre as ondas do mar a caminho da Arménia.

Aqui receberam notícias de que o Sultão da Babilónia, Bundokdari, tinha invadido o território arménio com um numeroso exército, dominando e devastando grande parte do país. Aterrorizados perante estas notícias e temendo pelas suas vidas, os dois frades resolveram não ir mais adiante, e assim que entregaram aos dois venezianos as cartas e os presentes que o Papa lhes tinha confiado, colocaram-se sob a protecção do Grão-Mestre dos Templários.

Nicolau, Maffeu e Marco, sem se deixarem desanimar pelos perigos ou dificuldades, atravessaram as fronteiras da Arménia e continuaram a sua viagem.

Desta vez a viagem durou três anos e meio.

Quando chegaram ao primeiro povoado tártaro viram-se rodeados por soldados de rosto duro e ameaçador.

— Que buscais por estas terras, rostos brancos?

Mas os Polo mostraram a tabuinha dourada com o sinete do Grande Khan e então tudo foi suave e fácil. Encontraram cavalos, alojamento, fatos, comida... E Kublai sentiu uma grande alegria quando uns emissários lhe anunciaram que os Polo regressavam da sua longa viagem.

Quando se apresentaram diante do Grande Khan, estava reunida toda a corte. Os três viajantes prostraram-se no solo, mas o «Senhor dos Senhores» ordenou que se levantassem.

— Quem é este jovem que vos acompanha? Um criado?

— Este é Marco, teu servidor e meu filho — respondeu Nicolau.

— Simpatizo com ele. Que seja bem-vindo — respondeu o grande chefe olhando a alta e morena figura de Marco Polo.

Porque Marco Polo era alto e esperto. Tinha a inteligência clara e viva. Em companhia do pai e do tio aprendera a língua dos tártaros e falava-a com grande facilidade. Havia estudado Astronomia, Geometria e era muito instruído. Possuía, além disso, grandes dotes de observação. Um dia Kublai chamou-o e encarregou-o de uma tarefa estranha.

— Os meus servidores — disse-lhe —, quando visitam uma província, não sabem dar-me pormenores claros sobre o que pretendo. Quero que me falem dos costumes, do que murmuram e sobre o que crêem. Compreendes, Marco Polo?

Marco disse que sim.

— Então, sabes o que quero. Amanhã partirás para Karazan. A tua viagem durará seis meses e no regresso quero que me dês notícias de tudo como se eu próprio lá tivesse estado.

De tal forma o jovem veneziano realizou a sua missão que Kublai Khan o tomou sob a sua protecção e o encarregou de missões muito delicadas, de que sempre se saía bem.

E durante tudo isto tinham-se passado dezassete anos.

IV

DESEJOS DE VOLTAR A VENEZA

— Na verdade não nos podemos queixar da nossa sorte — comentou um dia Maffeu — pois nunca imaginámos que este senhor nos tratasse tão bem. Mas, que sucederá no dia em que morra?

— Pouco receio por mim — respondeu Nicolau — mas pelo meu filho.

— O que significa que faríamos muito bem regressando a Veneza. Agora somos imensamente ricos. Poderíamos viver na opulência.

— O Grande Khan não nos deixará partir. Devemos aproveitar um dia em que esteja bem disposto.

E um dia em que o Grande Khan estava muito alegre, pediram-lhe que os deixasse voltar a Veneza.

— Causa-me uma tristeza imensa que peçais tal coisa. Não tendes no meu país tudo o que desejais? Se quiserdes mais riquezas,

dobrarei as que tendes; se quereis governar, dar-vos-ei o comando de províncias. O vosso filho Marco está nas Índias Orientais com os mesmos poderes como se fosse eu próprio. Não, Nicolau e Maffeu Polo, não vos deixo partir.

Por aquele tempo reinava na Índia o filho de Abakakhany, Argon. Este tinha-se casado com uma formosa mulher de Catai, de nome Bolgana.

Encontrando-se esta enferma, chamou o marido, o rei.

— Argon, sinto que vou morrer.

— Não digas isso, Bolgana. A tua natureza é forte e rapidamente te restabelecerás — animou-a seu marido.

— Duvido, querido Argon, mas de qualquer maneira quero que me prometas uma coisa.

— Diz-me o que desejas, que será como uma lei para mim e para todos os nossos súbditos.

Bolgana estava pálida com a cera e teve que fazer um grande esforço para continuar a falar.

— Se te casares outra vez quando eu morrer...

— Bolgana, não digas isso...

— Deixa-me acabar. Se te casares outra vez, quero que seja com uma descendente da minha família.

Naquele mesmo dia, a rainha deixou de existir e Argon não podia pensar noutra coisa senão na defunta. Contudo, devia tornar-se a casar porque assim o exigiam os interesses da Índia.

Então chamou três nobres da sua confiança, chamados Ulatai, Apusca e Goza.

— Meus fiéis servidores — disse-lhes —, é necessário que me torne a casar. Pouco antes de morrer, dei a minha palavra à minha defunta esposa de que não contrairia matrimónio com ninguém que não pertencesse à sua família.

— Senhor, se tu o desejas, visitaremos o Grande Khan em teu nome para que eleja esposa para ti entre os parentes da defunta Rainha Bolgana — exclamou um deles.

Argon manteve-se por uns momentos pensativo. Depois pareceu serenar e acrescentou com agrado:

— Falaste muito bem, Ulatai. O Grande Khan é nosso amigo e não creio que se oponha a este projecto. Hoje mesmo mandarei preparar a vossa viagem e escolherei os que hão-de formar o vosso séquito.

Por fim, depois de três semanas de preparativos, a comitiva pôde pôr-se a caminho, despedindo-se do rei, que, pela primeira vez desde a morte da Rainha Bolgana, parecia estar satisfeito e otimista.

O Grande Khan acolheu-os com muita benevolência e acedeu ao seu pedido.

Foi designada Kogatin, a mais jovem e mais bela das princesas reais, e um séquito numeroso iniciou a marcha até às terras do Sul, a caminho da Índia.

Durante oito meses viajaram sem novidade; mas depois encontraram-se em terras onde reinava a guerra entre os bárbaros e era uma imprudência avançar. O numeroso séquito voltou à corte.

O seu regresso coincidiu com a chegada de Marco Polo da sua missão nas Índias Orientais.

— Marco Polo, rogo-te que me ajudes a resolver. A princesa Kogatin tem de chegar à Índia, mas isto parece impossível. Agora não posso mandar um grande exército que a proteja. Diz-me que se pode fazer?

— Senhor, acabo de chegar dos mares do Oriente. Ali a navegação é fácil. Porque não mandais aparelhar uma pequena frota e eu conduzirei a princesa até à Índia?

— Obrigado, Marco Polo. De novo o teu cérebro privilegiado acudiu em meu auxílio.

Assim se fez, mas como os homens do Grande Khan não eram muito práticos em questões de navegação, foram precisos os conhecimentos dos venezianos. Com grande tristeza consentiu o Grande Khan que os três venezianos se ausentassem dos seus domínios.

— Tomai estas tabuinhas de ouro com o meu selo real. E prometei-me que voltareis. Também vos dou cartas para o Papa, os reis de França e de Espanha. Visitai esses países, em meu nome, e dizei que sois meus embaixadores. Antes de partir, peço-vos que aceiteis estes presentes do vosso amigo.

E entregou-lhes grande quantidade de ouro e de pedras preciosas.

Um belo dia fizeram-se à vela catorze barcos de quatro mastros cada um. Nalguns iam mais de duzentos marinheiros, de modo que era uma magnífica frota que sulcava os mares.

Três meses mais tarde chegavam a Java e dezoito meses depois à Índia. Dos três barões índios, só um chegou vivo e mais de seiscentos

homens encontraram a morte na longa viagem.

Perguntaram por el-rei Argon, para quem levavam a formosa princesa, e então começaram de novo as dificuldades e as surpresas.

— O bom rei Argon morreu — responderam-lhes — e em seu lugar governa este povo um indesejável chamado Kiacatu.

— Não importa, avistar-nos-emos com ele —, respondeu Marco Polo.

Ao ver as tabuinhas douradas com o selo do Grande Khan, aquele que tinha sucedido ao rei Argon teve medo e indicou-lhes que para o norte, num lugar da fronteira persa, se encontrava uma localidade chamada Árvore Seca.

— Aí reside o filho de Argon. Entregai a ele a princesa.

— Necessitamos de escolta porque sabemos que o país está em guerra e as nossas vidas podem correr perigo.

— Dar-vos-ei duzentos homens a cavalo. Não quero que o Grande Khan se indisponha comigo.

Os enviados do rei Argon concluíram que a sua longa e dura viagem tinha sido completamente inútil... Contudo, fizeram o que lhes indicou o novo monarca e entregaram a donzela tártara a Kasan, filho de Argon.

Posteriormente regressaram junto de Kiacatu e avistaram-se de novo com o rei. Os Polo desejavam regressar rapidamente, mas queriam que o rei lhes assegurasse protecção.

— O povo está muito sublevado e nós poderíamos ser alvo da sua ira.

O rei entregou-lhes quatro tabuinhas douradas como saudação ao Grande Khan e como passaporte, enquanto estivessem nos domínios da Índia.

Imediatamente se puseram a caminho.

V

O REGRESSO A VENEZA

Os Polo regressavam a Veneza outra vez, mas os seus corações estavam tristes porque na Pérsia tinham recebido a notícia de que o Grande Kublai Khan morrera com a idade de oitenta anos.

Finalmente, as suas naves entraram nas águas de Veneza; era no ano de 1295. Tinham passado quase toda a vida longe da pátria.

Vestiam os três vestimentas tártaras, traziam barbas longas, frisadas.

A casa comercial que governara um dia o grande Andrea Polo estava completamente arruinada. Quando afirmaram que eram Nicolau, Maffeu e Marco Polo as pessoas indignaram-se.

— Quem são estes impostores? A justiça dos Doges devia metê-los nos Chumbos; falam uma língua estranha, isto não é latim!

Ninguém os queria reconhecer. O Papa Gregório X tinha morrido também.

Mas Marco Polo sorria interiormente e um belo dia anunciou aos seus amigos, inclusive os que lhes chamavam impostores, que desejava dar um banquete. Os preparativos foram tão sumptuosos, que Veneza inteira soube que algo de extraordinário se preparava e os «amigos» dos Polo acudiram como moscas a mel.

O salão onde se celebraria a festa achava-se ricamente iluminado. Sobre uma longa mesa, custosa baixela e ricos cristais demonstravam o luxo dos senhores. Serviu-se a refeição e, no momento em que entravam os criados com as travessas, apareceram os Polo com os seus trajes tártaros e longas barbas. Os comensais permaneceram frios porque não queriam acabar por reconhecer que aqueles fossem Marco, Nicolau e Maffeu.

Quando o festim estava a chegar ao final, apareceram muitos criados e servos trazendo cofres, bandejas e travessas transbordantes de pedrarias e jóias qual delas a mais rica. O entusiasmo dos circunstantes transbordou. Olharam na direcção da cabeceira da mesa... mas os Polo haviam desaparecido.

Quando a desordem começava a reinar entre os convidados e muitos diziam que era tempo de se irem embora, abriram-se as portas e apareceram Nicolau, Maffeu e Marco Polo vestidos à veneziana, com trajes tão ricos como nunca ninguém tinha sonhado, enfeitados e perfumados como o melhor fidalgo de Toscana.

— Vivam os nobres viajantes! — gritaram os comensais, convencidos já de que aqueles eram os autênticos Polo.

Então foram distribuídos presentes em jóias no valor de mil ducados cada um.

O resto da vida de Marco Polo foi bastante infeliz. Génova e Veneza, as duas importantes repúblicas mercantis, tinham frequentes disputas. A razão era óbvia: a poderosa Génova não podia ver com bons olhos o enorme desenvolvimento que ia adquirindo a república irmã, chegando quase a eclipsá-la. As galeras venezianas sulcavam

todos os mares conhecidos e dominavam o tráfico mercantil em grande número dos portos

Esta luta surda chegou ao seu apogeu em 1296, estando Marco Polo na sua cidade natal. O choque era inevitável. Génova estava a armar-se e todo o mundo o sabia. Inclusivamente sabia-se que a futura esquadra estaria sob o comando do almirante Lamba Doria.

Veneza não podia permanecer alheia a estes preparativos e também alistava a sua frota. O Grande Doge encarregou da sua organização e adestramento Andrea Dandolo, a quem chamavam «o calvo». A família Polo, como uma das mais ricas de toda a República, julgou-se na obrigação de contribuir com o seu esforço para a defesa da Pátria e fretou uma grande galera de guerra, potentemente armada, que, sob o comando do próprio Marco Polo, se incorporou na esquadra de Andrea Dandolo.

As frotas rivais avistaram-se por alturas da ilha de Curzola, que estava sob o domínio de Veneza. Esta tinha a ilha muito fortificada e, a partir dela, as suas baterias podiam ajudar os seus navios bombardeando, simultaneamente com eles, os do inimigo. Assim, pois, Veneza entrava na lide com vantagem. Por momentos parecia que a vitória lhe iria sorrir.

Todas as baterias da ilha de Curzola disparavam sem cessar e parecia que algumas das suas granadas tinham acertado no alvo. Os navios venezianos continuavam disparando e, em contrapartida, os genoveses pareciam já estar esgotados.

Dandolo julgou que aquela era a oportunidade e ordenou à sua esquadra que atacasse mais de perto o inimigo. Os genoveses fugiam perante o fogo cada vez maior dos venezianos. O navio que perseguia mais de perto os fugitivos era a galera comandada por Marco Polo. Este, excitado, dirigia as operações desde a ponte. Finalmente, poderiam dar a Génova uma boa lição.

Mas, já no alto mar, os genoveses recobriram coragem. Então viu-se que os seus recursos não estavam esgotados nem nada que se parecesse. O astuto almirante Lamba Doria tinha armado uma emboscada à esquadra de Dandolo e este caiu nela com a maior ingenuidade. Agora que estava fora do alcance das baterias da ilha de Curzola, a frota genovesa mostrava as garras. Fizera o papel de vencida, unicamente para atrair os venezianos ao alto mar, e ali, cara a cara, fez-lhe sentir plenamente o peso da sua enorme superioridade.

A galera de Marco Polo, que ia na vanguarda da esquadra

veneziana, viu-se de repente no meio do fogo inesperado do inimigo. A própria nave do almirante Lamba Doria estava na sua frente e ambas se encarniçaram num duelo de morte. Marco Polo resistiu cerca de duas horas, mas a nave de Génova tinha maior potência de fogo e em breve outras vieram em sua ajuda. Marco viu-se com o seu navio desmantelado, quase em ruínas, e, no entanto, continuou resistindo heroicamente. Mas, por fim, caiu prisioneiro dos genoveses, ainda que sem arriar o pavilhão da casa Polo nem a bandeira de Veneza.

Foi conduzido a Génova como prisioneiro de guerra e ali começou a sua angustiosa vida de cativo. Primeiramente encarceraram-no com os restantes presos, sem distinção de categorias, no castelo da capitania do porto. Posteriormente, quando se soube a sua identidade, deram-lhe um tratamento mais cordial. Com efeito, Génova era uma nação de navegantes e as suas façanhas além-mares haviam corrido de boca em boca e tinham sido muito exageradas. Por esta razão, quer pela sua elevada categoria quer pela sua competência como marinheiro, pensou-se em o mudar para o palácio de Compera, antiga residência do duque de S. Jorge. Ali desfrutava de certos privilégios que não era de desprezar, mas continuaram negando-lhe a liberdade.

Para sua distração e companhia encarceraram conjuntamente consigo um fidalgo de Pisa, chamado Rusticiano, que havia sido preso pelos genoveses por questões meramente políticas. Ou seja, não era um facínora, antes um homem nobre, erudito, de elevada cultura e que dominava vários idiomas.

Bem depressa ganharam intimidade e chegaram a fazer-se grandes amigos. Ambos haviam corrido muito mundo e passavam longos serões contando mutuamente as suas aventuras e viagens. Rusticiano ficou espantado com o que lhe contava Marco Polo. As viagens deste eram conhecidas mais ou menos por todas as pessoas interessadas nestas coisas, mas ninguém as ouviu explicadas com tanto pormenor como Rusticiano. Por isso, este não cabia em si de espanto, e um dia disse a Marco Polo:

— Deixai-me escrever tudo o que sabeis; será uma maneira de passar o tempo. Vós podereis ditar-me um livro maravilhoso.

— Tendes razão, Rusticiano. Pode dizer-se que vi todas as maravilhas do mundo.

E este foi o título: «As Maravilhas do Mundo».

Durante um ano Marco Polo foi ditando e relatando factos e

aventuras que Rusticiano escrevia em latim, a língua culta da época. Em 1299 Marco Polo readquiriu a liberdade e dirigiu-se a Veneza com o seu livro, «O livro de Marco Polo», que também é o nome por que é conhecido.

Aquele momento foi a apoteose do navegante e do viajante. Toda a Veneza acorreu a recebê-lo e o seu nome foi gravado nos muros do Palácio do Grande Conselho.

Que devia ou podia fazer Marco Polo antes de morrer?

Conhecia muito mundo e agora já desejava descansar das suas viagens. Mas a solidão não é boa companhia para os aventureiros como ele.

Marco Polo pensava:

«Se continuares solitário, não saberás estar quieto e morrerás por falta de forças perseguindo outra vez a novidade e a aventura. Na minha idade um homem está muito bem em casa... mas não na minha que está mais solitária do que as estepes da Sibéria. Devia casar-se, mas como?»

Marco Polo era já muito velho, ou melhor, era um homem já maduro. Até então o seu contínuo ir e vir por terras de Ásia, primeiramente, e em seguida a guerra entre Génova e Veneza, e, finalmente, o seu encarceramento, tinham-no impedido de pensar em amores. Agora encontrava-se já velho e sem ânimo para entrar em lides amorosas.

Contudo, Marco Polo era famoso em todo o país e muitas outoniças que se julgavam solteiras para toda a vida, teriam dado qualquer coisa para unir a sua vida à do glorioso viajante. Marco Polo sabia isto e estava decidido: casar-se-ia.

Entre as suas amizadas, sentia especialmente predilecção por uma nobre dama veneziana, de modos afáveis e recatada. Parecia-lhe que ela personificava esta calma e este repouso que andava buscando depois de tantos anos de incessante cansaço.

Certo dia...

— Confesso sinceramente, senhora, que, apesar de ter corrido meio mundo, nunca encontrei tão bem equilibrada numa senhora a nobreza da linhagem com o requinte dos modos.

— À medida que passam os anos, a galanteria vai ocupando em vós o lugar que lhe foi negado durante a vossa juventude, querido Marco.

— Não é só galanteria. Asseguro-vos que sinto nascer em mim

algo de desconhecido. Reparai como, depois de descobrir países tão longínquos, também agora e sem me mover descubro em mim um novo mundo de sentimentos e de sensações que até agora desconhecia por completo.

A dama ficou um pouco perturbada. Apenas tinha ouvido as palavras de Marco, mas a sua fina intuição de mulher servia-lhe para a fazer compreender rapidamente o alvo que visava a intenção do viajante retirado. Marco continuou:

— Só agora, depois da forçada inactividade da prisão, começo a encontrar-me a mim próprio. Perdi a minha mãe sendo ainda muito criança e desde aí as mulheres não significaram nada na minha vida. Mas agora não há dúvida.

Marco ia-se entusiasmando à medida que falava. Por fim, acalmou, esteve um certo tempo meditando como se quisesse despedir-se do seu passado e confessou à dama que a queria fazer sua esposa.

A boda celebrou-se pouco depois. Os noivos foram calorosamente felicitados pelos amigos e aplaudidos pelos seus compatriotas, que se sentiam orgulhosos do glorioso aventureiro, cujo nome e façanhas já começavam a ser conhecidos além-fronteiras.

Do matrimónio tiveram três filhas, a que chamaram Moretta, Fantina e Bellela. À medida que iam crescendo sentiam mais curiosidade por conhecer a vida de seu pai. Este gostava de recordar, placidamente, os avatares da sua vida aventureira. Aquelas três formosas crianças viviam, por assim dizer, a vida de seu pai escutando a narração da boca do próprio protagonista.

Em 1324 morreu aquele homem que foi o maior viajante de todos os tempos. Seu corpo foi enterrado na igreja de S. João Crisóstomo, mas os seus restos perderam-se posteriormente.

No seu palácio do Grande Canal, o Município de Veneza mandou gravar estas palavras: «Aqui viveu Marco Polo, que viajou e conheceu as mais remotas terras da Ásia e as descreveu».

O seu nome tornou-se lendário e excitou a imaginação das crianças e dos homens audazes de todo o mundo e de todas as épocas.

E a sua memória perdurou na Ásia!

Uma das portas das muralhas de Pequim ostentava, até há pouco, o nome de Marco Polo e qualquer chinês medianamente culto fala com respeito do navegador veneziano.

O mérito da façanha realizada por Marco Polo não pode ser

compreendido por completo no seu valor real, pela mentalidade do mundo actual. As dificuldades que encontrou, a inexistência de meios de transporte e as frequentes guerras entre os povos cujos territórios foi obrigado a atravessar, foram causa de intermináveis atrasos que obrigaram a prolongar a duração do itinerário de forma exagerada.

Mas já é tempo de deixar que o viajante incansável repouse e tome ele próprio a palavra: «As Viagens e Aventuras de Marco Polo», ou «O Livro das Maravilhas».

LIVRO PRIMEIRO

**VIAGEM DESDE A ARMÉNIA ATÉ À CORTE
DO GRANDE KHAN**

I

ARMÉNIA, A ARCA DE NOÉ E GEÓRGIA

Ao iniciar a descrição das regiões que Marco Polo visitou, começaremos pela Arménia, que é, das terras cuja exploração intentou, a que fica mais perto do Mediterrâneo.

Havia duas Arménias: a Menor e a Maior. O rei da Arménia Menor vivia numa cidade chamada Sebastoz, e é curioso que neste país houvesse tantos nomes como Sebastia, Sebastol, Sebastópolis.

Ao norte da Arménia Menor havia o país da Turcomania, onde viviam gregos e arménios, além dos turcomanos. Estes eram maometanos muito fanáticos, mas rudes e indolentes. Viviam nas montanhas e alimentavam-se de carne. Contudo, tinham cavalos maravilhosos, cavalos de pura raça árabe, e também mulas altas e fortes que se vendiam muito caras.

Nas cidades, que estavam fortificadas, viviam os gregos e arménios, que se dedicavam ao comércio e à indústria. Ali se viam tapetes preciosos e sedas de todos os géneros.

— Que há de notável nesta cidade? — perguntou Marco Polo ao entrar em Arzigán, capital da Arménia Maior.

— Querem banhar-se? — perguntou um rapazito sujo e moreno estendendo a mão para uma gorjeta.

E na verdade existiam nesta cidade os banhos de água quente mais famosos da Ásia.

O país era muito formoso e rico. Quando chegava o Verão, o exército tártaro oriental vinha para que os seus cavalos comessem os bons pastos, mas ao chegar o Inverno começava a nevar e não havia maneira de se encontrar um bocado de erva tenra.

— Aquele castelo chama-se Paipurth — disse-lhes um velho pastor apontando um edifício que se elevava sobre uma rocha altíssima.

— É possível visitá-lo? — perguntou Maffeu.

— Oh, não, senhor, está muito bem guardado porque no seu interior existe uma mina de prata! Contam que na cave trabalham centenas de operários que escavam galerias debaixo da rocha e tiram prata puríssima. Mas estas coisas ninguém as viu. Dizem-se.

O país mostrava uma vegetação abundante e formosa. Por sobre esta paisagem elevava-se uma montanha alta, coberta de neve, cuja cimeira estava coroada de nuvens. Devia ter mais de 5000 metros de altura.

— Deve ser muito difícil escalar esta montanha.

O pastor sorriu, sem responder de momento. Depois murmurou:

— Mais difícil deve ser descê-la.

— Não se pode descer sem se ter subido primeiro, bom homem.

— Alguém baixou sem ter subido — e um malicioso sorriso esboçou-se-lhe no rosto. — Este é o monte Ararat e no seu cimo pousou a Arca de Noé depois do Dilúvio. Os animais saíram dela e espalharam-se pela Terra. Dizem que a Arca ainda ali está, coberta pela neve. Muitos têm dado a volta à montanha... Demoram-se mais de dois dias, mas não sei de ninguém que se tenha atrevido a subir até ao cimo.

Ao cabo de uns dias de marcha, os irmãos Polo entraram no reino da Georgiana (hoje Geórgia). A primeira coisa que viram foi uma estranha fonte. Manava dela um líquido espesso e fétido. Impossível bebê-lo. Perguntaram para que servia.

— Não serve para grande coisa, senhor — respondeu uma mulher que levava um jarro cheio. — Serve para curar espinhas e furúnculos, mas utilizamo-lo para alumiar, acendermos candeias... Chamamos-lhe «petróleo».

— E não têm que pagar nada por ele?

— Pagar, senhor? Mas é uma fonte! Toda a gente pode levar quanto queira.

Os Polo avançaram pela Georgiana ou Geórgia. Era um país muito montanhoso situado entre dois mares: o mar Negro e um lago tão grande que se chamava mar Cáspio, que tem quatro mil e tantos quilómetros de perímetro. Este lago-mar tem tempestades, navios, ilhas, portos, e, naturalmente, duma margem não se vê a outra.

Os habitantes do país eram cristãos, altos, fortes e manejavam o arco e a flecha com grande destreza. Um soldado armado de arco e flecha disse-lhes:

— Antigamente, neste país, os reis nasciam com uma marca no ombro direito; era a marca duma águia.

Por cima das suas cabeças voou uma ave que, apesar de voar a grande altura, ainda se via que era de grande tamanho.

— É uma águia? — perguntou Marco Polo.

— Não, é um «avigi» (abutre) — e dizendo isto pôs uma flecha no arco, esticou-o e disparou. Mas a ave voava a tamanha altura que a flecha, apesar de ter sido disparada com muita força, não a alcançou.

Encontravam-se num lugar estranho. Altíssimas rochas dum lado e do outro, o mar e uma passagem estreita e perigosa.

— Porta de Ferro — exclamou o homem do arco. — Nem todos podem atravessar uma porta de ferro.

E contou-lhes que no país se narrava a história de Alexandre Magno, que chegou com os seus gregos a este lugar e teve que lutar ferozmente, pois um pequeno punhado de homens situados no alto do monte impedia a passagem das tropas do grande Alexandre. Este chamou àquele desfiladeiro Porta de Ferro.

Chegaram mais tarde a um formoso lago, tão grande que se demora quatro dias a percorrê-lo, e viram uma igreja numa margem e mais além, na encosta da montanha, um mosteiro. Contentes por encontrarem monges cristãos, foram visitá-los. E causou-lhes estranheza que à hora de jantar não lhes dessem peixe, mas carne.

— Julgava — disse Marco Polo — que, vivendo junto a um lago, seria mais fácil pescar do que obter carne.

— Neste lago não vive um único peixe — respondeu um monge de largo rosto. — Não destes conta de que a sua água é salgada como a do mar?

— Não, não a provámos. Como se chama o lago?

— Lago Geluchalat.

— Então quando chega a Quaresma e está proibido comer carne? — tornou a perguntar Marco Polo.

— Então S. Lunardo, que é o santo padroeiro do mosteiro, repete cada ano o milagre.

— Milagre? — perguntaram os viajantes com curiosidade.

— No primeiro dia de Quaresma vêm-se as águas do lago revoltas e agitadas como se uma tormenta interior as sacudisse. Então

a água torna-se doce e cheia de peixes. Durante toda a Quaresma pescamos e vivemos do produto da pesca, mas assim que soam os sinos do Sábado da Glória, cantando alegres a Ressurreição de Cristo, as águas tornam-se a agitar, os peixes desaparecem e o lago volta a ser de água salgada.

Em contrapartida, ao sul da Arménia não viviam cristãos só árabes, e estendia-se uma grande província chamada Mossul. Nesta região fabricava-se uma espécie de tela muito fina e delicada que se chamava «musselina». Na região montanhosa desta grande província viviam os Kurdos, que estavam sempre em guerra ou em discórdias.

Mas os viajantes abandonaram aqueles lugares para entrar na cidade de Baudas, cujo nome moderno é Bagdad, e que alguns crêem ter sido a antiga Babilónia.

II O CALIFA DE BAGDAD E O MILAGRE DA MONTANHA

Assim como Roma é a capital dos cristãos, houve um tempo em que Baudas ou Bagdad foi a capital de todos os maometanos. Bagdad é uma cidade rica e esplêndida. Através dela corre um rio chamado Tigre, tão caudaloso e largo que as mercadorias navegam por ele até ao mar e nesta travessia gastam dezassete dias, tão comprido e sinuoso é o seu curso.

Marco Polo ficou maravilhado ao ver o movimento da cidade cheia de mercadores e ao saber que nela se estudavam toda a espécie de ciências e além disso a Magia e a Astrologia. Foi na estalagem onde comeram e dormiram que lhes contaram a estranha história do Califa que morreu miseravelmente.

Na época em que os Quatro Príncipes Tártaros começaram as suas conquistas, um deles, chamado Alau, dispôs-se a atacar Bagdad. Ia à frente dum poderoso exército de cem mil homens mas queria conquistar a cidade sem derramar muito sangue e sem que as suas casas sofressem danificação. Por isso atacou com astúcia. Repartiu o exército em três divisões.

— A primeira — ordenou — ficará oculta pelos bosques do poente, a segunda pelos do sul e não atacam até que eu dê ordem. A terceira divisão avançará comigo.

E o príncipe Alau avançou com o grupo menor. Quando se achou diante das muralhas de Bagdad desafiou o Califa.

— Esse exército ridículo vem insultar-me? — disse este, contemplando do alto das muralhas o exército de Alau. — Vamos! Eu próprio dirigirei os meus homens ao combate.

Mandou abrir as portas da cidade e lançou-se contra eles.

— Olhem como fogem! — gritava o Califa ao ver que as hostes de Alau se retiravam sem combater.

Mas quando estavam longe dos muros protectores, as divisões que se ocultavam por detrás dos bosques do sul e do poente saíram dos seus abrigos e carregaram contra os de Bagdad.

A luta foi breve e feroz e o Califa caiu prisioneiro.

— Disseram-me que tens uma torre cheia de oiro, é verdade?

— Não te enganaram, Alau, e ofereço-te a metade pelo meu resgate. Segue-me, eu próprio te guiarei.

Quando se abriu a porta do torreão, uma luz deslumbrante iluminou Alau. Com efeito, o torreão estava cheio de oiro e de pedras preciosas.

— Então, preferiste ser derrotado a gastar parte deste oiro na criação dum poderoso exército que te defendesse, Califa avarento e miserável? Encerrai-o nesta torre e não lhe dêem nem comida nem bebida. Já tem suficiente oiro.

O Califa morreu rodeado de imensos tesoiros que, naturalmente, não lhe serviram para nada, pois de oiro ninguém pode viver.

Em dada ocasião chamou os seus sábios e disse-lhes:

— Dizei-me onde se encontram todos os fundamentos da crença dos cristãos?

— No Evangelho, poderoso senhor.

— Então, buscai-me uma parte desse Evangelho que os possa deitar a perder.

Ao cabo de certo tempo os seus sábios, que tinham lido todos os Evangelhos, mostraram-lhe o que diz: «Se tens fé, mesmo que seja do tamanho dum grão de mostarda, dirás a esta montanha: Afasta-te daqui para ali e ela se afastará». O Califa satisfeito mandou que todos os cristãos se reunissem diante do palácio (naquele tempo havia muitos crentes em Bagdad) e quando eles foram reunidos falou-lhes assim:

— Cristãos, acreditais que é verdadeiro tudo quanto dizem os Evangelhos?

Um sim unânime atroou o espaço.

— Está bem, cães, pois vamos a ver se há um dentre vocês que tenha fé, um grãozinho de fé. Dou-vos dez dias de prazo para que movais e aparteis essa montanha que se ergue ao sul de Bagdad. Se tiverdes fé, consegui-lo-eis, e se não o conseguirdes é porque não tendes fé; nesse caso obrigar-vos-ei a aceitar a religião de Alá ou morrereis todos.

Tinham passado oito dias quando o Bispo teve um sonho e ouviu uma voz que lhe dizia:

— Procura um sapateiro que só tem um olho. Ele será a pessoa pela qual Deus moverá a montanha.

Todos os cristãos se lançaram na procura do sapateiro a quem faltava uma vista. Por fim encontraram-no, mas este rejeitou a proposta dizendo que era um homem pecador, indigno de que o Senhor lhe concedesse tanta graça como a necessária para mover uma montanha.

— É um homem bom e piedoso? — perguntou o Bispo.

— Muito, porque soubemos a razão pela qual lhe falta um olho e, verdadeiramente, é um homem recto.

Um dia tinha entrado na sua tenda uma formosa mulher e, ao provar-lhe um sapato, mostrou-lhe um pouco da perna, o que perturbou o sapateiro, que nesse tempo tinha os dois olhos bons. Aquilo produziu-lhe grande mágoa e antes de se deitar leu o Evangelho:

«Se o teu olho te ofende, arranca-o e arrojalo para longe de ti, porque é melhor entrar no Reino do Céu com um olho do que ter dois e ser arrojado para os infernos». Isto dizia o texto sagrado. Então o piedoso sapateiro agarrou numa sovela e arrancou um olho.

— Verdadeiramente — exclamou o Bispo erguendo as mãos ao Céu —, não encontraríamos um homem mais capaz e que tanto agradasse aos olhos de Deus.

Os dez dias tinham passado. Amanheceu e logo se celebrou uma missa, e levando a Santa Cruz à frente, uma extensíssima procissão dirigiu-se para a montanha.

O Califa, rodeado dos seus guardas, encontrava-se ao pé da mesma e tinha o secreto propósito de matar ali mesmo todos os cristãos se fracassassem.

Diante de todos ia o sapateiro zorrolho levando a Cruz. Ao chegar ao pé do monte todos se ajoelharam e se entregaram à oração.

Quando terminou, reinou um profundo silêncio.

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu te ordeno, ó montanha!, que te afastes — gritou o sapateiro com voz poderosa.

Então ouviu-se um tremendo ruído de pedras e rochas como se fosse um terramoto profundo e horrível e a montanha, levantando uma grande nuvem de pó, afastou-se.

Os maometanos ficaram varados de espanto e foram muitos os que, perante este acontecimento, se converteram e abraçaram a religião cristã. Tanto é assim, que se afirma que o mesmo Califa usava a partir desse dia uma cruz oculta debaixo das suas vestes e que quando morreu lha encontraram, não podendo por isso ser enterrado como os seus antepassados.

III

A HISTÓRIA DOS REIS MAGOS

A Pérsia fora um grande país, mas os tártaros tinham-na devastado reduzindo-a à pobreza.

— O que existe nesta terra de importante? — perguntou Marco Polo ao entrar em Sabá.

— Pouca coisa, senhor... excepto o sepulcro dos Três Magos.

— De que três magos falais?

— Há um sepulcro com três Magos enterrados. Chamavam-se Baltasar, Gaspar e Melchior.

— Os Três Reis Magos! — exclamaram os viajantes com alegria.

Então escutaram a lenda mais formosa que jamais se ouviu.

Afastada da cidade de Sabá ergue-se uma montanha com um castelo chamado Cala Ataperistan (Castelo dos Adoradores de Fogo) e, com efeito, os homens que ali viviam adoravam o fogo como a um deus.

— E porquê?

E agora segue-se a lenda ou história, como quiserem chamar-lhe.

Há já muitos anos — tal como sabemos pela Sagrada Escritura — três reis, ou magos, dirigiram-se para o Poente guiados por uma estrela, para adorar um menino-profeta a quem as revelações indicavam como Filho de Deus.

Levavam consigo presentes para obsequiar ao Deus-Menino, consistindo em oiro, incenso e mirra. E diziam entre si:

— Se tomar o oiro, é um rei da terra; se tomar a mirra, é um médico, e se tomar incenso, é um Deus.

Após muito caminhar chegaram à porta de Belém e pararam surpreendidos ao encontrarem uma criança que em nada se diferenciava das demais. Mas uma revelação súbita fê-los prostrar-se de joelhos diante daquele menino e oferecer-lhe os três presentes que levavam para ele. Oiro, com o qual reconheciam nele o Rei de todos os povos. Mirra, porque ia ser médico das almas. E incenso, porque reconheciam a sua Divindade.

Conta a lenda que muito tempo depois, quando regressaram ao Oriente, um anjo entregou-lhes uma estranha caixa com um presente do Deus-Menino. Apenas a visão se desvaneceu, apressaram-se a abrir a caixa.

— Contém unicamente uma pedra — exclamou um dos Magos.

— Isto quer dizer que devemos ser firmes na fé como a pedra no sítio em que se encontra.

— Contudo, roubou-nos. Para que a havemos de guardar? Deitemo-la fora.

E deitaram-na num buraco. Imediatamente se ergueu um fogo violentíssimo naquele buraco e nunca mais se apagou.

Os Magos arrependeram-se do que tinham feito e agarraram num bocado desse fogo e levaram-no com eles.

— Pô-lo-emos num dos nossos templos e não permitiremos que se extinga. Devemos jurá-lo.

Por este motivo no Castelo Ataperistan existem homens que adoram o fogo, mas não o adoram em si mesmo, mas por representar um dádiva daquele menino-profeta que era Deus.

Esta é a história dos Três Magos que se contava na cidade de Sabá, na Pérsia.

IV NA PÉRSIA E COM O PRÍNCIPE NUGODAR

A Pérsia era uma extensa região que tinha oito reinos, os quais se encontravam todos ao Sul, excepto Timochain, que estava ao Norte, perto dum lugar chamado Árvore Seca.

Todos os habitantes eram maometanos, mas muito fanáticos. pois alguns tinham o costume de combater entre si, por prazer, e chegavam a ferir-se gravemente.

Nos confins da Pérsia encontrava-se a cidade de Yasdi. Os que se afastavam da cidade, ou os que dela se aproximavam, gastavam oito dias a transpor uma imensa planície em que só havia três lugares que oferecessem comodidades. Se o viajante se perdia e não sabia encontrar estes três oásis, a sua vida corria perigo. Neles, em contrapartida, encontrava palmeiras com tâmaras, água e temperatura benigna. Abundava a caça e não era difícil apanhar perdizes com o laço ou com a flecha.

Mais a Oriente encontrava-se Kirman, uma região onde as pedras preciosas que têm o nome de turquesas abundam em grande quantidade. Os homens faziam armas de guerra, arneses para cavalos, rédeas, esporas, cascos, com oiro e turquesas. As mulheres bordavam sobre seda a oiro e utilizavam como adornos figuras de pássaros e flores muito coloridas.

Ao abandonar Kirman vieram esvoaçar por cima deles falcões, essas aves que se utilizam para a caça naquele sítio, eram pequenos, de peito avermelhado e dum voar tão rápido que nenhum pássaro nem animal lhes podia escapar. Disseram-lhes que ali se criavam os melhores do mundo.

— Reparem como o caminho desce, parece que nos afundamos na terra — exclamou Marco Polo.

A descida parecia interminável e ao fim dela foram dar a uma região extremamente fria.

— É necessário que nos abriguemos com tudo o que possamos, de contrário pereceremos de frio — aconselhou Nicolau Polo.

E, com efeito, o frio era tão intenso que inclusivamente encontraram charcos de água gelada.

Ao terminar o declive, chegaram a uma planície e a uma região mais elevada, entrando numa cidade de clima quente que parecia ter sido rica e grande.

Esta cidade chamava-se Kamandu.

Parecia uma terra esplêndida. Os viajantes admiraram ovelhas do tamanho dum burro e uns grandes bois, com uma corcova entre os lombos de dois palmos de altura, mas não eram camelos nem dromedários, eram bois. E os homens da região utilizavam-nos para carregar fardos e faziam o serviço de cinco burros.

Nesta região houve um homem mau e sanguinário chamado o príncipe Nugodar, que era sobrinho de Zagatai, irmão do Grande Khan.

O seu coração estava cheio de inveja porque era unicamente príncipe e não rei. E rodeou-se de homens sanguinários e perversos, desejosos de lutas e de riquezas.

— Nugodar — disse-lhe um deles —, no país do Sul há uma região chamada Malabar governada por um sultão débil e que tem pouco exército.

Não lhe foi difícil agrupar uns dez mil homens, desesperados e desejosos de sangue. Reuniram provisões, gado e cavalos, e lançaram-se em direcção ao Sul, em busca do reino de Malabar.

Pelo caminho, que era longo e difícil, morreram muitos, perdeu-se a metade do gado, e grande número de cavalos, mas por fim Nugodar caiu sobre Malabar e conquistou a cidade de Deli. Os homens de pele branca que ele tinha levado cruzaram-se ali com mulheres indianas de cor morena e nasceram os Karaunas, que na linguagem do país significa «raça misturada».

V

O AR SECO E OS BARCOS DE ORMUZ

Por um caminho inclinado chegaram à cidade de Ormuz. O território era atravessado por pequenos riachos sombreados de frescas palmeiras. Ormuz achava-se situada numa ilha a muito pouca distancia do Oceano (no estreito de Ormuz entre o golfo Pérsico e o mar de Oman, no oceano Índico).

Este país entregava-se por completo ao comércio e nos seus mercados vendiam-se desde as ricas sedas chinesas até presas de elefantes africanos. O rei, que se chamava Rukmedin Achomak, tinha decretado que, se morresse dentro dos seus territórios um comerciante estrangeiro, todos os bens deste fossem confiscados e entregues ao

tesouro real. Já não sucedia o mesmo quando o comerciante era da região.

Perto da costa podiam ver-se umas choupanas postas sobre estacas e quase metidas dentro da água. Por um lado comunicavam com a costa por meio duma pontezinha e pelo outro estavam rodeadas de mar. Ali residiam todas as pessoas ricas durante o Verão, que era extremamente quente, ainda que o mais terrível fosse o vento da costa, o ar seco que vinha pela terra adentro como uma vaga de fogo.

— O ar seco! O ar seco! — passou gritando um homem como se tivesse visto o demónio.

Imediatamente todos aqueles que se encontravam fora das suas casas e perto da costa deitaram-se à água e mergulharam vestidos ou despidos até que a água os cobriu até ao queixo, depois cerraram os olhos. Com efeito, uma onda amarelenta, que parecia vir pela terra adentro, açoitou as choupanas, inclinou as árvores e por um momento pareceu que a terra e o ar se tinham incendiado, tanto era o calor daquele «ar seco». Algumas pessoas não podiam resistir e morriam sufocadas.

Marco Polo contemplou a costa, que estava tranquila, e apercebeu-se, como bom navegante que era, que aqueles navios que cruzavam o estreito de Ormuz eram de pequeno calado, frágeis, com um só mastro e uma vela, ponte única e linha pouco aperfeiçoada.

— Como é possível — perguntou — que aqui não saibam construir barcos melhores?

O homem que estava consertando o aparelho duma barca encalhada na praia, agarrou num pedaço de madeira, colocou um prego e deu uma martelada, Marco Polo viu com espanto que o prego em vez de penetrar na madeira a estilhaçava e a desfazia como se fosse lousa ou barro.

— Viu, senhor? Pois às vezes sucede assim quando se utilizam grandes pranchas para construir um navio. É a madeira da região, roída pelo vento seco.

— Então como é que constroem os vossos barcos?

— Furamos as tábuas com extremo cuidado e depois cosemo-las com fios especiais. Em vez de pregos temos que usar tarolos de madeira e, em lugar de os cobrir de breu, untamo-los com azeite ou gordura e depois pintamo-los. Por este motivo não podemos construir barcos muito grandes. Quando os temos de carregar também precisamos de ter muito cuidado e cobrimos tudo com coiro.

— E abundam as tempestades neste mar?

— Se abundam! Por isso quando as vemos ao longe, já não saímos. A menor tempestade lança os navios para a areia, desfazendo-os mo um punhado de açúcar em café quente. Também não podemos usar âncora de ferro como dizem que se faz nos outros países...

*

Por fim saíram de Ormuz e entraram numa planície muito formosa, rica em aves e frutas, mas verificaram ali que aquela gente não sabia ou não acertava em cozer bom pão. O que puderam adquirir era muito amargo devido a fazerem-no com água salgada.

Era má região quanto a água. Os viajantes caminharam por um terreno, a caminho de Kobiam, e durante a viagem, que durou sete dias, encontraram toda a água, impregnada de sal e com uma cor verde repugnante. Durante três dias andaram sem encontrar nenhum habitante, através dum terreno desolado e desértico. Ao quarto dia supuseram que um rio devia correr por debaixo da terra, pois ouvia-se o rumor e de alguns sítios brotava, do solo, água fresca e pura.

*

Os cansados viajantes detiveram-se aqui para se refrescarem e refrescar os animais, depois das fadigas das jornadas anteriores. Os três últimos dias de caminho são outra vez como os primeiros e conduzem à cidade de Kobiam.

Kobiam era uma cidade extensa, cujos habitantes praticavam a doutrina de Maomet. Possuíam grande quantidade de ferro e de outros metais, e fabricavam espelhos muito grandes e muito belos, com o aço extremamente polido. Com antimónio e zinco, metais que abundavam na região, preparavam um unguento para os olhos que dava excelentes resultados.

*

Ao sair de Kobiam avançaram através dum deserto que lhes levou oito dias de viagem sem encontrarem nenhuma espécie de árvores. A água, muito escassa, que encontraram tinha um sabor amargo; por isso e, como prevenção, tinham-se apetrechado da

necessária para a sua subsistência. Os animais viam-se obrigados a beber da água que o deserto oferecia, e os seus amos, para a tornarem mais agradável, davam-lha misturada com farinha.

Tinham atravessado o Grande Deserto Salgado e entraram na região de Timochain, ao norte da Pérsia.

Neste sítio não havia outra árvore senão uma denominada «árvore seca». Tinha um grande tronco e as suas folhas eram verdes por cima e brancas no reverso. Os seus frutos estavam secos e a madeira da árvore era amarelenta como a do buxo.

Os habitantes desta região diziam que ali se tinha dado a grande batalha entre Alexandre Magno e Dario, rei da Pérsia.

Todos os habitantes era altos e formosos, especialmente as mulheres, que Marco Polo admirou como sendo as mais belas do mundo. Aí contava-se a história do velho da montanha.

VI O VELHO DA MONTANHA

Chamava-se Aloadin e era maometano.

Tinha conseguido delimitar e fechar um vale formosíssimo com altas montanhas dissimuladas com sebes e arvoredos.

No interior deste lugar existiam palácios e jardins tão maravilhosos que ninguém poderia imaginar nenhuns mais belos. O ouro, a seda e os ricos cristais não tinham sido economizados. Era um lugar dum refinamento sem par. Através duns canais dissimulados, corriam rios de mel, leite, vinho e água doce. Os pássaros com os seus trinados competiam com o colorido das flores.

Habitavam aqui grande número de donzelas de estranha beleza, as quais dançavam e brincavam entre canteiros de flores.

Por quê e para quê tinha o velho da montanha este lugar?

Maomet tinha prometido, na sua religião, a quem lhe obedecesse, desfrutar de um Paraíso onde o vinho e o mel manariam das fontes e os guerreiros mortos em combate seriam servidos por lindas mulheres chamadas huris.

Aloadin convencia jovens guerreiros de que ele era um profeta e que, se estivessem dispostos a servi-lo, entrariam no Paraíso.

— Isso que tu nos prometes podem ser apenas palavras. Morrer por ti? E se depois não houver Paraíso?

— Eu posso provar-te que há. Mais: posso fazer com que desfrutes dele.

— Quando?

— Esta noite. Vem ao meu palácio e dar-te-ei um banquete como nunca provaste outro.

Com efeito, no seu palácio reunia um grupo de jovens aguerridos, destros no manejo do punhal e da espada, e obsequiava-os com uma esplêndida refeição, mas mandava misturar um soporífero no vinho e os jovens caíam adormecidos.

Então levava-os ao maravilhoso palácio e quando no dia seguinte despertavam, encontravam-se rodeados de formosas mulheres que os atendiam, cantavam e dançavam em sua honra. Por si próprios comprovavam que corria mel e leite das fontes e o lugar era tão agradável que diziam entre si: «Em verdade isto é o Paraíso de Alá». E outros afirmavam também: «Em verdade Aloadin é um grande profeta».

Mas uma noite voltavam a provar um vinho especial que os punha outra vez numa grande lassidão e entorpecimento. Quando despertavam encontravam-se no seu mundo habitual e aquilo parecia-lhes um sonho.

— Não é sonho — dizia um dos guerreiros —, pois todos sentimos o mesmo e recordamos a forma das fontes e ainda poderíamos repetir as canções que as huris cantavam.

Naquele momento aparecia Aloadin e os jovens prostravam-se.

— Acreditais em mim como um grande profeta e acreditais que possuo poderes para vos enviar para um paraíso delicioso?

— Sim, Aloadin, acreditamos; manda e nós te obedeceremos.

E voltavam a celebrar outro banquete, durante o qual aos jovens eram descritas as maravilhas do Paraíso sonhado e vivido.

Aloadin tinha montado este paraíso artificial numa espécie de vale. Ninguém podia entrar nele sem sua ordem. Não convinha ao falso profeta que os seus fiéis se pudessem aperceber da proximidade do que eles supunham ser o Paraíso.

Estes jovens eram instruídos nos ensinamentos de Maomet, em quem todos acreditavam. Ao falar-lhes, Aloadin insistia sagazmente na descrição do Paraíso anunciado pelo Profeta...

Graças a este engano, Aloadin tinha um grupo de jovens dedicados e dispostos a tudo, pois lhe obedeciam cegamente. O seu poder foi imenso.

Mas isto chegou ao conhecimento de Alau, de quem já falámos ao referirmo-nos à Arménia, e este, que conhecia toda a história, mandou um exército contra o velho da montanha.

Em 1252 o exército pôs cerco ao castelo de Aloadin, o qual tão bem situado e defendido se encontrava que durante três anos Alau não o pôde conquistar, e se conseguiu entrar foi devido a terem terminado as provisões.

Alau mandou-lhe cortar a cabeça e destruiu o castelo do velho da montanha, de maneira a não ficar pedra sobre pedra.

E isto não se conta como lenda, mas como história verdadeira.

VII

A CAMINHO DAS ALTURAS DO PAMIR

Os viajantes deixaram atrás de si uma região rica em frutas e pastos, o que explicava que o exército de Alau pudesse ter mantido durante três anos cerco ao castelo do velho da montanha, e chegaram à cidade de Sapurgan, famosa por produzir os melhores melões do mundo.

A cidade de Balach tinha sofrido muitíssimo, pois em 1221 Genghis Khan conquistou-a e mandou matar todos os habitantes e deitou abaixo as suas muralhas. Apesar disto, ainda tinha formosos palácios e dava impressão de ser rica. Dizem que ali Alexandre Magno conheceu a filha de Dario, com quem se casou.

Não era raro, durante a noite, ouvir o rugir ameaçador dos leões que abundavam por aquelas paragens.

Depois de doze dias de viagem e deixando para trás de si o castelo de Thaikan, onde se realizava um grande mercado de trigo, viam-se as colinas de sal. Ali, o sal era duro como pedra e tinha de se arrancar a golpes de picareta. As montanhas apareciam brancas como se estivessem cobertas de neve e o espectáculo era maravilhoso. Havia tanto sal que poderia ser consumido por todas as pessoas do mundo que ainda sobraria.

Os habitantes não eram muito civilizados. Vestiam-se de peles e levavam enrolada à cabeça, à maneira de chapéu ou de turbante, uma corda de dez metros de comprimento.

Mais dias de viagem e chegaram à região de Balashan, onde os príncipes que aí reinavam descendiam de Alexandre Magno e da filha

de Dario, e os seus descendentes tinham tal honra nisso, que tinham todos o título de Zulkarnen, que em língua sarracena significa Alexandre.

A grande riqueza deste país eram as pedras preciosas chamadas rubis. O rei mandava explorar as minas e ficava com as pedras que delas se extraíam. Ninguém podia, sob pena de morte, extrair rubis apesar de a abundância ser tão grande que não era difícil escavar na rocha e obtê-los. O rei presenteava os estrangeiros que visitavam o país com eles, pois era proibido vendê-los ainda que fosse trocando-os por ouro ou prata.

— Reparai nos cavalos — indicou Marco Polo aos seus companheiros. — Nunca vi animais assim. Em Itália não se encontra um cavalo capaz de descer por uma encosta como esta.

Na verdade, uns guerreiros que se exercitavam obrigavam as suas montadas a despenhar-se, era esta a palavra apropriada, por um talude quase vertical e os cavalos faziam-no com grande facilidade e sem o menor medo.

— Que género de ferraduras levam os cavalos? — perguntou.

— Vede vós próprio, senhor.

O cavalo não levava nenhum género de ferradura. Tão forte era o seu casco!

— Não é em vão que aqui nasceu o «Bucéfalo» — explicou um guerreiro. — Recordais-vos do cavalo que só Alexandre foi capaz de domar? Era desta região. Os filhos de «Bucéfalo» nasciam com uma estrela a meio da testa.

— Não vi nenhum com essa marca — respondeu Marco Polo.

— Já não os podereis ver, senhor. Aqueles cavalos, magníficos como nenhum, pertenciam a um dos tios do rei. Este ordenou que lhos entregassem todos e seu tio negou-se a fazê-lo. Então o rei mandou-o matar.

— E os cavalos?

— A viúva, desesperada pela crueldade do rei, mandou degolar todos os cavalos que possuía. E a raça do « Bucéfalo» desapareceu.

*

À medida que os viajantes avançavam, tornavam-se as montanhas cada vez mais abruptas e altas, e as passagens mais estreitas e difíceis, de modo que em tempo de guerra teria sido muito

fácil para um grupo de soldados armados de flechas defendê-las duma invasão inimiga. As montanhas eram tão altas que se demorava um dia e uma noite a escalá-las. Os rios tinham água fresca e estavam cheios de peixes, sobretudo uma espécie de truta, muito saborosa.

O ar era tão puro e tonificante que Marco Polo, que tinha adoecido durante a viagem, se curou somente graças ao ar da montanha. Depois soube que várias pessoas atacadas de febre ou de anemia se dirigiam às montanhas para se reconstituírem.

Meteram-se por uma estranha região, cujos habitantes tinham a tez muito escura e adoravam os ídolos, eram destros na arte de magia, pois invocavam os demónios, e podiam fazer falar os ídolos. Podiam obscurecer o Sol durante o dia e chamar a noite. Usavam anéis de ouro nas orelhas e adornavam-se com pedras preciosas.

Continuaram a subir, sempre por entre desfiladeiros e montanhas que pareciam as mais altas do mundo, viram lagos formosíssimos, de água fresca, e rios de clara corrente, até chegar à grande cidade de Samarcanda.

Samarcanda era uma riquíssima cidade rodeada de jardins e de formosas construções. Encontrava-se já situada no Turquestão e os seus habitantes eram uma parte cristãos outra parte maometanos.

Passando à região de Karkan, viram que toda a população estava atacada dum inchaço de pernas e de tumores na garganta devidos à má qualidade da água que bebiam.

Depois de terem andado cinco dias, deixando atrás Karkan com os seus miseráveis habitantes, chegava-se à cidade de Lop, nas margens do Grande Deserto.

VIII ATRAVÉS DO DESERTO ATÉ KAMUL

Uma vez terminada a travessia do deserto chegaram à região de Tanguth e à cidade de Sachiú. As pessoas eram muito estranhas, idólatras e cheias de superstições. A região estava cheia de mosteiros com ídolos monstruosos.

Quando nascia uma criança, o pai criava uma ovelha durante um ano e, ao chegar a altura da festa do ídolo, levava esta e o filho diante da imagem, perante a qual sacrificava o animal. Ferviam a carne e colocavam-na diante do falso deus e, entretanto, toda a família rezava.

Acreditavam que o ídolo, enquanto durava a reza, comia a substância do animal. Seguidamente reunia-se toda a família e servia-se o resto da ovelha num banquete, pois uma das partes tinha sido oferecida aos sacerdotes.

As superstições eram ainda maiores quando se tratava de um falecimento. Neste caso, era costume queimar o cadáver, mas as pessoas da família nunca se atreviam a realizar tal coisa sem consultar os astrólogos, os quais se informavam do dia e mês do nascimento do defunto, e determinavam quando os planetas e as estrelas se mostravam propícios à incineração. Como isto nem sempre se passava, era frequente o dizerem:

— Este cadáver não poderá ser queimado senão dentro de meio ano.

Neste caso colocava-se o corpo dentro de um ataúde de madeira de meio palmo de grossura e guardava-se em casa. Untavam-se as juntas com cal e breu e cobria-se com seda. Todos os dias punham a pesa sobre o ataúde e serviam as refeições, pois acreditavam que o aroma dava força ao defunto. Passava o tempo e quando se dispunham a incinerá-lo, os sacerdotes diziam:

— Agora, para tirar o cadáver, não é conveniente a porta, nem a janela, tem que ser tirado nesta direcção — e às vezes indicavam uma parede. — Não interessa que haja uma parede, se o tirardes por outro lado as mais tremendas desgraças cairão sobre a vossa família.

Neste caso não havia outro remédio senão abrir uma brecha na parede e tirar por aí o ataúde.

O mais terrível destas praxes é que enquanto duravam se tocavam instrumentos musicais que produziam um ruído ensurdecedor.

*

Era uma grande sorte o ser-se homem naquele país, pois quando uma mulher se queria casar, procurava marido e tinha de lhe dar muitos presentes, rebanhos e dinheiro para que o homem consentisse. Era costume que cada homem tivesse várias mulheres: havia alguns que tinham mais de trinta. Se estavam descontentes com alguma, mandavam-na embora e podiam repudiá-la. Inclusivamente alguns chegavam a casar-se com as próprias sogras.

Aí permaneceu Marco Polo durante um ano.

*

Na cidade de Chichitalas, Marco Polo viu algo que o encheu de admiração. Tratava-se dum pano, um tecido que atirado ao fogo não ardia, antes, ao ser tirado das brasas, ainda aparecia mais branco e forte do que anteriormente (tratava-se do amianto).

Um turcomano que fazia parte da caravana de Marco Polo e se chamava Curcifar, deu-lhe a seguinte explicação:

— Esta substância encontra-se numas minas e em lugar de ser pedra tem uma consistência fibrosa, sai às tiras como a lã. Uma vez exposta ao sol para secar, pisa-se num morteiro de bronze e depois lava-se para se tirar a terra. Então, dos fios que saíram fazem-se outros mais compridos, retorcendo os e enrolando-os num novelo.

— E pode-se tecer como um pano qualquer?

— Tal qual; podem-se fazer fatos e, para os lavar, em lugar de se utilizar água, deitam-se no fogo e mantêm-se dentro dele uma hora e quanto mais tempo estão no fogo, mais brancos saem. E nunca se gastam.

Depois contaram-lhe que o Grande Khan enviou ao Papa um manto confeccionado com este género de tecido para que com ele envolvesse o Santo Sudário, a fim de não se estragar nem com o fogo.

*

Outra vez rumo ao deserto (de Gobi), bem fornecidos de comida e de água para quarenta dias, chegaram finalmente à cidade de Karakoran (que os chineses chamavam Holin).

Era rodeada de terra, porque nesta região não havia suficiente pedra, e nela se erguia o castelo do governador.

Era a região dos tártaros e esta gente vivia nos montes e no campo, sem cidades fortificadas, e eram todos tributários de um senhor chamado Prestes João.

IX HISTÓRIA DO PRESTES JOÃO

Os tártaros eram gente forte e valente que ia crescendo e aumentando em número e riqueza. O Prestes João chegou a temê-los.

Por isso, de vez em quando, com o pretexto de que tinha estalado uma sublevação nalguma região longínqua, mandava realizar uma leva ou recruta entre os tártaros e levava cinco ou dez homens entre cada cem.

Estas medidas irritavam tanto os tártaros que empreenderam a marcha até ao norte, atravessaram o deserto e estabeleceram-se longe das regiões em que governava o Prestes João.

Foi então que elegeram uu chefe, homem valente, justo, virtuoso e sábio, que foi amado mais como um deus do que como rei. Este homem foi Genghis Khan, nome que significa «poderoso senhor».

Os planos deste homem eram muito ambiciosos e para os executar ordenou que se fabricassem arcos e armas de todos os géneros, adestrou os tártaros na arte da guerra e um dia, à frente de um poderoso exército empreendeu a marcha contra os seus vizinhos e não tardou em conquistar nove províncias.

A sua conduta, diz Marco Polo, era tão boa e tão digna que todos os povos submetidos o respeitavam e se sentiam contentes sob a coroa de Genghis Khan.

Quando o Prestes João teve conhecimento de que os seus antigos súbditos cresciam em poder e força, ficou furioso; mas esta foi ainda maior quando uma dia apareceu um embaixador tártaro e lhe disse:

— Em nome de Genghis Khan, venho pedir-te a mão da tua filha, Prestes João, pois o meu senhor deseja tê-la por esposa e selar assim uma grande amizade contigo.

— Como se atreve o teu senhor, sabendo que é meu vassalo e meu servidor, a pedir a mão de minha filha? Diz-lhe que se voltar a repetir tão orgulhoso desejo o mandarei matar duma morte vergonhosa.

Genghis Khan esperava esta resposta. Reuniu o seu imenso exército e avançou sobre as terras de Prestes João. Em poucos dias as duas enormes massas de soldados acampavam a umas dez milhas de distância uma da outra.

Genghis Khan mandou chamar os seus astrólogos e adivinhos e ordenou-lhes:

— Dizei-me quem vencerá nesta luta que se avizinha.

Os astrólogos reuniram conselho e agarraram num junco, dividiram-no cuidadosamente em duas partes e em cada uma delas escreveram um nome. Numa escreveram «Genghis Khan»; na outra, «Prestes João». Colocaram-nas no solo separadas e a pouca distância.

— Pelo poder dos nossos ídolos e a força da nossa magia, estes dois juncos vão pelear. O que se colocar sobre o outro será o vencedor na batalha que se avizinha.

Lentamente, pelo poder da magia, os juncos começaram a mover-se e finalmente o que tinha o nome de «Genghis Khan» ficou por cima do outro.

Um grito ensurdecedor de vitória e afã de luta atroou o ar, e, sem que ninguém pudesse contê-lo, o exército dos tártaros lançou-se ao combate. Em vão Prestes João tentou resistir, pois foi inútil, e no fragor da batalha morreu.

Genghis Khan casou com a filha do rei vencido e continuou batalhando sem parar, dominando povos e cidades, sempre de triunfo em triunfo, invencível à frente dos seus tártaros, até que um dia, no sítio do castelo de Thai-gin, foi ferido num joelho por uma flecha envenenada. A ferida infectou e o poderoso senhor deixou de existir, sendo enterrado no monte Altai.

X

O GRANDE KHAN E OS TÁRTAROS

Os sucessores de Genghis Khan foram: Cuy Khan, Batury Khan, Alacou Khan, Mongou Khan e Kublai Khan.

Este era tão poderoso, segundo Marco Polo, que se reuníssemos o poder dos seus cinco antecessores e se ainda se somassem todos os reinos cristãos com os seus imperadores e reis — e ainda todos os maometanos e infiéis —, mesmo assim não teriam tanto poder como Kublai Khan, que era senhor de todos os tártaros do mundo e o seu império estendia-se do levante ao poente.

Depois de Genghis, todos os Khan foram enterrados na montanha de Altai, por muito afastados que tivessem morrido dela, e era costume que a comitiva que levava o cadáver ordenasse a morte de toda a pessoa que encontrasse pelo caminho, dizendo-lhe: «Morre, para que possas servir a teu senhor na outra vida». E assim matavam-se cães, cavalos e seres humanos.

Quando morreu Mongou Khan, por esta razão mataram-se mais de vinte mil pessoas.

Os tártaros eram gente que nunca estava quieta num sítio, eram nómadas por natureza. Como viviam do produto dos seus rebanhos, pois alimentavam-se de carne sem se importarem se era de cavalo, camelo ou cão, mudavam com grande frequência de lugar em busca de pastos.

Viajavam em carros de quatro rodas, nos quais iam as suas mulheres e as suas tendas, que construíam e armavam com varas redondas cobertas de feltro e levavam-nas com eles como um pacote.

A família tártara era um modelo, pois as mulheres amavam e respeitavam os seus maridos e havia entre eles grande correcção e amizade. O homem casava-se com uma mulher, que era a esposa principal; mas depois podia ter aquelas que quisesse e geralmente ficava com as esposas do pai quando este morria, excepção feita para a mãe.

Preparavam uma bebida muito boa à base de leite de égua fermentado e batido dentro duma bolsa de coiro; parecia um vinho claro e chamava-se «kermus».

Os tártaros acreditavam num deus celestial e em outro deus chamado Natigay, que eles tinham como uma divindade que protege a terra, os filhos, as mulheres e a sua felicidade neste mundo. Por isto, cada família possuía um ídolo, e, ao comer, separavam um pedaço de carne que esfregavam contra a boca do ídolo e lançavam o resto fora, pois supunham que os espíritos que vagueavam pelos campos se alimentavam com eles.

Marco Polo pôde observar um costume estranho que foi a boda entre dois defuntos. Esta realizava-se, por exemplo, se dois homens sabiam que seus filhos tinham morrido (rapaz e rapariga). Esta boda tinha a mesma validez como se fossem vivos e as famílias consideravam-se aparentadas.

XI RUMO AO PALÁCIO DO GRANDE KHAN

Deixaram para trás a cidade de Karakoran, e as montanhas de Altai, cemitério de imperadores, e prosseguiram a marcha até ao noroeste.

— Agora internamo-nos pelas regiões que pertenceram ao Prestes João — observou Marco Polo.

Por fim, os infatigáveis viajantes chegaram a Shandu, onde o poderoso Kublai Khan tinha construído um palácio de mármore e outras pedras de valor. Os vestíbulos e as salas ficavam muito formosas com as pedras preciosas.

Dentro deste palácio real havia grandes e extensos prados, jardins atravessados por uma infinidade de riachos, havendo por isso uma vegetação abundante e esplêndida. Sobre a erva corriam veados e cabras que eram o alimento dos gaviões e falcões de caça do imperador. Estes eram em número de duzentos ou mais ainda.

Quando saía à caça, levava, sobre cavalos, leopardos domesticados, que soltava. Como uma flecha, saltavam do cavalo e lançavam-se em perseguição do veado ou da cabra, que corria para salvar a vida; mas o leopardo, com os olhos injectados de sangue, perseguia-os, dando enormes saltos. O imperador, a cavalo, seguido dos nobres e dos convidados, galopava rapidamente. De repente, o leopardo dava um salto mais largo e o infeliz veado caía entre as suas garras e era devorado.

Este relato parecerá incrível, mas era tão grande o terreno da cerca, incluía tantos campos, bosques e prados que, apesar de a caçada durar horas, não se saía do terreno envolto pelas muralhas.

Seriam talvez as cavaliças as mais esplêndidas riquezas do Grande Khan. Possuía dez mil cavalos, todos brancos como a neve, e o leite das éguas só podia ser utilizado pelo imperador e uma família chamada Horiad, privilégio este devido à heroicidade dum dos seus antepassados. Ninguém se atrevia a atravessar os prados onde pastavam os cavalos do imperador e, ainda menos, fazer-lhes mal, pois se expunham a terríveis penalidades.

*

Os feiticeiros e astrólogos do Grande Khan determinavam o momento favorável para que este oferecesse o leite de égua aos espíritos. Costumava ser vinte e oito dias após a lua de Agosto. Então o imperador lançava ao ar leite de égua para alimentar os espíritos. E se chovia, os magos subiam ao telhado do palácio real e com a sua magia afugentavam a chuva, e chegava a dar-se o caso de chover em toda a região e não chover sobre o palácio real.

Estes magos viviam sujos, não se penteavam nem cuidavam de si e não tinham respeito nem por eles nem por ninguém.

Quando o Grande Khan queria comer, eles faziam uma demonstração do grande poder da sua magia. Conseguiram que os copos se enchessem sem que as garrafas lhes tocassem e que os copos se aproximassem das mãos do Grande Khan. Ao aproximarem-se as festas dos ídolos, dirigiam-se ao palácio real a pedir os presentes ao imperador para agradarem aos falsos deuses.

— Para que as nossas colheitas não sejam más, para que o fogo não queime os nossos grãos e a peste não mate os nossos gados — pediam os feiticeiros —, vimos pedir ovelhas de cabeça negra, incenso e aloés para celebrar os nossos ritos com solenidade.

Nestas regiões existiam mosteiros tão extensos que poderiam passar por pequenas cidades, pois alguns deles abrigavam mais de dois mil monges. Costumavam ir com a cabeça e a barba enfeitadas e celebravam as suas festas com grande aparato de música e canto.

Alguns destes monges pertenciam a uma seita chamada *Sensi*, privavam-se de grande número de comodidades e apenas comiam farelo cozido.

*

Chegado ao fim da sua penosíssima viagem, Marco Polo dispôs-se a falar da magnificência do grande Senhor dos Senhores, o imperador dos tártaros, o poderoso Kublai Khan.

LIVRO SEGUNDO

DESCRIÇÃO DE KUBLAI KHAN, SUA CAPITAL E A SUA VIDA

I

A REBELIÃO DE NAYAN E A SUA DESTRUIÇÃO

Kublai Khan, descendente directo de Genghis Khan, começou o seu reinado no ano de 1256. Desde muito jovem tinha tomado parte em combates e demonstrado não só a sua coragem, mas também que era o chefe tártaro mais inteligente e capaz. Ao chegar à plenitude do seu poder deixou de batalhar e dedicou-se a governar os seus extensos territórios e gozar do seu palácio e das suas riquezas.

Existia então um chefe chamado Nayan, parente de Kublai Khan e homem valente, pois não tinha mais de trinta anos e já comandava um exército de trezentos mil cavalos; mas era homem ambicioso e estava cansado de prestar vassalagem a Kublai Khan seu senhor.

Chamou uns mensageiros e ordenou-lhes:

— Parti para o Este e dirigi-vos a terras de Kaidu (este era sobrinho do Grande Khan, mas estava em más relações com ele). — Dizei-lhe que possuo trezentos mil cavalos para combater. Se está disposto a unir-se a mim, cairemos sobre Kublai Khan e ninguém será capaz de se opor à nossa vontade.

Ao cabo de um certo tempo o mensageiro voltou com boas notícias:

— O poderoso Kaidu diz que está disposto a unir-se a ti com cem mil cavalos de combate.

Mas estas coisas não se fizeram com tanto segredo que não chegassem aos ouvidos do Grande Khan. Quando este soube da traição que ia levar a cabo o seu vassalo Nayan e o perigo que o seu reino corria, ordenou:

— Mandai os homens necessários para que se fechem todas as

passagens nas montanhas que conduzem às terras de Kaidu e de Nayan. — E a outros dignitários: —Vós ordenai que as tropas que se encontram acampadas a uma distância de dez dias de marcha de Kambalu venham à minha presença. Devem ser mais de trezentos mil homens.

O exército de Kublai Khan pôs-se a caminho. Entretanto, os homens que defendiam as passagens das montanhas tinham retido todos os que iam ou que vinham.

— Agora concedo dois dias de descanso aos meus homens; ao nascer da alva do terceiro, atacaremos — ordenou o imperador.

Quando amanheceu o terceiro dia, Nayan dormia na sua tenda alheio ao perigo que o ameaçava. O seu exército não tinha guardas avançadas e ninguém o preveniu do que se estava preparando.

Só então foi avisado: — Senhor... aproxima-se um grande exército... É o Grande Khan...

Kublai tinha dividido o seu exército em trinta esquadrões de cavalaria de dez mil guerreiros cada um. À frente de cada esquadrão tinha quinhentos infantes com espadas e lanças curtas. Uma infinidade de instrumentos de sopro acompanhados duma imensa gritaria e uns cantos bélicos ensurdecedores anunciaram que Kublai Khan avançava.

Enquanto o exército do Grande Khan avançava, ameaçador, em ordem imponente e magnífica, corria por entre os homens de Nayan a voz de alerta. A pressa e o nervosismo propagavam-se, mas aqueles guerreiros também adoravam o seu chefe e dispunham-se a lutar sem tréguas.

Caracolavam os animais, avançavam, recuavam, saltavam e os ligeiríssimos infantes do Grande Khan exercitavam uma terrível táctica longamente ensaiada. De repente, fingia-se uma fugida e cada homem a pé saltava sobre a garupa dum cavalo que fugia. Os guerreiros de Nayan atacavam... e, de repente, voltavam a enfrentar-se com os de Kublai e os infantes saltavam agilmente em terra e feriam os cavalos com as suas lanças.

Houve um instante em que o combate se interrompeu. A vitória não era de ninguém, mas os inimigos não podiam atacar-se porque uma barreira de homens e animais feridos, mortos ou agonizantes, cobria o campo. Então viu-se, por cima de todas as cabeças, ocupando o centro do combate, o castelo de Kublai Khan.

Era um autêntico castelo de madeira, atestado de besteiros e de atiradores de flechas destríssimos. As paredes deste pequeno castelo

estavam forradas de coiro endurecido sobre as quais se viam colchas de seda revestidas de ouro puro. E, tremulando ao vento, o estandarte do imperador, e este, vestido com os seus melhores trajes de guerreiro, dirigindo o combate.

Porque o castelo de Kublai Khan avançava sobre os lombos de quatro elefantes e o corpo dos enormes paquidermes também estava protegido por chapas de coiro e ouro. E o estandarte ondulava, mostrando as insígnias do Sol e da Lua.

Então Nayan, compreendendo que quando se reiniciasse a batalha a sua sorte seria a derrota, fugiu.

Demasiado tarde. As alas do exército imperial tinham cercado o campo e o exército de Nayan caiu prisioneiro.

Então viram-se chegar milhares de falcões, abutres e aves comedoras de carne em decomposição, para se saciarem, com os corpos dos mortos.

*

— Nayan, traidor a teu rei e teu senhor, vou dar-te a morte para que sirva de exemplo a todos os traidores e a todos os que sonham com vencer Kublai Khan; mas sou justo e não quero torturar-te, pois não me é permitido derramar o sangue da minha família.

Assim, Nayan foi atado entre duas alfombras e uns criados açoitaram-nas até que o espírito do traidor se separou do corpo, pois nem o sol nem o ar deviam presenciar o derramamento do sangue real. As tropas de Nayan prestaram juramento de fidelidade a Kublai Khan e este, que era nobre e bom, perdoou-lhes.

II A CIDADE NOVA, A CIDADE VELHA E A REBELIÃO

Taidu é o nome da nova cidade que o imperador fez construir em substituição de Kambalu, pois os astrólogos disseram que esta seria teatro duma luta fratricida.

Taidu tinha uma forma perfeitamente quadrangular, sendo cada lado duns doze quilómetros. Estava cercada de muralhas cuja base era de uns seis passos e reduziam-se até três na plataforma da ronda. As

muralhas eram brancas, terminadas por ameias pontiagudas.

As ruas tinham sido traçadas com a ajuda de cordel e eram tão rectas que formavam como que um imenso tabuleiro de xadrez. Cada lote ou quadrado era tão grande que permitia a construção de palácios e de jardins. Destinou-se um quadrado a cada chefe de família nobre e nele se construiu o seu palácio.

Cada lado da muralha tinha três portas e sobre cada uma delas havia um edifício onde se guardavam as armas dos homens que defendiam a cidade, que eram uns mil por cada porta, mas não por temor dum ataque, mas para maior honra do soberano e do nobres.

*

Existia um conselho de doze pessoas que podia dispor das terras e de tudo o que pertencia ao Estado por delegação do Grande Khan; mas houve um homem ambicioso, um sarraceno chamado Achmac, que foi suficientemente astuto para conquistar a simpatia do Grande Khan, e este, satisfeito com as suas lisonjas, permitia-lhe toda a espécie de liberdades. Ele nomeava para os empregos públicos, pronunciava sentenças e designava governadores como se fosse o próprio imperador. Limitava-se a informar desta forma:

— Grande Khan, tal pessoa cometeu um grande crime e merece a morte.

— Ordena o que aches conveniente, meu caro Achmac — respondia o Grande Khan.

E a pessoa a quem o sarraceno tinha ódio e, o que ainda é mais, estava inocente, morria sem que ninguém se atrevesse a defendê-la. A sua autoridade chegou a ser tão grande, que quando uma pessoa era acusada por Achmac podia considerar-se morta, dado que ninguém ousava defendê-la nem encontrava advogado que a ajudasse, pois todos temiam o odioso sarraceno.

Assim morreram injustamente numerosas pessoas e as suas riquezas foram confiscadas por ele, que enriquecia cada vez mais.

Se sabia da existência de alguma mulher formosa, mandava um emissário ter com o pai da beldade e dizia-lhe:

— Sei que tens uma filha cuja formosura é igual à do sol. Porque não tentas que o vice-rei Achmac a tome como esposa? Deste modo conseguirias chegar a governar alguma cidade.

E o pai, seduzido pela promessa, não tardava em oferecer a sua

filha como esposa a Achmac, que as possuía em grande número. E quando o governo duma cidade ficava vago dava-o, não à pessoa mais capaz pela sua sabedoria e honestidade, mas sim aos pais das suas mulheres. O Grande Khan nada sabia destas coisas, pois todos receavam dizer mal de Achmac, já que aquele o tinha em grande estima e o julgava justo e bom.

Durante vinte anos. Achmac exerceu um governo despótico.

*

Os que mais sofriam com ele eram os habitantes de Catai, pois o sarraceno dava os melhores empregos a amigos da sua religião e a tártaros, os quais se distinguiam dos cataianos pelo facto de serem imberbes, enquanto os tártaros e sarracenos usavam barba.

Um deles, um cataiano chamado Chen-Ku, tinha sido extraordinariamente ofendido por Achmac, o qual lhe tinha roubado a filha e a mulher, e ardia em desejos de vingança; por isso se pôs em contacto com outro chamado Van-Ku que também tinha sido ofendido por Achmac.

— Tenho sob as minhas ordens seis mil homens, Van-Ku, e sei que tu dispões de dez mil.

— Nada podemos contra o poder do Grande Khan.

— Eu sei, mas se aproveitarmos a altura em que o imperador vai a Shandu passar o Verão e o filho também se vai embora, então será fácil o apoderarmo-nos de Achmac e matá-lo. Uma vez ele morto, a paz renascerá, porque nada temos contra o Grande Khan.

A voz desta sublevação correu entre as famílias e os chefes cataianos mais poderosos, e tudo isto não chegou aos ouvidos de Achmac nem do Grande Khan, pois souberam manter o segredo.

— O sinal será um fogo que se acenderá nos edifícios mais altos da cidade. Então, todos os conjurados virão para a rua e matarão todos os homens que usem barba, sem distinção.

— Compreendido, Chen-Ku; então, tu e eu entraremos no palácio e levaremos a cabo o plano previsto.

A primeira parte compreendia a morte de Achmac e deviam-na realizar Chen-Ku e Van-Ku. Uma vez realizada esta, estalaria a sublevação. Como estes dois eram homens influentes, tinham entrada no palácio, e especialmente quando o Grande Khan e o filho estavam ausentes. Assim o fizeram e com grande ousadia o ordenaram.

— Vamos, pronto, acendei as luzes no salão do trono que regressou o filho do imperador. E tu manda chamar o vice-rei Achmac e diz-lhe que o filho do Grande Khan deseja vê-lo imediatamente.

Os servidores partiram sem demora a cumprir estas ordens e Achmac vestiu-se à pressa e muito espantado que o filho do Grande Khan tivesse vindo tão depressa.

Ao passar pela porta da cidade, um oficial chamado Kogotai saudou-o, perguntando-lhe se desejava alguma coisa, ao vê-lo tão tarde e tão apressado.

— O filho do imperador chamou-me.

— Como é possível que eu não o saiba? — respondeu o oficial. — Pois se o filho do imperador tivesse chegado, um corpo da guarda ter-lhe-ia prestado honra até ao palácio.

— Isto foi o que me disseram. De qualquer modo, segue-me com alguns dos teus homens.

Entraram no salão do trono e viram nele sentada uma figura. Achmac prostrou-se.

Imediatamente a figura se ergueu e brandindo uma espada cortou a cabeça do sarraceno Achmac. Era Van-Ku, o qual deu uma voz avisando Chen-Ku: tinham triunfado. Mas a voz desfaleceu-lhe porque Kogotai, o oficial da guarda, tinha disparado uma flecha que lhe atravessou o coração. Então os soldados tártaros entraram e prenderam Chen-Ku. Rapidamente Kogotai ordenou:

— Avisem os soldados da guarda para que saiam e matem a quem encontrarem pelas ruas da cidade, pois estão em conivência com estes homens.

Quando os cataianos conjurados viram que passavam em todos os sentidos soldados tártaros em ar de vigilância e alerta, compreenderam que a sublevação tinha fracassado, ainda que não pudessem supor que Achmac estava morto. Abstiveram-se de fazer sinais a outras cidades e ninguém mais se sublevou.

O oficial Kogotai deu rapidamente ordens, mandou um mensageiro ao Grande Khan contando-lhe o ocorrido, procedeu a um interrogatório de Chen-Ku, que tinha caído prisioneiro, e começou a castigar as famílias da cidade implicadas na sublevação.

Quando o Grande Khan regressou apressadamente à cidade, quis saber com minúcias o que se tinha passado. Então, como Achmac tinha morrido, o terror que tinha calado muitas bocas desapareceu e muitos falaram mal dele, e o imperador pôde reflectir e proceder com

justiça.

Mandou que todos os tesouros do sarraceno passassem para o seu palácio. O cadáver de Achmac foi retirado da sua tumba e entregue aos cães, que o devoraram, e sete dos seus filhos que tinham cometido inumeráveis faltas foram esfolados vivos.

Reflectindo sobre os princípios da odiada seita dos sarracenos que lhes permitia entregar-se a toda a espécie de crimes e até a assassinar aqueles que diferiam em pontos de fé, o Grande Khan sentiu por eles desprezo. Chamou-os, por conseguinte, à sua presença e proibiu-lhes continuarem com muitas práticas que a sua lei lhes mandava cumprir, obrigando-os a que de futuro efectuassem os seus matrimónios de acordo com o costume dos tártaros e que em lugar de matar os animais para a sua alimentação, cortando-lhes a garganta, lhes abrissem o ventre.

Os habitantes de Catai louvaram a justiça do Grande Khan.

III AMIZADES DO IMPERADOR

O Grande Khan tinha um corpo de guarda formado por doze mil homens a cavalo chamados «hasitan», nome que significava «soldados devotos a seu amo». Durante três dias e três noites três mil homens mantinham o serviço de guarda no palácio, enquanto os outros descansavam, mas estavam aquartelados. Ao quarto dia entravam outros três mil, e assim sucessivamente.

*

Havia uma festa muito grande no princípio do ano que, segundo o calendário tártaro, era nos meados de Fevereiro. Chamava-se a Festa Branca, pois toda a gente vestia fato branco para simbolizar que se desejava boa sorte e que o ano que começava não traria qualquer espécie de desgraças, antes prazer e felicidade.

Pela manhã, reuniam-se os príncipes, nobres, senhores, astrólogos, governantes, médicos, falcoeiros, prefeitos e administradores das terras; enfim, todos os que estavam sob as ordens do Grande Khan e apresentavam-se perante o soberano para lhe render tributo. Então aparecia o soberano e uma voz dizia:

— Inclinaí-vos e saudai.

E a imensa multidão de dignitários inclinava-se até tocar com a testa no solo.

— Deus abençoe o nosso senhor e lhe dê muitos anos gozando de felicidade — dizia de novo a voz.

— Que Deus o queira — murmurava a assistência.

— Que Deus aumente as riquezas e a prosperidade do seu império; que dê a todos os seus súbditos paz e alegria e que haja abundância em todas as terras — ouvia-se pela terceira vez.

— Que Deus o queira — faziam em coro outra vez os assistentes.

*

Chegado o Inverno e na época do frio, o imperador dava ordem de abrir a temporada de caça numa extensão de quarenta dias a contar da corte. Neste imenso espaço os governadores e os chefes eram obrigados a empreender uma caçada geral. Às vezes, o imperador assistia, mas como não podia abarcar tamanha extensão de terreno tinham de ser muitos os governadores que caçassem por sua conta.

Organizavam-se inúmeras batidas e os ursos, cervos, veados, etc., eram encerrados em grandes círculos onde se lançavam os cães ou onde eram mortos a golpes de flecha e de lança. Então eram desventrados e as suas peles e cabeças mandavam-se ao palácio real.

*

A caçada mais impressionante era a que realizava o imperador empregando as suas feras. Possuía lince e leopardos destros na caça e também um grande número de leões, que utilizava para lutar contra os javalis, bois selvagens, ursos e lobos.

Marco Polo impressionou-se com a maneira como caçavam com a águia amestrada. Enormes águias reais eram empregadas nisso. A ave, cujas asas imensas e poderosas cobriam o céu, elevava-se a grande altura e, de repente, descia veloz como uma pedra que cai do alto e as suas unhas cravavam-se na espádua do lobo e arrebatava-o no ar como se fosse um coelho.

Até ao mês de Março o imperador saía com dez mil falcoeiros para dedicar-se à caça em direcção ao oceano e pelas bacias dos rios.

Estes dez mil homens espalhavam-se para limitar o terreno e levavam falcões, gerifaltes e sacres, que são aves de rapina que, quando se lhes descobre a cabeça e se soltam, se lançam à caça dos animais menores que encontram. Cada falcão levava uma anilha com o nome do seu dono e do seu guarda. Dez mil «taskael», que significa «homem que vigia», tratavam de devolver os falcões e a peça caçada ao seu dono.

Como era possível que alguma coisa se perdesse, quer fosse cavalo, falcão ou espada, sobre um monte e debaixo duma bandeira especial encontrava-se um «bulangazi», ou seja um homem encarregado de recolher tudo o que se perdia no campo de caça e ali o ia buscar quem tinha perdido.

Ao chegar a noite acampavam todos. A tenda do Grande Khan era tão grande que nela podia conceder audiência a dez mil homens, mas geralmente ocupava outra tenda contígua mais reduzida, onde estava com os seus oficiais íntimos e alguns indivíduos da sua nobreza. Além disso, tinha outra câmara onde dormia e ainda havia uma infinidade de tendas para as suas mulheres, filhos, criados e nobres que o acompanhavam.

Nestas temporadas de caça, as tendas eram forradas exteriormente de pele de leão e no interior com peles de arminho e marta, que são as mais caras e ricas do mundo.

Não é possível calcular a quantidade de animais que se podiam caçar nesta temporada, que terminava na primeira vigília da Páscoa, pois as aves abundavam em grande quantidade devido a ser severamente proibido que se caçasse animal feroz ou pássaro a menos de vinte quilómetros do lugar elegido pelo Grande Khan para a sua diversão.

Por este motivo os animais reproduziam-se com grande facilidade, ainda que com a mesma facilidade fossem exterminados em número prodigioso.

*

A vida do Grande Khan repartia-se, pois, deste modo:

Ao chegar desta expedição da Páscoa, o imperador dava uma festa que costumava durar três dias, festa esplêndida onde não se economizava nada. Depois, dirigia-se ao palácio das canas de bambu, em Shandu, e ali permanecia durante o Verão escapando ao calor. Quer dizer, de Maio a princípios de Setembro, mês em que voltava à

capital, onde permanecia até Fevereiro.

Em Fevereiro, tinha lugar a grande Festa Branca, já citada.

Chegava Março e empreendia a grande expedição de caça, que durava até Maio, altura em que voltava a dirigir-se ao palácio de caça.

Desta forma, entre caçadas e diversões várias, decorria a vida do Grande Khan, o mais poderoso imperador da terra.

IV

COMO ERAM GOVERNADAS AS CIDADES

Kambalu era uma cidade enorme. Cada uma das suas doze portas dava entrada a um subúrbio e todos eles eram maiores do que a própria cidade. Nos subúrbios alojavam-se os comerciantes e uma multidão de pessoas que acudiam, em constante torrente, à cidade, desejosas de negócios, prazeres, riquezas, etc. As casas destes subúrbios eram muito formosas, algumas delas tanto como as do interior das cidades, pois tinham comerciantes muito ricos. Não era permitido enterrar cadáveres nos arredores, mas era ali que se faziam as execuções públicas dos criminosos.

Da Índia e do Oriente chegavam continuamente caravanas e mais caravanas. Número não inferior a mil carros com sedas e tecidos de todos os géneros entravam diariamente nestes arredores e nesta cidade.

*

Maravilhou enormemente Marco Polo o ter encontrado uma fábrica de moeda de papel quando em Veneza e na Europa inteira não se conhecia outra moeda que não fosse a metálica.

Em Kambalu existiu uma fábrica de moeda que trabalhava de maneira muito aperfeiçoada e muito eficaz. Da casca da árvore de amoreira extraíam uma pele interna que impregnavam de água e esmagavam num almofariz e daquela polpa fazia-se o papel. Este papel cortava-se em bocados regulares de diferentes tamanhos.

Empregados designados pelo Grande Khan cunhavam um a um os pedaços de papel-moeda e punham-lhes um selo próprio. Quando estes tinham terminado, o papel assim firmado e selado passava ao guarda do selo real, o qual o impregnava de cinábrio e estampava-o de

modo que não fosse possível falsificá-lo. Além disso, ninguém se atrevia a fazê-lo, pois a morte seria o castigo que aguardaria fatalmente o louco que tal tentasse.

*

O Conselho dos Altos Oficiais era como que os olhos, os ouvidos e os braços do imperador. Formavam-no doze nobres eleitos cuidadosamente, os quais tinham como missão ajudar o Grande Khan na dura tarefa de governar o seu imenso império. Tinham que decidir destinos, substituir governadores, nomeá-los, designar os oficiais que melhor se portavam no campo de batalha, etc.

Era o Thai, que significa «Corte Suprema», e só tinha que prestar contas perante o imperador.

Sing era o nome de outro tribunal de doze dignitários, inferiores aos primeiros mas que tinham a seu cargo o governo directo das províncias e dos reinos. O Sing estava num palácio com tantas repartições e salas quantas as províncias sobre as quais tinha acção. À frente de cada uma havia uma espécie de advogado especialista numa determinada província. O Sing cuidava da cobrança dos impostos, alfândegas e todos os assuntos menores de cada província, mandando e superintendendo em tudo, excepto no referente ao exército.

*

Quantos caminhos iam e vinham dar à capital? Infinitos, pois a partir dela era possível chegar aos lugares mais afastados do mundo. A intervalos de cinquenta quilómetros existiam casas de posta chamadas «yamb», belas e bem arrançadas, onde os dignitários e pessoas de importância podiam descansar e pernoitar. Cada «yamb» tinha, pelo menos, quatrocentos cavalos de muda, a fim de substituir os animais cansados depois da viagem, podendo os viajantes partir com cavalos descansados.

O Grande Khan em pessoa cuidava destas postas, pondo à frente delas homens dignos que cuidavam das terras e tinham comida e cavalos a postos, de tal forma que depressa florescia uma cidade à volta da posta. Desta forma tinha conseguido este inteligente imperador que fosse extremamente fácil viajar pelo seu império e que os mensageiros reais encontrassem cavalos e comida em lugares

oportunos. Com este sistema encontravam-se espalhados por todo o território postas em número não inferior a dez mil e cavalos num total de uns duzentos mil.

*

A população daquelas regiões era, com efeito, enorme, devido ao facto de cada homem ter várias mulheres, alguns mais de dez, e, portanto, não era raro que tivessem trinta filhos. A sua comida era simples, dado que se alimentavam de arroz, painço e milho, que cultivavam facilmente. Não comiam pão, pois o trigo era convertido em aletria, mas eram tão cuidadosos com a terra que não permitiam que existisse um palmo por cultivar, quer semeada, quer para pasto de gado.

Era tão perfeito o sistema de correios organizado nos domínios do Grande Khan que em cada três milhas, ou seja uns seis quilómetros, existiam correios que levavam as cartas a pé. Em volta da cintura levavam umas campainhas. Assim que se ouvia no posto o som destas, e quando o mensageiro-estafeta tinha chegado, outro partia imediatamente. Com este sistema, em dois dias e duas noites realizava-se um serviço que normalmente levaria dez dias se o fizesse um único homem.

O mais curioso era ver os mensageiros reais quando tinham que transmitir uma ordem urgente, como em caso de revoltas, guerras ou calamidades. Então saíam geralmente montados e corriam até chegar à posta. Mostravam as tabuinhas do imperador e proporcionavam-lhes imediatamente cavalos descansados e frescos. Saltavam sobre eles e continuavam galopando. Assim percorriam duzentas ou trezentas milhas (uns quinhentos quilómetros) num dia, comendo enquanto corriam e sem descansar um instante.

Em caso de grande apuro continuavam a galopar durante a noite, e, se não havia lua, eram acompanhados até à posta seguinte por pessoas a pé que corriam diante deles com luzes, para que o caminho fosse perfeitamente visível e nem a montada nem o mensageiro do Grande Khan sofressem nenhum dano.

V
O CORAÇÃO DO GRANDE KHAN
ERA GENEROSO

Espalhados pelas suas províncias, tinha o imperador celeiros especialmente construídos e dava ordens para que estivessem sempre cheios e bem conservados.

Cada ano, numa época determinada, enviava emissários seus a todas as províncias para se inteirarem se tinham sofrido alguma desgraça, como, por exemplo, inundações, más colheitas, pragas de gafanhotos, etc. Neste caso, não só se abstinha de lhes cobrar impostos, mas também lhes vendia cereais dos seus próprios celeiros quatro ou cinco vezes mais barato do que o preço do mercado. O mesmo fazia quando num distrito tinha havido uma mortandade de gado. Então mandava parte daquele que possuía, pois recebia um décimo de todos os rebanhos.

A generosidade do Grande Khan era tão grande que se um rebanho sofresse percas por causa das trovoadas, não exigia o tributo que lhe deviam durante três anos; o mesmo fazia com as mercadorias que chegavam num barco que tinha sido atacado pela trovoada.

— Com o fogo do céu — dizia — Deus demonstra que está ofendido com o proprietário do rebanho ou do barco. Não quero, portanto, uma parte das coisas marcadas com a ira divina.

*

As estradas deste país às vezes desapareciam debaixo de fortes nevões. Então o viajante não podia encontrar o caminho. O imperador, para evitar isto, tinha estabelecido que de dez em dez passos se plantassem árvores que chegavam a ter grande altura. Assim, apesar, de a neve ter tapado o traçado do caminho, as caravanas sabiam por onde haviam de ir.

Se o caminho atravessava lugares desérticos e pedregosos em que não se podiam plantar árvores, mandava erigir colunas de pedra que serviam de sinais.

*

Marco Polo nunca pôde imaginar que do arroz se extraísse um

vinho delicioso. Pois bem, os habitantes de Catai preparavam um vinho de arroz tão forte e aromático como qualquer outro.

A gente deste país era muito limpa e as casas de banhos trabalhavam intensamente, pois toda a pessoa que podia se banhava três vezes por semana e no inverno quase todos os dias.

— Como é possível — perguntou Marco Polo — que num país onde a madeira escasseia tanto se possam acender tantos fornos?

— Acendemo-los com pedra negra — responderam-lhe, mostrando-lhe um bocado de carvão de pedra.

Tem que se ter em conta que na Europa não se conhecia o carvão mineral e Marco Polo maravilhou-se ao ver que uma pedra, pesada, brilhante e dura, se queimava e incendiava.

*

O Grande Khan recebia grandes quantidades de seda, linho e algodão como dízimo. Estes eram tecidos em lugares adequados, mas tinha um edifício onde todo o tecelão era obrigado a trabalhar um dia por semana sem receber fêria; trabalhava grátis para o imperador. O produto deste trabalho servia para confeccionar roupas para famílias necessitadas.

Quando uma família respeitável e remediada, por revés de fortuna, se via na miséria, funcionários especiais do imperador comunicavam-lho e este mandava-lhe dinheiro para que eles vivessem comodamente durante um ano. Se a sua situação continuava má, ao fim dum ano voltava a entregar-lhe quantia idêntica para viverem condignamente e para que não se vissem sujeitos à caridade pública. Ao chegar o Inverno entregava-lhes uma porção de tecido para que confeccionassem trajes adequados.

Os antigos tártaros consideravam a miséria como um castigo de Deus e se um pobre solicitava auxílio, afastavam-no com empurrões, gritando-lhe: «Deves merecê-lo, pois se Deus te amasse a ti como me ama a mim não te teria castigado com esta miséria. Vê como eu prosperei!»

Os «baksis», astrólogos e sacerdotes idólatras, disseram ao Grande Khan que ajudar os pobres era um acto agradável a Deus. A partir de então, todo o necessitado que chegava ao palácio tinha ajuda e não saía com as mãos a abanar.

Marco Polo assegurava que no palácio se davam, por dia, vinte

mil vasilhas de arroz, milho e painço. Por isso os pobres adoravam o Grande Khan como um Deus.

Nesse país as pessoas não moviam um dedo sem consultar o astrólogo. Se se dizia a este o dia, mês e ano do nascimento e inclusive a hora, o homem fazia os seus cálculos e depois emitia o seu prognóstico, dizendo se a actividade que iam empreender era um fracasso ou se seria acompanhada de sucesso.

Os tártaros não determinavam os anos por um número mas por um animal, e tinham um ciclo de doze anos: o ano do leão, do dragão, do boi, etc. Quando chegavam ao fim recomeçavam da mesma forma e daí as pessoas dizerem: «Isto passou-se no ano do leão anterior a este último». Diziam: «faz três leões», queria dizer que se referiam a trinta e seis anos atrás, supondo que o ano actual fosse o do leão.

Estas gentes acreditavam na imortalidade da alma, mas também eram idólatras. Tinham muitos deuses e adoravam-nos todos os dias queimando incenso perante eles. O seu modo de orar era semelhante ao dos muçulmanos, pois levantavam as mãos e depois, inclinando o corpo, tocavam três vezes com ele no solo. A sua oração era sempre a mesma e a todos os deuses pediam um juízo são num corpo são.

Era muito curiosa a sua teoria da transmigração das almas. A metempsicose é, como se sabe, uma crença hindu que, provavelmente, foi introduzida na China por volta do ano 65 da nossa era. Segundo ela, quando um homem morre, a sua alma passa para o corpo de outro, mas não para um qualquer. Depende do comportamento que teve em vida o defunto. Se este era pobre e o seu comportamento foi virtuoso, reencarnar-se-á no corpo dum cavaleiro e depois no dum nobre. Se, pelo contrário, era nobre e desfrutou de comodidades, que empregou para o mal, sua alma passará a ser na primeira transmigração a dum homem grosseiro, para acabar na dum cão, animal que é considerado vil e desprezível entre os hindus e os tártaros.

A amabilidade, a simplicidade e a limpeza eram virtudes tártaras, de modo que todos tinham muito respeito uns pelos outros e os filhos duma maneira especial por seus pais; mas se não tinham, existia um tribunal especialmente encarregado para castigar os maus filhos.

As penas não eram muito severas, pois toda a gente cumpria o seu dever. O estrangulamento era a pena máxima. A pena imediata, três anos de prisão, ao fim dos quais se saía livre, pois cada três anos o Grande Khan concedia um perdão, mas quem tivesse estado preso

conservaria toda a vida um sinal na face para que fosse reconhecido como réu.

O povo de Catai tinha grande predilecção pelos jogos de azar, mas o imperador proibia-os, dizendo:

— Todo o dinheiro que jogais é dinheiro meu, porque o conquistei com a minha espada. Por conseguinte, jogais os meus bens. Proíbo o jogo.

Apesar desta proibição, o Grande Khan nunca se apoderava daquilo que estavam jogando os infractores, mas estes eram castigados severamente.

Era tanto o respeito que os tártaros sentiam pelo seu imperador que, quando estavam a meia milha do palácio, já se comportavam duma maneira completamente diferente da que tinham quando estavam nas aldeias ou vilas. Não faziam o menor ruído, falavam baixíssimo e comportavam-se com muita humildade e sossego. Se alguém gritava ou simplesmente falava mais alto perto do palácio, era severamente castigado pelos seus próprios concidadãos.

Só em raras ocasiões entravam no palácio do Grande Khan. Marco Polo ficou muito espantado porque todos os visitantes que pareciam de condição elevada levavam nas mãos um pequeno vaso. Depois soube porque o levavam e com que objectivo. Parece que os tártaros cuspiam com muita frequência e isto era para eles uma necessidade. Enquanto aguardavam no salão cuspiam no vaso que levavam consigo e depois voltavam a pôr-lhe a tampa.

Além disso, costumavam também levar consigo uns formosos borzeguins de coiro branco. Enquanto aguardavam com os seus criados tinham outros calçados. Quando o imperador os chamava, imediatamente os mudavam antes de passarem ao vestíbulo.

*

Marco Polo nunca tinha podido imaginar que existisse uma raça de homens tão duros e tão fortes. As suas armas eram o arco e as flechas, principalmente, ainda que também usassem lanças. Usavam armaduras de coiro de búfalo, que eram muito resistentes.

Os seus cavalos alimentavam-se exclusivamente de pastos, não comiam cevada nem grão, e os tártaros eram capazes de viver um mês alimentando-se exclusivamente do leite das suas éguas. Mal podiam suster-se ainda no cavalo, aprendiam a permanecer dois dias seguidos

sem desmontar. De noite dormiam sobre o animal enquanto este pastava. Eram tão duros e cruéis consigo próprios, que em caso de extrema necessidade, por exemplo, quando se tinha de cumprir uma ordem muito urgente, eram capazes de viajar dez dias sem comer. Para isso bebiam o sangue dos seus próprios cavalos. Em campanha alimentavam-se de leite de égua que, extraída a gordura ou manteiga, encerravam em bolsas de coiro e misturavam com água. Com o trote do cavalo, o leite era agitado, formando uma bebida que era muito agradável.

Quando um grande chefe tártaro saía para uma expedição, costumava levar consigo cem mil cavalos. Cada dez tinha um oficial, cada cem outro, e assim em formações decimais todo o exército. Dez mil homens formavam um «toman».

VI MARCO PÓLO, EMBAIXADOR

Depois de ter permanecido alguns anos na corte do Grande Khan, Marco Polo chegou a ser tão querido do imperador e este soube apreciar em tão alto grau os seus dotes e a sua inteligência, que o nomeou embaixador e o enviou às terras do Oeste e do Sul para as inspeccionar.

Nas suas memórias narra o que viu e impressionou a sua curiosidade.

*

Dez mil milhas para além da capital existe um rio chamado Pulisangan que desagua no Oceano e é navegável. Ali viu Marco Polo a mais formosa ponte que se pode imaginar. Tinha trezentos pés de comprimento e oito de largura, de modo que dez homens a cavalo podiam avançar numa só fila. Tinha vinte e quatro pilares que sustentavam vinte e quatro arcos de pedra de cor verde.

À entrada tinha arcos de mármore e formosos parapeitos com colunas de mármore maciço que descansavam sobre uma pedra em forma de tartaruga e rematavam por um leão. Possuía longas pedras de mármore lavradas e esculpidas, formando como que um corrimão, e a cada passo uma figura de leão, de tal modo que o conjunto formava

uma construção magnífica.

Uma vez percorrida esta ponte verdadeiramente maravilhosa deparava-se uma região que surpreendia o viajante, que esperava encontrar desertos e miséria. A terra aparecia cultivada com esmero e dava mostras duma fertilidade imprevisível. No meio dos campos erguiam-se belos edifícios que se iam seguindo uns aos outros junto ao caminho, até que passadas umas trinta milhas se descobria uma das maiores e mais formosas cidades da Ásia: Gouza.

Gouza estava cheia de conventos idólatras. Os seus habitantes destacavam-se especialmente pelo fabrico de tecidos de ouro e na confecção de gazes finíssimas. Esta indústria de artesanato sumptuoso traduzia-se por um activo comércio com os restantes povos, pois os tecidos e as gazes de Gouza eram apreciados e solicitados em todo o império.

Como as cidades distavam pouco entre si, reinava entre elas um constante intercâmbio de mercadorias. Os comerciantes iam de uma para outra, sempre procurando melhorar a colocação dos seus produtos. Em toda esta cadeia de cidades se celebravam festas periodicamente e por turnos, rigorosamente. Toda esta actividade comercial se traduzia em constante animação e progresso.

A dez dias de viagem encontrava-se Ta-in-fu, onde ficavam situados os campos de caça do imperador, tão extensos e tão grandes que numa ocasião, como o Grande Khan quase nunca ia caçar para estes sítios, os animais selvagens e as lebres e coelhos multiplicaram-se tanto que chegaram a devastar campos e colheitas, sendo enviada uma embaixada ao Grande Khan para lhe suplicar que pusesse termo a tais males.

Então, o imperador foi caçar e exterminou durante muitos dias enormes quantidades de animais e deu licença a alguns nobres da região para que caçassem na sua coutada.

*

Ao Oeste da cidade de Pi-an-fu existia a fortaleza de Thai-gin, que era muito grande e em cujo interior havia um palácio onde, nas galerias, se podiam ver os retratos de todos os príncipes que tinham governado este castelo.

Um deles foi o Rei Dourado.

Este vivia rodeado de grande luxo e entregue aos prazeres.

Tinha uma corte de formosas donzelas que estavam ao seu serviço e dizia-se que, quando manifestava desejos de passear, estas puxavam a carruagem, no interior da qual, recostado em almofadas, ia o Rei Dourado. Este rei era súbdito do Prestes João e, como sempre sucede, chegou uma altura em que a ambição o cegou e decidiu revoltar-se contra o seu superior deixando de pagar-lhe tributo.

O Rei Dourado sabia-se muito seguro no seu castelo. Este passava por ser inexpugnável no dizer das gentes da comarca. Com efeito, a sua posição não podia ser mais resguardada e estratégica. Qualquer ataque em massa podia ser facilmente desarticulado com perdas insignificantes para os defensores do castelo.

Prestes João, perante a insubordinação do seu vassalo, optou por lhe enviar um emissário para lhe comunicar a sua ameaça de destruir o castelo e passar à espada todos os seus habitantes. O Rei Dourado sempre tinha sido temerário e agora tornara-se orgulhoso.

Assim, disse ao emissário que trazia a mensagem de Prestes João:

— Dizei ao vosso senhor que não temo as suas ameaças. Se se atreve a acercar-se do meu castelo, sofrerá a maior derrota que o seu império jamais sofreu.

— Transmitiremos textualmente as vossas palavras ao nosso amo.

Quando Prestes João soube da fanfarronada do Rei Dourado, ficou cheio de cólera e esteve tentado a cometer uma insensatez. Não podia sacrificar mil vidas só para satisfazer o seu orgulho. O castelo do Rei Dourado podia ser conquistado com mais ou menos tempo, mas não havia dúvida de que não seria coisa fácil e que as perdas seriam muito mais elevadas do lado dos assaltantes.

Prestes João não queria precipitar-se. Ao recobrar a calma veria as coisas mais claras e poder-se-ia dar conta da realidade da situação. Então decidiu tomar conselho com alguns nobres que lhe eram mais dedicados e que mereciam toda a sua confiança. A resposta foi unânime: não valia a pena lavar com tanto sangue e afronta do traidor.

Não obstante, talvez houvesse outro modo de obter o mesmo resultado. A voz correu entre todos os cavaleiros do império e...

Um dia apresentaram-se dezassete deles diante de Prestes João pedindo para escutar as suas palavras.

— Senhor, concebemos um plano para castigar a ousadia do Rei Dourado, que desejamos submeter à vossa opinião.

— Falai, escuto-vos com atenção. Nunca recusei ouvir aqueles que desejam, sinceramente, ajudar-me na minha difícil tarefa de governar.

A benévola resposta do monarca acabou por animar os cavaleiros, e aquele que os chefiava continuou:

— Desejamos vingar Vossa Majestade da afronta que vos fez o Rei Dourado. Se nada aconselha pôr cerco ao castelo, em contrapartida, talvez nos possamos apoderar dele mercê dum stratagem.

— Continua — exclamou Prestes João visivelmente interessado.

— Oferecemo-nos para ir à fortaleza de Thai-gin e procuraremos ser admitidos entre os servidores do rei. Depois já teremos oportunidade para nos apoderarmos dele, e trá-lo-emos vivo às vossas mãos.

Prestes João orgulhou-se de tão fiéis súbditos e, não só aprovou o projecto e alentou a sua arriscada empresa, mas também prometeu recompensá-los largamente no caso de terem êxito.

No dia seguinte os dezassete cavaleiros partiram em direcção a Thai-gin convenientemente disfarçados para que não pudessem ser facilmente reconhecidos. O Rei Dourado tinha tomado grandes precauções e antes de admitir novos servidores fazia-os passar por provas muito duras. Mas aqueles tinham-se inteirado muito bem destas e preparado para qualquer eventualidade. Além disso, receosos de que o rei os pudesse apanhar em falso, tinham-se posto de acordo para dizerem todos a mesma procedência, a maneira como se conheciam uns aos outros, etc.

O rei, como é natural, acolheu-os com muitas reservas. Crivou-os de perguntas, mas eles responderam a todas satisfatoriamente. Em vista disso e já um pouco mais confiado, acrescentou:

— Se na realidade valeis o que dizeis, dar-vos-ei uma oportunidade de o demonstrardes. Necesito, no palácio, de verdadeiros cavaleiros, pois a maior parte das pessoas dos arredores não sabe sequer montar um burro. Tenho uma égua puro-sangue que ninguém pôde dominar. Se um de vocês o conseguir, terá ganho o meu favor para ele e para os seus companheiros.

— Senhor, podemos montá-la uns a seguir aos outros — disse aquele que tinha exposto anteriormente os seus desejos ao monarca.

Quando trouxeram a égua à sua presença, compreenderam que tinham feito muito bem em ter-se preparado antes de tentarem a sua

empresa. O animal era muito jovem e brincava fogosamente como que a alardear o nunca ter sentido o roçar da espora nas suas ilhargas. Mas o primeiro que se aproximou era alto e forte, e soube alternar habilmente as carícias com a mão dominadora. Depois, montou-a dum salto e agarrou-se ao seu lombo como uma lapa. Por mais que fizesse o animal não conseguiu deitar o cavaleiro ao chão, e cedo aprendeu que quanto mais se movia mais a picava aquela espécie de «insecto». Quando os restantes a montaram, já tinha aprendido a lição. O monarca felicitou os dezassete cavaleiros e considerou como boa a primeira prova.

De todas as dificuldades e trabalhos a que os submeteram se saíram bem, pois eram cavaleiros inteligentes e esforçados, de tal maneira que antes de um ano os tinha como os seus melhores amigos e sempre o acompanhavam.

Um dia foram à caça para longe do castelo.

— Vai ali um cervo, senhor — gritaram ao Rei Dourado.

Este, embebido pelo seu interesse na caça, separou-se da comitiva dos seus íntimos e encontrou-se do outro lado do rio rodeado dos dezassete cavaleiros.

Estes tinham desembainhado as espadas e, com um rosto severo, intimaram-no:

— Rende-te, Rei Dourado, pois foste desleal para com o nosso senhor, o Prestes João.

*

Quando chegaram à corte, Prestes João já começava a duvidar do êxito da sua empresa, dado que não tinha tido notícias suas desde a partida. Além disso, ainda que confiante na habilidade dos seus fiéis servidores, tinha motivos de sobra para supor que o Rei Dourado estaria prevenido e não seria fácil aprisioná-lo. Por isso, quando anunciaram que eles tinham chegado, supôs que seriam apenas os que tinham conseguido escapar, sabe-se lá à custa de quantos perigos e castigos. No entanto, ansioso de saber, exactamente, mandou que os recém-chegados fossem conduzidos imediatamente à sua presença. Quando viu que vinha com eles um desconhecido luxuosamente ataviado a ponto de, ainda que com uma indumentária de caça, se adivinhar a sua origem real, compreendeu que tinha feito mal em ter duvidado dos seus vassallos. Aquela personagem era certamente o Rei

Dourado. Prestes João mal o conhecia. Apenas quando subira ao trono, sendo ainda jovem, fora ao palácio render-lhe homenagem, mas a partir de então tinham passado muitos anos e agora ter-lhe-ia sido difícil o reconhecê-lo.

Quando os recém-chegados vieram à sua presença, o desconhecido estava confuso e não levantava os olhos do chão. Um dos cavaleiros disse a Prestes:

— Senhor, cumprimos o que prometemos. Agora poderás fazer a este traidor o que julgares conveniente.

— A sua falta foi uma falta de orgulho. Por isso, convém humilhá-lo. Mandarei que o vistam de estamemha e apascentará os meus gados na mais completa solidão. Só poderá ver os seus guardas e a estes será terminantemente proibido falar com ele a não ser para transmitir ordens.

Assim se fez. E entretanto os dezassete cavaleiros foram generosamente premiados por Prestes João, tal como lhes tinha prometido.

Entretanto, o Rei Dourado também tinha visto radicalmente alterado o seu modo de vida. Da mais ostentosa riqueza tinha passado à mais humilde miséria. Dantes, era adulado por todos os seus súbditos e agora estava proibido de falar com quem quer que fosse, e, por sua vez, ninguém lhe podia dirigir a palavra. A sua humilhação não tinha limites. Teria preferido morrer, mas continuava vivendo por cobardia. Assim se passou um ano, ao fim do qual o chamaram ao palácio.

— Vamos, segue-nos. Prestes João deseja ver-te.

Quando chegou junto dele sentiu-se humilhado com as suas pobres roupas no meio da magnificência da corte. O Rei Dourado esperava a morte, mas Prestes João mandou que o lavassem e o vestissem com as melhores roupas que pudessem encontrar no palácio e mandou-o para a sua fortaleza de Thai-gin.

— Volta para o teu castelo, pois a partir de agora voltas a ser o Rei Dourado, mas não te esqueças que Prestes João foi generoso contigo.

Emocionado com tanta bondade, não houve, a partir daquele momento, em todas as terras de Prestes João súbdito mais fiel que o Rei Dourado.

Depois de viajar umas vinte milhas, Marco Polo chegou às margens do rio Kara-moran (hoje rio Amarelo), do qual disse que era tão caudaloso que não se podia construir sobre ele nenhuma ponte.

Depois de ter deixado atrás de si a cidade de Ka-chang-fou, Marco Polo chegou a Ken-zan-fou, onde residia um filho do Grande Khan chamado Mangalu. Este era um digno filho de seu pai, pois governava com justiça e generosidade. Tinha, como Kublai Khan, um palácio a cinco milhas da cidade, dentro do qual havia grande quantidade de caça e animais de todas as espécies.

Marco Polo era um viajante infatigável. Seria extenso descrever uma por uma as cidades que visitou e as observações que fez, a cada passo, a respeito delas.

VII O SAL COMO MOEDA E OS CROCODILOS

A província do Tibete era pobre e selvagem, talvez em consequência das devastações a que foi submetida a quando das invasões de Mongou Khan. Abundavam os tigres e os animais ferozes de tal maneira que as caravanas se expunham a um constante perigo. Para o evitar, sobretudo de noite, acendiam-se fogueiras e deitavam-se nelas pedaços de uma cana especial que ao estalar nos nós produzia fortes explosões.

Nesta região era frequente atravessar zonas de vinte dias de marcha sem encontrar vivalma nem forma de prover-se de comida.

Os seus habitantes eram os maiores ladrões do mundo e consideravam o roubar como uma honra e uma habilidade muito apreciável.

Às vezes, notava-se um cheiro muito penetrante que era o do almíscar, pois abundava de tal maneira o animal que o produzia, que o ar estava impregnado do seu cheiro. Chamavam-lhe «gudderin» e caçavam-no com cães para vender este apreciado perfume.

Estavam tão atrasados, que não conheciam a moeda nem o papel e faziam as suas trocas com sal, que, por ser raro, era muito cobiçado. Abundava o ouro e os seus habitantes possuíam as ciências do bruxedo.

Como viviam entregues à caça, possuíam falcões velocíssimos e os seus cães de caça eram tão grandes como burros e tão temíveis

como feras. Empregavam-nos para a caça do boi selvagem e tinham uns dentes verdadeiramente temíveis.

A região de Kaidu estava cheia de grandes cidades e nela existia um lago de água salgada com tal abundância de pérolas que o imperador tinha proibido pescá-las, pois por si só teriam provocado a baixa deste produto no mercado. Os que passeavam pelas suas margens, podiam colhê-las com toda a facilidade, bastava abaixarem-se.

Foi aqui que Marco Polo pôde ver as moedas de sal. Como a água tinha muito sal dissolvido, enchiam-se vasilhas e punham-se ao fogo. Quando a água, ao ferver, se evaporava, ficava no fundo uma pasta de sal. Cortavam-se em pedaços e deixavam-se secar sobre telhas ao fogo e ficavam ligeiramente côncavas. Quando estavam secas levavam-se a um funcionário do Grande Khan, o qual lhes punha o selo real e era uma moeda tão válida como o ouro.

Realizavam-se grandes ganhos nesta região transportando sal ao Tibete, onde havia falta dele, de forma que naquela região os seus habitantes chegavam a destruir as moedas para temperar os alimentos.

Outra vez ainda Marco Polo se deixou surpreender e maravilhar ao provar um vinho delicioso e ao inteirar-se de que não o faziam de uvas, mas de trigo e arroz.

*

A região de Karazan era tão grande que podia ser dividida em sete reinos. Ali governava um filho do Grande Khan chamado Centemur, que era rico e poderoso como seu pai.

A capital era a cidade de Yachi. Os habitantes alimentavam-se de pão de arroz e consideravam que o trigo não servia para fazer bom pão e não o apreciavam, mas estas coisas não maravilharam Marco Polo, pois já não se admirava de coisa nenhuma.

Abundava o sal e, portanto, as moedas não eram o sal, mas sim conchas do mar. Certo número equivalia a uma moeda de ouro e como tais se utilizavam. Contudo, o imperador cobrava um imposto alto sobre o sal.

Os habitantes, apesar de serem bastante civilizados, comiam a carne crua, que preparavam tendo-a algum tempo em salmoura, juntando-lhe especiarias. A gente pobre limitava-se a esfregá-la com alhos e a mastigá-la crua, o que era bastante repugnante, ainda que

nutritivo.

*

Marco Polo deparou aqui com animais que mediam dez pés de comprimento, tinham uma cauda enorme e umas garras piores do que as dum tigre. O seu perímetro era de dez palmos. As mandíbulas, bastante grandes, como se servissem para tragar um homem, eram providas de dentes agudos como facas. O seu aspecto era formidável e ninguém os nomeava sem terror. Ainda que o viajante não os nomeie, estes animais são os crocodilos.

A caça ao crocodilo exigia paciência. Estes animais viviam escondidos durante o dia e, ao chegar a noite, saíam e tragavam o primeiro animal que encontravam no seu caminho. Quando estavam fartos, sentiam necessidade de ir beber, e arrastando o seu pesado corpo dirigiam-se até à margem do rio.

Todas estas coisas e costumes as observavam homens sagazes que, durante o dia, cravavam na areia das margens aguçadas pontas de ferro. Quando o animal voltava, arrastando-se, cravavam-se-lhes no ventre as agudas pontas e morria.

A carne do crocodilo era muito estimada e vendia-se a alto preço, mas o mais valioso do seu corpo era a bÍlis, que se utilizava contra a mordedura dum cão raivoso, para curar pústulas, pequenos furúnculos e outras enfermidades.

Os habitantes desta região eram hábeis cavaleiros e montavam com estribos largos, de modo que quando caçavam ou guerreavam, sem deixar de galopar, punham-se em pé sobre os estribos e disparavam os seus arcos com grande mestria, mas o que os tornava mais temíveis era que todas as suas flechas estavam envenenadas.

Diz-se que quase todos levavam escondida numa prega do fato uma pequena porção de veneno, pois se cáissem prisioneiros ou em poder da justiça, como esta era muito severa, preferiam beber o veneno e morrer a enfrentar as terríveis torturas que os aguardavam.

A sua idolatria tinha aspectos ferozes, pois quando o Grande Khan não tinha ainda conquistado estes territórios e não tinha imposto a sua justiça e a sua ordem, os estrangeiros corriam grande perigo, sobretudo se eram inteligentes e belos. Não porque os detestassem; pelo contrário, recebiam-nos com carinhos e davam-lhes comida e bom trato, mas ao chegar a noite assassinavam-nos.

Para os roubar? De maneira alguma. A sua crença era que a inteligência e a beleza de espírito do estrangeiro que acabava de morrer permanecia na cabana e vivia na família do assassino e passaria a fazer parte do corpo da criança que nascesse, como se fosse possível que o espírito da vítima favorecesse a quem a tinha morto.

*

Marco Polo entrou na província onde os homens e as mulheres tinham o costume de cobrir os dentes com finas folhas de ouro. Consideravam que os dentes assim possuíam uma grande beleza. Os homens exibiam nos braços tatuagens que se faziam picando com uma agulha, e quando brotava o sangue esfregavam com uma matéria corante que deixava uma marca indelével.

Os homens só se preocupavam com caçar, guerrear e mais assuntos considerados viris, de modo que todo o trabalho de casa e do campo ficava a cargo das mulheres ou escravos comprados. Contudo estes homens faziam algo que nenhum europeu seria capaz de fazer.

Quando as suas mulheres tinham tido um filho e já podiam sair e fazer a sua vida normal, o homem metia-se na cama e deixava-se ficar com a criança durante quarenta dias para que o pequeno não esfriasse nem chorasse. Entretanto, os amigos e parentes visitavam o marido que estava na cama com a criança e quando a mulher tinha de lhe dar de mamar, o marido ficava muito quieto e não se levantava dali para fazer fosse o que fosse.

Devido ao atraso em que viviam, ninguém exercia a medicina; não existiam médicos. Quando uma pessoa caía doente, acudiam os feiticeiros, os quais começavam a dançar em torno do paciente, enquanto cantavam e tocavam tambores e outros instrumentos identicamente ruidosos. Mas imediatamente o espírito do mal passava a um dos feiticeiros.

— Diz-nos, espírito mau, e fala-nos pela boca do feiticeiro. Que desejas?

E o feiticeiro dizia que o espírito maligno se tinha introduzido no corpo do pobre enfermo porque este tinha ofendido a um deus.

Novos cantares e danças para que o deus perdoasse a ofensa, ao mesmo tempo que se lhe perguntava o que era necessário fazer para que ele esquecesse o agravo.

Se a doença, no critério do feiticeiro, era curável, os feiticeiros

diziam que o deus se consideraria desagradado se se lhe oferecesse um certo número de cabeças de gado em sacrifício, do qual, naturalmente, se encarregariam os mesmos feiticeiros. Se a enfermidade era grave, anunciavam solenemente:

— Foi uma ofensa tão horrorosa, que este homem indigno tem que pagar com a morte. Morra, pois, em castigo dos seus pecados.

Geralmente nunca anunciavam tão terrível castigo, porque preferiam experimentar o sistema de cura que consistia em matar algumas ovelhas, salpicar de sangue a casa até ao tecto e, enquanto se cantava e dançava ao som de ruidosos instrumentos, comer carne das ovelhas com aguardente de especiarias e celebrar um autêntico banquete.

Se o paciente se curava, ganhavam grande prestígio porque atribuíam a sua cura aos ritos. No caso de falecerem, podiam sempre dizer que a ofensa aos deuses fora tão grave que nenhuma espécie de exorcismos podia fazê-la perdoar. Estas danças e ritos só se faziam às pessoas ricas que os podiam pagar.

VIII A BATALHA DOS ELEFANTES

No ano de 1272 deu-se uma grande batalha neste lugares que agora eram visitados por Marco Polo, quer dizer, nas províncias de Karazan e sobretudo no Vochang. Naquele ano, ainda não eram governadas pelo filho do Grande Khan, e a fim de as precaver de qualquer ataque estrangeiro que por estas províncias quisesse importunar os reinos de Khan, este mandou um exército para Vochang para protecção.

O rei de Mein (Birmânia) e Bengala, que eram territórios da Índia, soube da marcha deste exército, e como era homem poderoso porque tinham extensos territórios, muitos homens e muito dinheiro, decidiu lançar-se contra os tártaros. Reuniu um forte exército de cavalos, infantas e numerosos elefantes em cujos lombos mandou colocar castelos de madeira em que pôs dez ou quinze atiradores de flechas bem apetrechados.

Quando chegou a Vochang colocou o seu exército à distancia de uma milha do local em que se encontrava o exército de Grande Khan.

Nestardin era o general que comandava o exército tártaro.

Quando os seus espias lhe comunicaram que o exército do rei de Mein era duns setenta mil homens, além dos elefantes, sentiu medo. Reuniu os seus oficiais e disse-lhes:

— A nossa situação é muito grave, pois nós não dispomos senão de doze mil homens. Por cada um de nós eles têm cinco ou seis, sem contar com os elefantes. É preciso que o engenho supra a força.

— Os nossos homens não têm medo, Nestardin, mas não sabemos como se conduzirão os cavalos quando virem avançar contra eles os elefantes.

— Falaste bem, Kargun, mas devemos afrontá-los. Se os tártaros não temem os elefantes, não esqueçamos que os cavalos também são tártaros. Vou ordenar que as nossas tropas mudem de posição, mas tenham no flanco um espesso bosque. Se a carga dos elefantes for muito forte, sempre nos poderemos meter no bosque, onde eles não nos podem seguir. Além disso, temos outra vantagem: os nossos homens são guerreiros endurecidos no combate, enquanto que as tropas do rei de Mein são novatas e não possuem a nossa destreza.

— Quando ouvirem os nossos gritos de guerra, vão desmaiar de medo — disse um oficial.

— É possível, mas não se esqueçam de que são muitos. Agora é necessário que reunamos as nossas tropas e que eu possa falar-lhes.

Entretanto tinham-se cavado fossas para se entrincheirarem contra o ataque dos elefantes. Quando o exército mudara de posição, Nestardin falou-lhes para lhes infundir coragem.

— Não deis importância ao número dos que combatem — disse-lhes — mas antes à sua qualidade. Serão temíveis inimigos estes barbudos e débeis homens de Mein e de Bengala? Sois homens do Grande Khan, que não conhecem a derrota. São mais, muitos mais do que vocês, mas isto é bom porque nenhum mérito existe em ganhar a um inimigo que é tão numeroso como nós. Prometo-vos a vitória.

*

Nestardin tinha o condão de entusiasmar os seus soldados. Perante aquela avalanche de inimigos que se acercava, todos os tártaros, por muito valentes que fossem, necessariamente tinham de concluir que, neste desigual combate que se avizinhava, eles deviam perder. Por isto foi tão oportuna a vibrante alocação do chefe. Era como um estimulante poderoso que os espicaçava para a luta. Quando

Nestardin acabou de falar, uma gritaria ensurdecadora acolheu as suas últimas palavras e, sem esperar mais, de gargantas roucas, os guerreiros tártaros agarraram no arco e nas flechas.

Mas Nestardin tornou a falar-lhes:

— Que ninguém se mova. Reprimi o vosso entusiasmo e deixai que esse ardor que vos impulsiona seja governado pela razão. Devemos esperar que o inimigo se aproxime das nossas trincheiras e então sairemos todos ao mesmo tempo ao seu encontro.

Seguindo as instruções do seu chefe, os tártaros permaneceram firmes até que os índios se aproximaram. Então, a uma voz de comando, saíram todos ao mesmo tempo e avançaram em direcção aos enormes paquidermes do exército inimigo.

De repente, sucedeu o pior. Os cavalos tártaros não estavam habituados a ver aqueles elefantes gigantescos e encabritaram-se sem obedecer aos que os cavalgavam. Com a montada mexendo-se e saltando loucamente, era impossível acertar com as flechas no alvo. Os tártaros sentiram que lhes faltava o entusiasmo inicial. Entretanto, os adversários, ao aperceberem-se da atrapalhação dos tártaros, tomaram coragem e lançaram-se à carga com toda a força. Nestardin, no meio deste contratempo inesperado, conservava a sua presença de espírito e ordenou a imediata retirada de todas as suas tropas até ao bosque mais próximo.

Uma vez ali, ordenou:

— Desmontem todos. Encontrámos uma dificuldade, mas os soldados do Grande Khan não fogem perante uma dificuldade. Agora iremos a pé ao encontro do inimigo. Brandem os arcos com força e disparem as flechas contra os elefantes. Por cada um que ponham fora de combate, ficarão também fora de combate quinze dos nossos adversários. Ao combate, que a vitória é nossa!

Depois desta arenga de Nestardin, os seus homens avançaram a pé, sem perda de tempo, em direcção à linha dos elefantes, e começaram a disparar rapidamente as suas flechas. Os índios respondiam também com ataques severos, mas os tártaros manejavam o arco com mais força e destreza.

Sem se importarem com o perigo que era andarem entre as patas dos elefantes os soldados de Nestardin mostravam uma vez mais a sua fúria incontida e a extraordinária coragem de que costumavam fazer alarde nas batalhas, deixando bem patente perante os seus inimigos a sua fama de soldados invencíveis ainda que nas circunstâncias mais

adversas.

Avançando como répteis, colando-se materialmente às sinuosidades do terreno, os soldados tártaros misturavam-se entre as linhas da vanguarda inimiga, sem que os ocupantes das torres situadas nos lombos dos elefantes pudessem distinguir, da altura em que se encontravam, as manobras dos seus contra-atacantes.

Uma parte do exército de Nestardin lançava flechas sem cessar, para desta forma atrair a atenção dos índios e proteger desta maneira a acção desesperada dos seus companheiros.

Estes, aproveitando as matas, as ervas e quantas oportunidades lhes oferecia o terreno, rastejavam como serpentes silenciosas, aproximando-se mais e sempre mais da linha de vanguarda. Sem dúvida o temor fazia sentir a sua acção sobre eles, mas esse sentimento não era suficiente para se sobrepôr ao seu conceito de dever. Pouco importava se morriam desde o momento que com a sua morte preparavam a vitória dos seus companheiros. Não eram suicidas, mas a disciplina que o Grande Khan inculcava aos seus homens e o carinho, quase adoração, que estes tinham por ele, motivaram, em mais de uma ocasião, actos de heroísmo semelhantes ao descrito.

A distância que separava os esforçados guerreiros dos elefantes era muito pequena. O hálito das suas respirações poderosas, o rugido destes animais, tudo lhes parecia um trovão horrível que dum momento para o outro ia produzir um estalido maior, assinalando assim o seu fim.

De repente, como de comum acordo, aqueles que rastejavam ergueram-se do solo e uma nuvem de flechas certas juntou-se às que lançavam sem cessar as fileiras de infantaria tártara. Os inimigos trataram de se recompor rapidamente da surpresa e a toda a pressa dispararam as suas flechas.

Como os elefantes avançavam na primeira linha, a cavalaria do rei de Mein ainda não tinha podido atacar, mas chegou uma altura em que os elefantes, loucos de dor, perderam o freio, não obedeceram aos cornacas e, sem outro pensamento senão o de fugir àquelas flechas, lançaram-se em fuga desordenada até à retaguarda do rei de Mein.

Os enormes paquidermes, ao retiraram-se, arrastaram a cavalaria e os infantes, e na sua louca fúria dirigiram-se para uma parte do bosque que os tártaros não ocupavam. Isso foi a sua desgraça, porque as ramas das árvores varreram os que ocupavam os castelos de

madeira e os próprios castelos, de forma que não só os elefantes ficaram inutilizados, mas também causaram grandes destroços entre a infantaria e a cavalaria do rei de Mein.

— Ordem de retirar para o bosque e de tornar a cavalgar — gritou Nestardin, chefe dos tártaros, e a ordem foi transmitida.

Os tártaros fugiram para o bosque a toda a pressa. Isto tornou a enganar o rei de Mein, que ordenou o avanço na direcção do bosque. De repente, a cavalaria tártara saiu do mato. Tinham-se esgotado em ambos os lados as flechas e lançou-se mão das espadas de ferro. A carnificina foi horrível, membros despedaçados, inúmeros guerreiros com a cabeça cortada... mas os tártaros tinham o braço mais forte e as suas armaduras de coiro eram mais resistentes...

O rei de Mein multiplicava-se para estar em todos os lados, pois era homem valente. Ordenou que avançassem todas as reservas, mas já era inútil: a batalha estava completamente perdida.

Os tártaros viram, pela maneira como o inimigo retirava, que empreendia a fuga. O Sol chegava ao zénite e a batalha tinha começado ao romper do dia. As perdas foram enormes para ambos os lados, mas por fim os tártaros ficaram vencedores.

Quando Nestardin deu a notícia do resultado ao Grande Khan, disse-lhe:

— Que foi feito dos elefantes que se meteram pelo bosque?

— Ao terminar a batalha, os nossos homens entraram no bosque. Os atiradores que se tinham conseguido salvar tentaram defender-se, mas foram mortos. Os nossos capturaram duzentos elefantes.

*

Ao ouvir a informação do chefe do seu exército, o Grande Khan mostrou-se visivelmente satisfeito. Tinha-se ganho mais uma batalha.

— Pensas, Nestardin, que os elefantes possam ser úteis numa batalha?

— Se repararmos no serviço que prestaram ao inimigo, poderíamos pensar que não. Se o elefante foge, espavorido por qualquer motivo, leva consigo muitos guerreiros que, doutro modo, continuariam a combater. E ainda pior se os varre com as ramas das árvores, quando se interna num bosque, como sucedeu aos índios...

— Então, na tua opinião, resultam mais prejudiciais do que úteis?

— Se se combater em terreno plano e se levarem o peito protegido, creio que serão de grande utilidade.

— Falaste bem, Nestardin, e conduziste-te como homem de grande inteligência e de grande valor. Serás recompensado como não és capaz de imaginar e a partir de hoje darei ordem para que os meus exércitos levem sempre elefantes de guerra.

Foi assim que o Grande Khan se apoderou dos extensos e ricos territórios de Mein e de Bengala.

IX A TORRE DE OIRO E DE PRATA E A CAÇA AO TIGRE

Uma vez deixada a região de Kardandan, começava um caminho em declive que durava três dias e no qual não se via nenhuma casa. Na planície, em contrapartida, encontravam-se comerciantes que iam trocar oiro por prata ou por outros produtos.

Os nativos das montanhas tinham oiro em grande abundância, mas não era permitido a estes levarem-no, pois deviam-no trocar, por intermédio dos comerciantes, por produtos de que necessitassem. Daí o motivo de o comércio ser muito activo.

Após quinze dias de viagem chegava-se à capital de Mein.

*

Dizia-se que ali tinha reinado um monarca muito rico e poderoso, o qual, desejoso de que o seu nome sobrevivesse à sua morte, deu ordem para que se erguessem junto do seu sepulcro e no alto dele duas torres iguais em forma de pirâmide. Eram totalmente em mármore, mediam dez pés de altura e eram rematadas por uma esfera em volta da qual tinham sido suspensas grande número de esferas ocas como guizos.

Mandou que uma das torres fosse forrada exteriormente com chapas de oiro de uma polegada de grossura e a outra de chapa de prata e a tumba estava recoberta de placas de ambos os metais, formando um conjunto admirável.

Quando os exércitos do Grande Khan entraram em Mein, ficaram maravilhados com as torres e não se decidiram a roubá-las ou

arrasá-las, apesar de celebrarem um rei inimigo, até que o Grande Khan decidisse. Quando o imperador soube que se destinavam a honrar um morto, ordenou que fossem respeitadas.

*

Nesta região e na de Bengala havia bois que eram tão altos como elefantes, ainda que não fossem tão grandes. Também se compravam escravos, que eram muito solicitados, de modo que havia comerciantes que realizavam grandes negócios trazendo e levando homens em venda.

Marco Polo atravessou depois as regiões de Kangigu, Amy e Tholoman, cujos habitantes eram idólatras e tinham o costume de queimar os mortos e enterrar os ossos calcinados em covas, nas montanhas, em lugares inacessíveis, para que as feras não perturbassem o seu descanso. A seda e o algodão cultivavam-se em grande escala e o oiro abundava extraordinariamente.

Na cidade de Chintigi viu Marco Polo que existia uma indústria para fabricar tecidos e fatos à base da casca de certas árvores, que esmagavam e tratavam duma maneira especial. O tecido era extraordinariamente leve, e com ele se fabricavam os fatos de Verão, que eram muito frescos.

*

Em Chang-glu a terra estava impregnada de sal, era salgada e portanto improdutiva, não se podia plantar porque nada se reproduzia. Contudo, isto constituía um bom negócio. Deitavam nela grandes quantidades de água, que se recolhia em vasilhas de pouca profundidade e bastante largura. Depois fazia-se ferver e ficava o sal branco e puro que se vendia e era muito apreciado porque em outros lugares havia falta deste condimento tão agradável. É escusado dizer que o imperador recebia um imposto bastante alto por esta indústria.

*

A cidade de Chan-gli era muito rica e florescente, pois era atravessada a meio por um rio tão largo que permitia a passagem dos navios, que levavam mercadorias para terras longínquas. A seguir a ela

encontrava-se Tudinfu, a cidade de Luncansor.

No ano de 1273 Luncansor era o homem de confiança do Grande Khan, mas tinha o defeito de ser excessivamente ambicioso. O imperador mandou-o àquela cidade para proteger a região e fazer que as ordens do Grande Khan se cumprissem. Levava consigo setenta mil cavalos, o que, na verdade, era um poderoso exército.

Ao fim de pouco tempo, em lugar de gozar em paz da riqueza da região, tomou contacto com os principais elementos descontentes e por sua culpa teve a infeliz ideia de se revoltar contra o imperador, esquecendo o enorme poder que este possuía. O certo é que muitas cidades o seguiram e Luncansor conseguiu reunir muitos homens.

Quando soube disto, o Grande Khan teve uma grande tristeza, mas a sua indignação também foi grande e reuniu um exército de cem mil homens comandados por Angul e Montagai, com os nobres da sua confiança.

Ao encontrarem-se os dois exércitos, teria sido difícil dizer qual de entre ambos era mais poderoso e qual o maior. Mais de duzentos mil cavaleiros travaram enorme e descomunal batalha e esta não se decidiu até que no fragor da batalha Luncansor foi morto. Então as tropas dispersaram-se e a carnificina que teve lugar foi horrível. Os principais nobres da região que secundaram Luncansor foram levados à presença do Grande Khan e foram mortos como castigo da sua rebelião. As tropas foram perdoadas.

X

HISTÓRIA DE FACFUR, O PACÍFICO

O rio Kara-moran (rio Amarelo) tinha a sua nascente nas terras de Prestes João, estava cheio de peixes de todas as qualidades e em alguns sítios tinha a largura duma milha, o que permitia que nas suas águas vogassem embarcações de todos os géneros.

A uma milha do mar, num lugar secreto e bem resguardado, havia um porto onde o imperador tinha quinze mil barcos capazes de levar cada um quinze cavalos e vinte homens além das armas e das provisões adequadas. Estes barcos estavam sempre prontos a fazer-se ao mar, e se nalgum ponto das ilhas orientais estalava uma sublevação, faziam-se logo ao mar.

Uma vez atravessado este rio entrava-se na região de Manji, que

é a mais rica de todas nesta parte do mundo. Ali governou Facfur, o pacífico.

*

Facfur era homem gordo e tranquilo (Facfur e um título que se dava aos imperadores da China) e de carácter tão pacífico que não se preocupava em manter um exército nem em adestrar homens para a guerra. Os seus ministros costumavam dizer-lhe:

— Senhor, temos ouvido falar dum poderoso Khan cujos homens de guerra são como demónios. O nosso país acha-se indefeso se um dia nos atacar. Devemos criar um exército.

— Exército! — respondia. — Não digam uma insensatez dessas. O que é um exército? Um conjunto de homens que só pensam em combater sem descanso. Eu não quero mal a ninguém.

— Mas, se nos atacam, como nos poderemos defender?

Por mais que lhe dissessem e lhe repetissem, o bom Facfur não aceitava a ideia de que alguém o fosse molestar na sua própria casa; como ele pensava assim, acreditava que todos os restantes pensavam de maneira idêntica. Por isso respondeu:

— Quem é que me vai atacar? O Grande Khan? E para quê, se os seus domínios são tão grandes ou maiores do que os meus?

— Tendes razão, senhor. Mas deveis ter em conta que assim como Vossa Majestade só pensa a melhor maneira de usufruir daquilo que tem, há muitos outros senhores que têm uma sede de conquista que os leva constantemente a pensarem em como poderão aumentar os seus domínios.

Sempre que os seus ministros insistiam na conveniência de criar um exército, Facfur costumava responder:

— Nunca presenciei uma batalha e com certeza perderia o apetite se tivesse de assistir a alguma. Sou poderoso e rico. Para que quero um exército?

Com estas palavras vê-se que a sua insensatez era grande. Noutras ocasiões os seus ministros insistiam:

— Escuta, Facfur, tivemos notícias de que o Grande Khan conquistou novos territórios para o Levante e para o Poente, que se diz senhor da guerra e que nunca foi vencido. Pode muito bem suceder que sendo maior o seu poder e as suas riquezas e o número dos seus homens, ainda por aí venha e nos conquiste.

— Não quero quebra-cabeças. Abri fossos à volta da cidade... isto é, tão largos que nenhum exército possa atravessá-los, mas não me falem de armas, que perco o apetite.

Os seus ministros mandaram abrir fossos em volta das cidades e fizeram-nos tão largos que, disparando uma flecha à beira de qualquer deles, esta não alcançava os muros da cidade. Como a água abundava, encheram-nos de água e foi tudo o que puderam fazer, pois Facfur não queria ouvir falar de armas nem de guerras.

Quando Kublai Khan soube da riqueza da região de Manji, pensou que aquela deveria ser a sua próxima presa. Da forma como avançava, em breve seria sua toda a Ásia.

Certo dia pediu a um dos seus conselheiros que se informasse cuidadosamente das riquezas da região de Manji e das possibilidades de a conquistar. Kublai Khan, identicamente a seu pai Genghis Khan, gostava de estar ao corrente de todos os pormenores da vida dos outros povos.

A fama de Manji tinha-se estendido por todo o império e conheciam-se muitas informações, pois Facfur, o pacífico, era muito tolerante com os estrangeiros e permitia-lhes entrar e sair dos seus domínios sem nenhuma espécie de restrições. Apesar disto, o conselheiro encarregado por Kublai Khan deslocou-se ali para recolher pessoalmente o maior número de dados que pudessem ajudar o imperador.

Quando chegou a Manji, ficou tão impressionado pelo bem-estar e riqueza daquelas gentes como surpreendido de ninguém mas absolutamente ninguém, ter mostrado a mínima suspeita quanto a ele. Pôde viajar de dia e de noite e percorrer todo o reino de ponta a ponta com toda a liberdade e sem receio algum.

Em dada ocasião penetrou numa tenda e, por mais gritos que desse, ninguém acudiu à sua chamada. Parecia que tinha sido abandonada pelos seus donos, mas, não obstante, tinha as portas abertas de par em par e todos os objectos, sumamente valiosos, em perfeito estado. Havia ali a mais deslumbrante colecção de objectos de artesanato que se pode imaginar: riquíssimas porcelanas primorosamente decoradas, vasos e jarrões de prata lavrada com incrustações de ouro, e de pedras preciosas, etc. O embaixador secreto tártaro ficou deslumbrado. Teria querido levar alguns daqueles objectos para os dar ao imperador, dando assim ideia da riqueza de Manji duma maneira muito mais clara do que lhe poderia dar por

intermédio de palavras. Mas não sabia preços e ninguém havia ali que lhes pudesse indicar. Decidiu levar um jarrão que parecia ser de grande valor e, apesar de ter deixado uma boa quantidade de moedas de ouro, fugiu dali levando-o escondido como se o tivesse roubado.

Em Koi-gan-zu perguntou a um tendeiro se não podia vender-lhe um alfange. O bom homem quase não sabia o que isso era, até que lhe explicou pormenorizadamente que era de prata dourada ou talvez de ouro e tinha uma fileira de rubis vermelhos no punho. O enviado de Khan compreendeu em seguida que aquelas gentes eram muito pouco dadas ao manejo das armas. Durante todo o tempo que andou a percorrer o reino não viu nem um soldado e, para saber exactamente com que devia contar, perguntou a um homem da região, que como ele ia de viagem e se alojara na mesma estalagem:

— Dizei-me, bom homem, onde é que se adestram os vossos guerreiros no manejo das armas?

— Nós não temos guerreiros. Todos os povos à nossa volta são nossos amigos. O nosso rei não deve nada a ninguém, e trata de tal forma os estrangeiros que estes só podem dizer bem da nossa hospitalidade.

O tártaro ficou espantado com tanta ingenuidade e boa fé daquela gente. Por momentos pensou se, em realidade, não era melhor viver com eles e ter confiança e fé nas boas intenções dos outros homens. Mas tinha uma missão e sabia cumprir o seu dever. Por isso continuou a perguntar:

— Mas isso não basta. Como é que se defendiam se alguém vos atacasse e intentasse apoderar-se das vossas cidades e usufruir gratuitamente das vossas riquezas?

— Ninguém se atreve a tal coisa. O nosso senhor é poderoso e sabe fazer justiça. Além disso, nenhum exército pode atravessar os fossos que rodeiam as nossas cidades.

*

O enviado de Kublai Khan não perdia palavra de quanto se lhe dizia. Deste modo foi perguntando quanto quis ao primeiro que encontrava e todos respondiam com amabilidade e sem a menor malícia. Desta maneira a sua missão era extremamente simplificada.

Quando regressou à sua pátria, o conselheiro de Kublai Khan pediu audiência ao imperador, que lha concedeu imediatamente pois

há muito tempo que estava à sua espera, receoso já que os seus guerreiros esquecessem a arte da guerra, dado que há bastante tempo não tomavam parte em nenhuma batalha.

— Grande senhor — começou o recém-chegado —, as notícias que tinham chegado aos vossos ouvidos sobre a região de Manji são absolutamente verdadeiras. Trouxe-vos uma peça de artesanato para que vós possais ajuizar.

O imperador ficou admirado com a riqueza daquela peça e o trabalho tão delicado de cinzelagem.

— É extraordinário. E o que há quanto às suas defesas?

— Totalmente inexistentes. Confiam apenas nuns grandes fossos que rodeiam as suas cidades. Julgo, não obstante, que com uma frota podereis invadir o reino e conquistar as suas cidades sem a menor resistência. Essa gente não tem armas nem as sabe manejar.

Quando ouviu isto, Kublai Khan chamou um dos seus melhores generais, Chin-san-Bayan, que significa «cem olhos», e ordenou-lhe que ocupasse a região de Manji.

Era o ano de 1268 e Chin-san-Bayan chegou a essa região numa frota de muitos navios; desembarcou e dirigiu-se até à cidade de Koi-gan-zu e sem disparar uma flecha ordenou-lhes que se submetessem e que acatassem as ordens do Grande Khan. A cidade negou-se, pois gostavam de Facfur.

Quando os habitantes de Koi-gan-zu pensaram que o poderoso exército tártaro empreenderia o assalto da cidade, viram com espanto que continuava o seu avanço e que punha a mesma pergunta a uma segunda, terceira e quarta cidade. Todas fecharam as suas portas e responderam que não se submetiam a acatar a autoridade do Khan.

Todavia havia outras cidades no reino de Manji, mas Chin-san-Bayan não julgou prudente deixar tantos inimigos à retaguarda. Em vista de todas as cidades se terem negado a render-se, convocou os principais chefes do seu exército para lhes comunicar os seus planos.

— Teria desejado — disse-lhes — levar a cabo a missão que me deu o Grande Khan sem derramar uma gota de sangue. Mas esta gente é estúpida e não aceita os bons modos. Por outro lado, se avançamos demasiado, expomo-nos a que depois nos apanhem entre dois fogos.

— Lembrai-vos — observou um dos generais — que outro exército está a caminho por terra para vir em nosso auxílio.

— Sim, já sei, mas de qualquer forma não convém confiar demasiado nele, não vá acontecer que se atrase e que quando cá

chegue já seja demasiado tarde.

Depois de ter pensado uns momentos, Chin-san-Bayan comunicou aos generais o seu plano definitivo.

— Retrocedemos até Koi-gan-zu poremos cerco à cidade. Quando esta cair nas nossas mãos, serei implacável com os habitantes, que se portaram de modo tão estúpido. Passaremos todos a fio de espada, a ver se deste modo os restantes se corrigem e nos livram de trabalhos.

Graças à consumada habilidade de Chin-san-Bayan, Koi-gan-zu rendeu-se, ou melhor, foi valentemente conquistada pelos tártaros antes do que seria para esperar. Os soldados arrasaram a cidade e cometeram atrozes carnificinas, pois a estultícia e a teimosia dos habitantes tinha exacerbado o seu espírito combativo.

Não obstante, Chin-san-Bayan não queria fomentar a pilhagem entre as suas tropas e, por conseguinte, proibiu terminantemente que alguém se apoderasse fosse do que fosse. Além disso, tinha o plano de aproveitar as riquezas da cidade conquistada para conseguir a pronta rendição das restantes. Unicamente encarregou dois dos seus servidores de toda a confiança para que recolhessem alguns objectos valiosos para fazer um presente ao Grande Khan.

Quando a luta já tinha terminado e toda a cidade de Koi-gan-zu não era mais do que um horrível cemitério de corpos insepultos, chegou o outro exército que tinha vindo por terra. Ainda que já fosse tarde para intervir na tomada de Koi-gan-zu, a sua ajuda não era de desprezar, dado que devia começar-se já a pensar na conquista da cidade real de Kinsai.

Como era natural, a parte mais importante da batalha que se avizinhava ia recair sobre as tropas que estavam frescas e as que já tinham tomado parte na luta para a tomada de Koi-gan-zu unicamente interviriam agora em caso de absoluta necessidade.

Ao chegar às proximidades de Kinsai, Chin-san-Bayan quis experimentar um estratagema para evitar a perda de tempo e a luta inútil. Koi-gan-zu tinha sido sitiada e ninguém tinha escapado com vida. Assim, pois, não era provável que em Kinsai estivessem inteirados do fim que os esperava se fizessem como os seus compatriotas. Chin-san-Bayan fê-lo saber, convidando-os a render-se se não quisessem ter a mesma sorte que os habitantes de Koi-gan-zu.

Quando Facfur, o pacífico, teve notícia destes desastres, encheu-se de aflição. Anunciou que se reuniria com os seus conselheiros para

estudar o que convinha fazer e pediu algum tempo ao chefe tártaro antes de dar a sua decisão. Este sabia perfeitamente com que devia contar quanto à defesa de Kinsai, pois como devem estar recordados, antes de empreender a campanha contra este reino, o Grande Khan informou-se cuidadosamente. Assim, pois, Chin-san-Bayan não se importou de esperar mais umas horas, pois sabia qual deveria ser a resposta.

Facfur chamou os seus conselheiros, mas já sabia o que estes lhe iam dizer: a cidade não podia defender-se porque não se tinha preparado a tempo, como eles sempre lhe tinham aconselhado.

— Senhor, já não há nada a fazer. Um exército não se improvisa. Os tártaros são consumados guerreiros e contra eles nada podemos.

Facfur torcia-se de angústia e, à medida que era de todo impossível salvar-se, ia-se formando na sua mente a ideia de que talvez algo se pudesse salvar ou alguém... Se ele se pudesse safar! Facfur era covarde e era egoísta. A resposta seria que a cidade não se rendia... mas ele, entretanto, já estaria longe.

Mandou chamar à sua presença a primeira das suas esposas.

— Minha querida, tenho uns barcos tripulados por homens leais que me levarão para longe do meu país. Sem dúvida alguma, conhecerei a tristeza do exílio e terei que viver separado da minha querida cidade, mas pelo menos salvarei a minha vida. Agora, minha querida rainha, tu serás a imperatriz de Manji e todo o mundo te obedecerá. Assim, pois, que o Céu te seja propício.

Cumprindo o que dissera, o egoísta Facfur zarpou até outras terras não sem ter encarregado a rainha de se defender empregando todas as suas forças. Diz-se que Facfur chegou a umas ilhas longínquas onde desembarcou com o seu tesouro, as suas mulheres, e alguns servidores, e ali viveu fortificado até ao fim dos seus covardes dias.

*

A rainha, que era valente e de espírito corajoso, decidiu defender a cidade a todo o custo. Nunca tinha sentido afeição pelas armas, mas, em contrapartida, tinha um grande sentido de dignidade e no seu íntimo sentia uma grande repugnância pelo proceder pouco varonil do esposo, o rei Facfur. Assim, dispôs-se a ordenar a defesa da cidade, não já porque lhe tinha sido ordenado pelo rei antes de fugir

covardemente e com uma evidente intenção egoísta mas também como reacção perante aquele comportamento, comportamento esse que era conveniente ocultar aos olhos do povo.

Contudo, antes de levar por diante a sua decisão, preferiu consultar os astrólogos, pois tinha uma fé cega na certeza dos seus vaticínios. A seu pedido, aqueles consultaram as estrelas para saber qual seria a sorte do reino de Manji e naquela mesma noite apresentaram-se diante da rainha para lhe comunicar os resultados das suas investigações.

— Grande senhora, todos nós cumprimos os vossos desejos, mas o resultado dos nossos trabalhos deixa-nos perplexos. Vimos nas estrelas que o reino de Manji subsistirá a todas as ambições dos outros monarcas, até que algum deles o mande conquistar por um exército sob as ordens dum general com cem olhos.

— Surpreende-me o vosso horóscopo. Isso é totalmente impossível. Portanto, julgo interpretar bem as vossas predições ao afirmar que a vitória será nossa. Mandarei defender a cidade contra tudo e contra todos.

Então mandou chamar um dos mais sérios conselheiros do reino, o qual, no seu parecer, era o que melhor poderia organizar a defesa pelo seu talento e a sua capacidade, já que não podia ser pela sua experiência guerreira, pois que em todo o reino ninguém tinha sido instruído no manejo das armas. Quando se apresentou diante dela, disse-lhe:

— Nomeio-te chefe de todos os cidadãos aptos para lutar e tu dirigirás a luta. Consultei os astrólogos e soube que nos espera a vitória. Manda dizer aos tártaros que, se não se afastam pacificamente, os expulsaremos daqui e sofrerão grandes perdas.

— Senhora, tenho ouvido falar da maneira como se batem os tártaros e julgo que nos será difícil detê-los.

A rainha indignou-se ao ouvir esta resposta e esteve tentada a sair dali e dirigir ela pessoalmente a luta. Pensava que todos os homens eram covardes, como se fossem feitos à medida do rei e seu esposo, o chamado Facfur, o pacífico. Contudo, preferiu sondar o conselheiro para saber o que o levava a falar daquela maneira.

— Não te disse que os astrólogos leram nas estrelas que os tártaros seriam derrotados? Que te faz vacilar?

— Senhora, Koi-gan-zu foi tomada e todos os seus habitantes morreram às mãos do invasor. Não respeitaram nem mulheres nem

crianças. Se nós opomos resistência seremos também degolados em massa. Chin-san-Bayan (cem olhos) fê-lo saber.

Ao saber o nome do chefe tártaro, a rainha empalideceu. Chin-san-Bayan tinha o nome de cem olhos de que tinham falado os astrólogos.

Aquela curiosa coincidência deitou abaixo de um golpe a coragem e o arrojo que tivera até ali. A mesma fé na astrologia que até ali tinha sido o seu apoio, ao compreender que ninguém podia possuir cem olhos, encheu-se de angústia ao tomar conhecimento do nome do chefe tártaro que dirigia o cerco.

O conselheiro apercebeu-se de que algo de estranho se tinha passado na rainha de repente, mas não podia compreender o que fosse, pois ignorava as palavras pronunciadas pelos astrólogos. Quando viu que a rainha tinha ficado lívida, exclamou:

— Senhora, que se passa? Não vos sentis bem?

— Nada, não é nada. Mudei de ideia. Julgo que tens razão. Diz aos tártaros que nos rendemos.

O conselheiro ficou confuso. De momento, a única explicação plausível que encontrou para aquela súbita mudança era que a rainha ignorava o desastre de Koi-gan-zu. Contudo, o tempo decorria, o prazo concedido pelo tártaro estava a chegar ao fim, e era necessário actuar em seguida. Assim, pois, obedecendo às ordens recebidas, mandou imediatamente abrir as portas aos tártaros e que toda a gente ficasse em casa até nova ordem.

Ele pessoalmente saiu a oferecer a rendição ao general inimigo e depois acompanhou-o ao palácio. Chin-san-Bayan cumpriu a sua promessa e anunciou aos seus soldados que haveria grandes castigos para aqueles que molestassem ou roubassem os moradores de Kinsai. Quanto à rainha, convidou-a, com toda a cortesia, a juntar-se ao cortejo e acompanhá-lo na sua visita ao Grande Khan.

Quando a comitiva chegou à cidade imperial foi recebida com grandes aclamações pela multidão que admirava o arrojo dos seus soldados e a habilidade e astúcia do seu grande general. Aquele dirigiu-se imediatamente ao palácio para dar conta ao imperador do resultado das operações. Na realidade, o Grande Khan já estava inteirado da vitória, mas havia que levar à sua presença a régia prisioneira para que ele decidisse da sua sorte.

Antes que a rainha comparecesse ante o Grande Khan, este foi devidamente informado por Chin-san-Bayan de todos os

acontecimentos: da tomada de Koi-gan-zu e da capitulação de toda a sua população, da covarde fuga de Facfur, de que a rainha tinha decidido defender Kinsai e, finalmente, da sua rendição, visto o horóscopo dos astrólogos ser adverso. Ouvido o relato do seu general, Kublai Khan mandou trazer a rainha cativa. Esta estava envergonhada e compareceu respeitosamente diante do imperador, com as mãos juntas em atitude suplicante. Khan disse-lhe:

— Conheço o teu nobre proceder e quero perdoar-te. O teu esposo Facfur só merece o desprezo de todos os habitantes de Manji. Em contrapartida, quero dar a saber ao mundo que admiro a tua coragem e, por isso, não só te perdoou, mas também, além disso, eu próprio pagarei todos os teus gastos para que possas viver de acordo com a tua verdadeira nobreza, que é a do espírito.

A rainha de Manji foi cumulada de atenções pelo Grande Khan e viu chegar placidamente o fim dos seus dias respeitada por conhecidos e por estranhos.

XI

ATRAVÉS DA REGIÃO DOS GRANDES RIOS

Na cidade de Yang-gui (Yang-cheu-fu actualmente) Marco Polo deteve-se durante três anos e exerceu ali o cargo de governador. Nesta cidade residia um dos doze principais nobres a quem Marco Polo foi substituir. Era uma cidade muito importante, porque nela existia um importante exército e aí se fabricavam armas de todos os géneros.

O veneziano visitou mais tarde a cidade de Nan-ghin (actualmente Nanquim) e depois a cidade de Sa-yan-fu, célebre por ter resistido durante três anos ao cerco do Grande Khan.

Como a cidade estava rodeada de água por todos os lados menos um, os tártaros só se podiam aproximar por uma língua de terra e as suas perdas eram grandes. Assim, pois, quando toda a região tinha acatado obediência ao Grande Khan, a cidade de Sa-yan-fu ainda insistia em rebelar-se julgando que o imperador não era invencível.

Por aquela altura estavam na corte os irmãos Maffeu e Nicolau Polo (Marco Polo era ainda uma criança que vivia em Veneza) e ao verem a perplexidade e indignação do Grande Khan, que não sabia como derrotar e conquistar a teimosa Sa-yan-fu, disseram-lhe:

— Poderoso senhor, na nossa terra existem umas máquinas

potentes que o vosso exército não possui. Estas máquinas permitem atirar pedras de quatrocentas libras ou mais e estas pedras ao caírem sobre os edifícios arrasam-nos, abrem fendas nas muralhas e, causando grande espanto, conseguem render as praças mais fortes.

— Podeis encarregar-vos da construção de máquinas desse género?

— Sem dúvida. Apenas precisamos de madeira em abundância, ferro, carpinteiros e homens para trabalhar.

Escusado será dizer que o Grande Khan pôs à sua disposição tudo quanto pediam os irmãos Polo e estes desenharam uma gigantesca catapulta. Ao cabo de umas semanas, os irmãos Polo ofereceram à corte uns exercícios para experimentar as catapultas que tinham construído e os nobres e os chefes do exército ficaram maravilhados ao ver a força destas máquinas de guerra. Imediatamente foram desarmadas, carregadas em barcos apropriados e deslizaram pelo rio rumo à cidade rebelde.

Quando os habitantes desta viram aqueles estranhos engenhos que se instalavam à distância de tiro de flecha das muralhas, temeram o pior. De repente ouviu-se um ruído e um silvar de algo terrível. A primeira pedra tinha sido lançada pela catapulta. Uma pedra de trezentas libras ou mais que, descrevendo uma curva ampla, saltou as muralhas e caiu sobre um edifício que se desmoronou por completo por causa do tremendo choque.

— Raios do céu, raios do céu! — exclamaram os soldados que tinham visto das muralhas funcionar as catapultas.

Imediatamente pediram condições para se renderem e abriram as portas da cidade.

Escusado será dizer que o prestígio de Maffeu e Nicolau Polo aumentou com este estratagema de guerra que deu a vitória aos exércitos do Grande Khan com tão poucas perdas.

O rio Kiang (Yang-Tse-Kiang ou rio Azul) era o maior rio do mundo (entende-se o mundo asiático conhecido por Marco Polo). Este rio chegava a ter em alguns pontos seis milhas de largura e isto era devido ao grande número de rios que juntavam a ele as suas águas. A cidade de Nan-ghin estava situada quase na sua desembocadura e a extensão do rio era de cem dias de jornada. Centenas de povos e de cidades viviam graças ao tráfego que subia e que descia as águas do rio. Marco Polo afirmava que uma ocasião vira cerca de quinze mil barcos agrupados até onde a vista podia alcançar.

Os barcos era pequenos, com uma ponte de madeira, um mastro e uma única vela. As cordas não eram de cânhamo como em Veneza, mas eram feitas de substâncias que se tiravam das canas e que se entrançavam. Os próprios marinheiros as trituravam e retorciam até lhes dar o comprimento desejado e uma resistência superior à do cânhamo.

Deslizavam pelas águas abaixo graças à corrente e quando tinham de navegar contra esta, dez ou quinze cavalos puxavam uma sogá arrastando o barco com muita facilidade. Também se viam alguns homens que arrastavam, com a força dos seus ombros, pequenas embarcações mais pobres, de modo que a vida e a actividade no rio eram extraordinárias e ofereciam um aspecto muito belo.

*

Antigamente (nos tempos de Marco Polo) o rio Amarelo tinha um curso diferente do actual a partir de Kai-fong e não distava senão uns cem quilómetros do rio Azul ou Yang-Tse-Kiang. Por esta razão o Grande Khan mandou abrir um canal tão largo que por ele podiam passar os barcos dum rio para o outro e, portanto, da província de Manji até Catai e às terras de Kambalu.

XII A CIDADE DO CÉU

Chamava-se a Kinsai a «cidade do céu», mas hoje em dia denomina-se Hang-Cheu, ao fundo do golfo do mesmo nome, um pouco ao sul de Xangai.

Naquele tempo tratava-se duma cidade maravilhosa cujo perímetro tinha cem milhas. O grande número de riachos e de lagos que a atravessavam fazia com que fosse uma cidade muito limpa, pois toda a sujidade era arrastada para o mar. A comunicação realizava-se por intermédio de ruas por onde circulavam cavalos e carros, e canais por onde deslizavam embarcações de todos os géneros. Sobre estes canais, as pontes permitiam pôr em comunicação as ruas umas com as outras. Marco Polo afirma que não existiam menos do que doze mil pontes. Era algo de impressionante contemplá-las, pois os seus arcos eram tão altos que as embarcações de elevados mastros podiam

deslizar por debaixo deles, ao mesmo tempo que as rampas estavam calculadas de modo a que as carruagens pudessem andar por cima.

Existia um fosso bem calculado que se enchia com o resto da água do rio e servia como defesa da muralha. Construiu-o um antigo rei e a terra que dele extraíra tinha sido amontoada, formando alguns montículos, que tinham sido plantados de árvores.

Existiam mercados tão grandes que num deles, onde Marco Polo assistiu a uma reunião, que costumava celebrar-se três dias por semana, se tinham juntado cinquenta mil pessoas. As ruas eram rectas e uma das principais media quarenta passos de largura e tinha por margem o canal, exactamente como Veneza.

A fruta era abundante e muito boa. As peras, por exemplo, não era raro pesarem dez libras cada uma. Em contrapartida, não existiam uvas, que se tinham de trazer secas, em passa. A pesca fazia-se a partir do mar, que era a uns vinte quilómetros, mas o transporte estava tão bem organizado, que todos os dias chegava peixe fresco em abundância e competia com o que se pescava nas águas do lago, que era extremamente bom.

As casas eram altas e tinham lojas no rés-do-chão. Existia abundância de casas de banho e aqueles que as utilizavam, que eram todos os que tinham dinheiro suficiente, costumavam banhar-se durante todo o ano com água fria, de modo que a quente só se preparava para os estrangeiros que visitavam a cidade. As pessoas eram muito limpas e não só se banhavam, mas também por nada desta vida se sentariam à mesa sem se terem lavado.

Por sobre esta agitada e complicada vida o Grande Khan vigiava, pois nos mercados, por exemplo, existia uma casa onde uns funcionários tinham como missão receber todas as queixas que se fizessem entre os comerciantes e compradores, por desonestidade quanto a preços, pesos, etc.

Como dar ideia do volume daqueles enormes mercados capazes de abastecer a multidão de pessoas que vivia na cidade? Basta dizer que o próprio Marco Polo, ao interrogar os funcionários, soube que a quantidade de pimenta vendida diariamente ascendia a quarenta e três fardos de quarenta e três libras de peso cada um.

Graças a este activíssimo comércio e grande riqueza se explica que toda a gente vestisse de seda naquela região.

A riqueza explicava o carácter pacífico destes homens que não tinham em casa uma única arma e que empalideciam à vista dos soldados de Khan. Contudo, eram boas pessoas, pacíficos e amáveis no trato, obsequiosos com os estrangeiros e amigos das crianças.

Eram tão dados aos prazeres estes habitantes de Kinsai, que por isso se explicava que se desse à sua cidade o nome de «cidade do céu».

A sua paixão era o lago, onde existiam grandes quantidades de barcas de recreio, com lotação para quinze ou vinte pessoas. O seu fundo não tinha quilha, era plano a fim de não se inclinar nem se voltar. O lago não tinha uma profundidade superior a três metros. Bastava que fosse dia de festa para que as famílias ou grupos de amigos se dirigissem ao lago e alugassem barcaças. Nestas embarcações estavam instaladas mesas, bancos e adornos de todos os géneros. Tinham janelas, nos costados das barcas, que permitiam contemplar a paisagem e a cidade. Com efeito, os condutores destas embarcações, apoiando compridas varas no fundo do lago, faziam com que aquelas deslizassem por sobre as águas como as gôndolas em Veneza, e quando a embarcação estava afastada meia milha, podia-se contemplar o magnífico conjunto das casas, árvores, ruas, edifícios, que era muito agradável de se ver.

Depois, quando se achavam a meio do lago, servia-se comida e bebidas, e não era costume regressar senão ao anoitecer, sendo óbvio que o espectáculo oferecido por tantas e tantas embarcações engalanadas em que se ouvia rir e cantar demonstrava que se encontravam na «cidade do céu».

XIII

AS RIQUEZAS DO GRANDE KHAN

Marco Polo, como embaixador de Khan, chegou a conhecer perfeitamente as receitas em dinheiro do poderoso senhor. Espanta ver as quantias indicadas por ele no seu livro: parecem impossíveis, quiméricas.

Devido à distância a que se encontravam do mar algumas povoações do império de Khan, a província de Manji provia de sal terras muito longínquas. Cada carregamento devia pagar tributo ao Khan e Marco Polo aponta que anualmente se recolham tributos no

valor de uns 80 «tomans» de oiro exclusivamente provindos do sal. Tendo em conta o valor do «toman», Marco Polo diz que este tributo correspondia a uns seis milhões e quatrocentos mil ducados de oiro.

Os impostos eram pesados e oscilavam entre três a quatro por cento. Tudo o que se produzia, quer fosse vinho, trigo, arroz, seda ou facas, tudo pagava imposto ao Grande Khan, nada se livrava disso e também as mercadorias que vinham dos outros países tinham que pagar os dez por cento de imposto.

Marco Polo dá notícia no seu livro duma cifra de impostos recolhidos num ano na província de Manji, colocando-a como uma das mais ricas do Império. Diz que se cobraram no valor de trezentos «tomans», quer dizer, 23.200.000 ducados.

Esta cifra hoje representaria, em escudos, o total de 1.160.000.000 (mil cento e sessenta milhões de escudos). E não nos esqueçamos que por um par de ducados se podia comprar um faisão, segundo nos conta o mesmo veneziano.

*

Marco Polo tornou a fazer a viagem até ao Sudoeste, seguindo a pouca distância da costa. Disse que as cidades se sucediam umas às outras com tanta proximidade e tanta riqueza que se tinha a impressão de viajar no meio duma mesma população cujos bairros ou subúrbios se juntavam uns aos outros. Os seus habitantes eram parecidos com os de Kansai, ainda que não fossem tão ricos.

Diz que tinham desaparecido as ovelhas e o único gado que se via eram bois, vacas e porcos.

Ao entrar na província de Kin-cha, a cidade mais importante que encontrou foi Fu-giu (actualmente chamada Fu-cheu e situada frente à ilha Formosa). As cidades eram ricas e tinham bom comércio, sobretudo de sedas e especiarias. Os habitantes destas regiões eram muito valentes. Diz que quando iam para o combate soltavam o cabelo, que lhes cobria quase todo o pescoço e as orelhas, e que pintavam o rosto com uma cor azul brilhante.

Andavam a pé e não admitiam outro cavaleiro senão o chefe, de modo que combatiam com lanças e com espadas com grande ferocidade. Era quase impossível não acreditar na ferocidade daqueles homens que iam para o combate dispostos a matar ou a morrer. Quando o inimigo caía ferido atiravam-se sobre ele e bebiam o seu

sangue. Ao terminar a luta, os soldados comiam a carne dos vencidos. Mas se isto nos parece horrível, devemos pensar que em tempo de paz estes homens tinham o abominável costume de comer carne humana de pessoas que não tivessem morrido de enfermidade.

Na cidade de Kue-lin-fu, rica e grande, com três pontes sobre o rio e cujos habitantes faziam ostentação das suas riquezas, Marco Polo ouviu falar duma ave extraordinária. Não tinha penas e a sua pele estava coberta de pêlo como os gatos, punha ovos, que eram bons para comer, e quanto ao mais não se distinguia duma qualquer ave. Contudo, o ilustre viajante não pôde ver nenhuma.

Continuou viagem com grandes precauções porque aqueles lugares estavam infestados de enormes tigres que não hesitavam em atacar os viajantes que se aventuravam não armados.

Em Un-guen existia uma refinaria de açúcar. Existia ali em grande quantidade, mas os seus habitantes não sabiam fabricá-lo, de forma que lhes ficava uma pasta escura impossível de ser utilizada; mas quando o Grande Khan invadiu o território, levava consigo funcionários que tinham estado em Bagdad e ensinaram-nos a fazê-lo convenientemente, de forma que chegaram a produzi-lo com grande refinamento.

Kan-giu estava ao fundo duma baía (é o nome antigo da cidade de Cantão, situada na baía deste nome, em cuja entrada está a possessão inglesa de Hong-Kong). O número de barcos que chegavam da Índia era enorme e o tráfico impressionante.

Deixando a cidade de Kan-giu e continuando em direcção a Sudeste, atravessa-se o rio e durante cinco dias Marco Polo percorreu uma região bastante habitada, passando por cidades, castelos e esplêndidas residências fornecidas com todo o género de provisões. O caminho estendia-se sobre colinas, através de planícies e de bosques onde se vêem muitos desses arbustos donde se extrai a cânfora.

*

Em Zai-tun, Marco Polo apercebeu-se da enorme riqueza que representava o comércio da pimenta. A quantidade que ali se vendia era cem vezes superior à que se gastava em Alexandria (Egipto) para consumo de todo o Mediterrâneo. E espantou-se com o negócio que devia representar. Com efeito, a pimenta pagava doze por cento de impostos para o Grande Khan, o frete correspondia a 44 por cento, de

modo que os comerciantes calculavam que todos os gastos importavam tanto como a metade do que ganhavam pela mercadoria. Agora calcule-se o preço ínfimo a que a deviam pagar na Índia para que continuamente chegassem navios carregados de pimenta e os comerciantes cada vez enriquecessem mais.

Os campos eram muito formosos, o clima quente e agradável e os habitantes apreciavam diversões e não gostavam muito de trabalhar. Chegavam viajantes de lugares afastados apenas para se fazerem tatuar no corpo por peritos nesta estranha arte.

*

Era ali que se fabricava a porcelana de mais fina qualidade. Os homens e mulheres que extraíam a terra para a fabricarem sabiam que trabalhavam para os seus filhos. Assim o disse um dos trabalhadores a Marco Polo.

— Como é possível tal coisa? — perguntou este, sem perceber.

— Esta terra que aqui vedes, senhor, deve estar exposta ao sol, ao ar e à chuva durante trinta ou quarenta anos. Só assim se purifica. Depois, passado esse longo espaço de tempo, é que se confeccionam as taças de porcelana que tanto admiram os estrangeiros.

*

Com este relato da província de Kon-cha (sul da China) Marco Polo termina o segundo livro. Aqui terminou a sua embaixada por terras de Manji e Kon-cha e regressou outra vez ao palácio de Grande Khan para lhe dar conta da sua missão, com a qual Kublai se sentiu tão satisfeito que não tardou em encarregá-lo doutras, como vamos ver.

LIVRO TERCEIRO

O ARQUIPÉLAGO DO JAPÃO, A ÍNDIA E AS ILHAS ORIENTAIS

I

A ÍNDIA E O CAMINHO PARA CIPANGO

Os chineses, quer dizer, os habitantes das províncias de Manji e outras que Marco Polo tinha visitado ultimamente, possuíam barcos relativamente pequenos com um só mastro e uma só vela. Eram barcos apropriados para navegar pelos rios e lagos da região.

Marco Polo dispunha-se a embarcar para as Índias. Estas não eram as províncias da Índia actual, mas sim as ilhas chamadas Índias Orientais, a principal das quais era Cipango, quer dizer, o Japão. Os barcos em que ia navegar eram maiores e de mais tonelagem. Marco Polo descreve a sua estrutura com grande pormenor.

*

Eram de madeira de abeto e, portanto, fortes. Marco Polo lembrou-se daqueles que tinha visto no estreito de Ormuz, cuja madeira se partia quando se introduzia um prego. Debaixo da ponte, estes barcos tinham sessenta cabinas ou camarotes, que eram alugados pelos comerciantes, os quais navegavam assim com toda a comodidade.

Alguns barcos tinham quatro mastros com as velas correspondentes. Os que navegavam pelos rios tinham duas, que podiam baixar-se quando passavam por debaixo das pontes.

A despensa, ou barriga do barco, era enorme, com doze ou mais divisões estanques, quer dizer, não permitindo que a água passasse duma para a outra.

— Isto é para acautelar um choque contra um baixo ou uma

rocha? — perguntou Marco Polo ao capitão do barco.

— Pior, senhor: contra as baleias.

— Baleias nestes mares?

— Sim. Quando o barco navega, o leme produz uma espuma branca e não tarda em segui-la alguma baleia, que é um peixe muito grande e forte. Então, dá um golpe contra o barco com tanta força que consegue partir as tábuas e imunda-se um compartimento. Se a despensa não estivesse dividida em vários compartimentos estanques, o navio afundar-se-ia. Assim conseguimos defender a mercadoria.

Marco Polo, sem querer negar a existência das baleias, pensou que a explicação era muito razoável, mas por que motivo não continuava a baleia dando pancadas no barco até o afundar?

Observando a construção de um deles, notou que todos eles tinham dupla folha de madeira nos seus costados para melhor os defender contra os acidentes. Calafetavam-nos com estopa e uma substância formada de cânhamo e cal misturados, à qual se juntava um azeite produzido por certa árvore, e isto era preferível ao pez que se utilizava no Mediterrâneo.

Nos portos, o movimento de marinheiros era considerável. Havia barcos que levavam até trezentos homens para a manobra, carga e descarga. É necessário pensar que alguns embarcavam seis mil sacos de mercadoria.

Como era frequente haver calma, quer dizer, falta de vento que insuflasse as velas, os barcos costumavam levar filas de remos, cada uma das quais necessitava pelo menos de quatro homens para os mover. Apesar de tudo, os barcos eram tão grandes que isto não bastava e tinham que usar umas embarcações mais pequenas capazes de levar cinquenta ou setenta marinheiros, que rebocavam o navio maior.

Ao voltar da longa viagem, os barcos necessitavam duma reparação e costumava-se fazê-la colocando uma capa feita de tábuas, quer dizer, uma linha de pranchas novas, calafetando-o todo de novo. Assim se fazia ao fim dum par de anos ou ao fim de três, de forma que chegava uma altura em que o barco já tinha cinco ou seis camadas de madeira e faltava-lhe velocidade e carga. Então, não restava outro remédio senão desmontá-lo e retirá-lo definitivamente do serviço do mar.

A ilha de Cipango (Japão) estava no oceano oriental e distava umas mil e quinhentas milhas da costa de Manji.

Gente tão independente como a desta ilha nunca se viu em parte alguma.

Tinham os seus próprios reis, os seus ídolos e costumes. Possuíam oiro em tal abundância que suscitavam a inveja dos seus vizinhos, mas os comerciantes não tinham interesse em visitar Cipango porque os governantes não permitiam a saída do oiro do país.

Os que tinham visitado aquela ilha afirmavam que os tectos do palácio do soberano estavam cobertos de folhas de oiro puro e que de oiro eram os tectos interiores.

Era frequente ver-se no palácio mesas de oiro puro e as janelas tinham enfeites deste rico metal que também pareciam feitas com ele.

Também abundavam as pérolas que eram de grande tamanho. O seu costume de enterrar os mortos pondo-lhes uma grande pérola na boca demonstra até que ponto eram ricos os habitantes de Cipango.

Não há nada de estranho que, ao conhecer estas maravilhas, o poderoso imperador Kublai Khan tivesse preparado uma frota para invadir e conquistar o país de Cipango.

II

A EXPEDIÇÃO CONTRA CIPANGO

Kublai Khan sabia bem fazer os preparativos e assim reuniu uma frota importante e bem equipada. Milhares de tártaros embarcaram para empreender a conquista de Cipango. Quando chegou a altura de nomear um chefe, viu que os nobres da sua corte estavam divididos.

— Não encontrareis homem mais leal do que Abacatan, senhor.

— Permite que te aconselhe, poderoso Khan, um homem duro no combate, experimentado na guerra e treinado em dirigir milhares de combatentes à vitória. Refiro-me a Vonsancin.

E assim, não só os nobres, mas as imperatrizes e as favoritas se achavam divididas entre estes dois guerreiros, que queriam ser os condutores dos exércitos de Khan à vitória.

Quando chegou o momento de decidir, Kublai Khan disse:

— É muito importante para mim conquistar a rica terra de Cipango, e por isso julguei que quatro olhos viam mais do que dois;

dois nobres guerreiros serão melhores do que um só. Portanto, nomeio chefes da expedição Abbacatan e Vonsancin, com idênticos direitos e mando. Esta é a minha vontade. Agora que a vitória vos acompanhe.

É inútil dizer que a decisão de Khan não satisfizes nenhum deles, pois eram ambiciosos e cheios de orgulho, ainda que fossem nobres e fortes guerreiros.

Cedo começaram as desavenças entre os dois chefes. Enquanto um pretendia desembarcar de noite, o outro opinava que isso se devia fazer à luz do dia. Um queria-o fazer numa ilha, o outro em terra firme, e como ambos tinham o mesmo poder, nenhum deles quis ceder, apesar de que o momento de desembarcar se adiava e com ele as oportunidades de vitória.

Finalmente chegaram a um acordo, mas como o tempo não era propício, apoderaram-se duma única cidade e mesmo esta de pouca importância.

Entretanto, o grosso da frota encontrava-se no mar com as tropas de desembarque nos bojos dos navios, aguardando o momento em que Abbacatan e Vonsancin se pusessem de acordo.

Certo dia levantou-se um vento fortíssimo e os capitães dos barcos aconselharam:

— Este vento é norte, frio e perigoso. Os barcos estão muito juntos nestas ilhas; é preciso desembarcar — dizia um.

— Estamos rodeados de recifes; se o temporal aumenta, podemos arrojá-los contra os baixios e naufragaremos — aconselhava outro. — É necessário desembarcar.

Mas os dois chefes continuavam discutindo porque o ciúme e a inveja os tinham cegado, impedindo-os de ver que por sua culpa a expedição ia fracassar.

Como não chegaram a acordo sobre o ponto de ataque, num conselho de oficiais tiveram que concordar com algo de pior:

— Então daremos ordem para que a frota se faça ao mar e se afaste da costa, até que determinemos como havemos de atacar Cipango.

Os capitães dos barcos estavam desesperados, mas não podiam fazer outra coisa senão obedecer às ordens dos chefes.

— Se nos metemos pelo mar dentro — lamentavam-se —, o temporal será mais forte e entre as ondas e as baleias os nossos barcos irão para o fundo do mar. Pobres de nós!

O temor entre os oficiais era maior, porque obedecer aos seus

chefes era desobedecer às ordens gerais que o Grande Khan lhes tinha dado antes da sua partida.

Serve isto para demonstrar que as empresas mais cuidadas, aquelas que mais detidamente foram estudadas, podem falhar pela circunstância mais ínfima. Se o Grande Khan, poderoso e justiceiro senhor, tivesse conhecido a rivalidade que existia entre os dois chefes por ele nomeados, nunca lhes teria dado o comando da expedição.

O mar ia-se encrespando mais e mais. Os dois chefes rivais, alheios a tudo que não fosse as suas próprias quezílias, ignoraram a proximidade do perigo e deram a ordem que toda a gente receava.

— Atenção! Temos que procurar maneira de evitar que os barcos choquem entre si enquanto se efectuem as manobras para os desatracar e levar para o mar largo.

Todos os soldados foram providos de compridas varas com que tratavam de repelir todas as bordas dos barcos que fossem empurrados pelas vagas contra a própria embarcação. Mas o mar era muito mais forte e poderoso do que os homens, e, inexoravelmente, as ondas agitadas pelo vento ciclónico do norte tornavam difícilíssimo o trabalho que os chefes rivais tinham decidido.

Muitos barcos chocaram entre si, apesar do esforço combinado das tripulações; outros, mais afortunados, tratavam de escapar da enseada em que se tinham refugiado. A própria confusão ocasionada por aqueles que, dominados pelo pânico do mar embravecido, tratavam de ser os primeiros a atravessar o estreito que os levaria até ao mar largo, produzia bom número de acidentes, dificultando ainda mais as manobras precisas e provocando atrasos na marcha geral do conjunto, tornando extremamente perigoso os minutos de permanência no lugar reduzido que ocupava tão grande número de barcos.

O céu tinha-se escurecido paulatinamente e o ulular do vento era tão poderoso que nem sequer os gritos de uns e de outros se podiam ouvir.

Ainda que reduzida notavelmente, a frota do Grande Khan pôde por fim avistar o mar largo. Mas um perigo ainda maior os aguardava aí. Ondas gigantescas faziam dançar os barcos, os timoneiros não os podiam dominar e tão depressa estavam de proa voltada para o embate furioso do mar, como estavam de popa ou de lado. Amiúde o intervalo entre as ondas era tão grande que a proa não podia endireitar-se a tempo e a água varria a cobertura dos barcos arrastando consigo homens, armas, utensílios, apetrechos.

Os homens corriam pela coberta em perigo constante, ora em cima, ora em baixo, visto que o navio se movia aos impulsos da tempestade. Ninguém dava ordens, que, aliás, o fragor dos elementos desencadeados teria tornado inúteis; todos sabiam a sua obrigação naquele difícil transe e a necessidade dos seus serviços onde o perigo ameaçasse.

Durante uns momentos julgaram poder vencer o temporal com êxito. A tempestade parecia ter chegado ao seu ponto máximo e a alegria apoderou-se dos esforçados corações de quantos lutavam denodadamente contra os elementos.

Súbito, um vivíssimo clarão iluminou, durante vários segundos, a superfície encrespada do mar. Todos suspenderam naquela altura os seus esforços, deslumbrados pela intensidade do relâmpago. Instantes depois, um trovão fortíssimo fez ouvir a sua voz por sobre a fúria do vento.

Abbatcan, no castelo da proa da sua nave, empalideceu ao compreender a gravidade da situação, mil receios assaltaram o seu pensamento e o arrependimento pela parte de culpa que ele tinha tido naquela desgraça começou a fazer efeito no seu ânimo, a sua voz tremeu ligeiramente ao dirigir-se aos gritos ao timoneiro, que lutava denodadamente com a cana que imprimia direcção ao barco.

— Que pensas da situação?

O timoneiro pareceu não se aperceber da pergunta posta pelo seu superior; o alvoroçado rugir dos elementos chegava muito distinto à reduzida cabina e era lógico que, ensimesmado no trabalho, não prestasse atenção às palavras do chefe tártaro. Este, com os nervos excitados pela angústia do momento, supôs que se tratava dum desrespeito à sua autoridade tal falta de atenção do subordinado, e bateu com toda a força com o bastão de comando, que trazia na mão direita nas costas daquele. A violência do golpe fez saltar em estilhas a delgada vara, símbolo da sua autoridade, mas produziu reacção brusca no esforçado timoneiro. Deixando a vigilância da direcção do navio que tinha a cargo, ergueu a sua alta estatura e encarou Abbatcan, brilhando nos seus olhos um desejo homicida. As suas mãos procuraram algo entre as molhadas roupas e apareceram instantes depois armadas com uma comprida faca, que esgrimiu ameaçador contra o seu superior. Abbatcan ficou perplexo ante aquele acto que no seu foro íntimo classificava de rebeldia, e a sua hesitação esteve a ponto de lhe custar a vida. O acaso veio em seu auxílio e um choque

brutal e inesperado do batel fê-lo inclinar de lado, fazendo perder o equilíbrio aos dois homens. O insólito daquele choque em pleno mar fez esquecer as raivas a ambos, e enquanto o timoneiro voltava ao seu posto Abbacatan correu até à coberta para se informar da causa que tinha produzido aquele encontrão.

Um perigo ainda maior os ameaçava: à luz viva dos relâmpagos que se sucediam sem cessar, os seus olhos distinguiram com terror várias moles de cor cinza tão grandes quase como as próprias naves, que nadavam a grande velocidade tentando escapar-se da proximidade dos navios, pois o seu tamanho desmedido precisava de espaço para se mover com liberdade. Do estranho ser situado perto do barco de Abbacatan brotaram duas colunas de vapor de água que se elevaram a grande altura. Ninguém duvidou da identidade daqueles animais. Um grito de terror percorreu todas as naves que compunham a expedição.

— Baleias! São baleias!

Quase instantaneamente, um dos barcos de pouca tonelagem saltou no ar, feito em estilhas. Tinha sido alcançado por uma pancada dum dos cetáceos. A este muitos outros se seguiram. Em pouco tempo a superfície das águas ficou coberta de madeira e velames, produzindo um efeito de grande abatimento no ânimo de quantos contemplavam a cena.

Os tripulantes dos barcos destruídos ficaram abandonados no mar, dado que os seus companheiros, que tinham tido mais sorte, nada podiam fazer por eles, visto a agitação em que se encontravam as águas.

Os mais afortunados puderam salvar-se graças a uns madeiros e, umas vezes nadando, outras arrastados pelas correntes, chegaram a uma ilha de Cipango, onde se juntaram.

Os barcos maiores, ocupados pelos chefes Abbacatan e Vonsancin, dirigiram-se para as terras do Grande Khan e regressaram ao seu país, como se os ciúmes e a inveja os impedisse de ver que o poderoso Kublai lhes pediria contas da sua empresa. Desembarcaram sem outra novidade, dizimados e muito reduzidos, na província de Manji e dirigiram-se à presença do Grande Khan.

*

Quando se viram numa ilha desconhecida, a mais de quatro milhas das terras de Cipango, os tártaros sentiram um grande

desalento. Os barcos tinham ficado inutilizados, desaparecido, a tal ponto que já não podia restar a mínima esperança de voltar a Catai. Reagruparam-se e, sob o comando dos chefes que tinham conseguido salvar-se, verificaram que dispunham de mais de trinta mil homens.

A tempestade acalmou-se e os habitantes de Cipango aperceberam-se do perigo que tinham ocorrido. Alguns souberam que naquela ilha tinham ficado alguns tártaros que se tinham salvo no naufrágio.

— São poucos — diziam. — Devem estar desarmados, famintos e sem defesa. Vamos aprisioná-los e o nosso rei dar-nos-á uma grande recompensa. Quem se alista para embarcar para a ilha?

Os japoneses tinham razão ao supor que os tártaros estariam famintos e desarmados. Com efeito, o temporal foi de tal intensidade que apenas lhes permitiu salvar a vida, porque muitos o intentaram e apenas alguns conseguiram. Contudo, a sorte que os esperava talvez fosse pior do que a daqueles que tinham morrido em consequência do desastre, pois ou morriam às mãos dos japoneses, que de maneira nenhuma lhes perdoariam a sua intenção de invadir a ilha, ou se iriam depauperando lentamente por falta de alimentos ou de meios para se proverem dos mesmos.

Assim, postas as coisas desta forma, dois náufragos comentavam um dia a sua situação tão pouco lisonjeira:

— Unicamente nos podemos alimentar com o pouco que possamos pescar perto da costa. Não podemos pensar em cultivar o que quer que seja, porque nos faltam sementes. A nossa situação é desesperada.

— E os poucos víveres que nos restam não vão durar nem meia dúzia de dias. Só temos duas alternativas: a morte pela fome ou a morte à mão dos japoneses. Não sei qual será pior.

Outro, que estava escutando o que diziam estes dois desesperados, permaneceu calado. De repente, brilharam-lhe os olhos de alegria e exclamou:

— Suponho que seria melhor afastarmo-nos da costa e internarmo-nos nos bosques.

— Não digas disparates. Carecemos de armas e nada poderíamos caçar. Em contrapartida, aqui, ao menos, podemos ter o recurso da pesca.

Aquele que tinha falado parecia ter um plano determinado. Insistia na vantagem de se afastarem da praia e explicou assim as

razões que tinha a seu favor:

— Podemos internar-nos no bosque e esperar. Os japoneses sabem que estamos aqui e não tardarão em vir. Querirão fazer-nos pagar caro a nossa ousadia. Entretanto, poderiam descer à pesca uns tantos, diariamente, e voltar em seguida com os outros, uma vez pescado o que facilmente podiam transportar.

— E o que ganhamos com isso? Andar um pouco mais todos os dias e expormo-nos ao assalto de alguma fera.

— Se convier, acenderemos fogo para as afastar, mas esta ilha não me parece habitada por animais daninhos. Com isto, lograríamos o seguinte: quando virmos que os japoneses se aproximam da praia, ocultamo-nos na parte oposta do bosque que fica no centro da ilha e, quando eles subam a explorá-lo, descemos, rapidamente pelo lado contrário e, percorrendo a praia, caímos de surpresa sobre os guardas e apoderamo-nos dos seus botes. Se além disso capturarmos algumas armas, poderemos pensar em invadir alguma ilha povoada e estabelecemo-nos nela.

Todos acharam muito engenhoso o plano; mas para o levarem a cabo teriam de ser muito favorecidos pela sorte. Em primeiro lugar, era necessário que os japoneses viessem em breve, antes que as suas forças se tivessem debilitado, pois de contrário teriam deixado na praia gente suficiente para resistir à sua avalanche.

Quis a sorte que tudo lhes saísse à mercê dos seus desejos. Os japoneses não tinham a certeza da ilha em que se tinham refugiado os sobreviventes do naufrágio. Assim não iam bem apoderar-se deles, mas sim explorar a ilha e ver se encontravam pistas de seres humanos. Escusado será dizer que aqueles as tinham feito desaparecer. Por conseguinte, quando chegaram à praia a viram deserta e sem o menor rasto de passagem humana, decidiram seguir para diante e explorar outra das ilhas do arquipélago. Não obstante, um dos chefes daquela turba, recrutada entre gente da mais diversa procedência, sugeriu que talvez tivessem desembarcado na costa oposta da ilha. Então, a maior parte dos guerreiros improvisados subiu a colina central, naquela em que havia um denso bosque, para observar a partir daí o lado contrário da ilhota. Apenas alguns, dos mais velhos, ficaram meio adormecidos no interior dos navios. Entretanto, os tártaros, ao vê-los subir, desceram por detrás dum outeiro e apoderaram-se sem a menor resistência de todas as embarcações.

Os japoneses, do alto da sua privilegiada situação, aperceberam-

se com horror que os seus barcos partiam e que, como por arte de magia, os papéis se tinham invertido: agora seriam eles os náufragos e os tártaros voltariam a estar em situação de poder ameaçar a soberania de Cipango.

Entretanto, os tártaros rapidamente saíram do seu assombro ao verem que as coisas lhes tinham saído bem e decidiram aproveitar, até ao fim, esta rajada de boa sorte que agora lhes era propícia. Desta forma, sem perda de tempo, antes que a prolongada ausência dos expedicionários pusesse de sobreaviso as famílias, dirigiram-se a uma pequena ilha, próxima daquela em que se tinham refugiado ao dar-se o naufrágio.

Quando viram chegar a pequena flotilha julgaram que se tratava dos seus compatriotas e saíram alegremente das suas casas com a natural despreocupação e ansiosos de voltar a abraçar aqueles de quem se tinham despedido umas semanas atrás.

Os tártaros arremeteram contra eles e pronto: cercaram e reduziram à impotência os que tinham descido à praia. O resto foi pão com mel. A partir de então, tiveram armas suficientes e puderam alimentar-se à vontade para recuperar as forças rapidamente. A sua situação tinha melhorado muito, mas era conveniente prevenirem-se contra alguma represália dos habitantes do resto do arquipélago.

Assim, pois, a partir daquele momento não pensaram em outra coisa senão organizar a defesa do território que tinham conquistado. Pensaram em enviar um embaixador ao imperador informando-o da sua situação e pedindo-lhe para mandar uma frota em sua ajuda. Mas os barcos de que dispunham eram muito pequenos e era muito duvidoso que pudessem sair com êxito para o alto mar. Além disso, de qualquer das maneiras, o tempo que seria necessário para isso e para que Khan mandasse reforços seria suficiente para que o rei de Cipango submetesse os intrusos. Portanto, renunciariam ao projecto, pensando que todos os homens fariam falta para a luta que se avizinhava.

*

Quando o rei de Cipango teve conhecimento de tanto desastre e de tamanha desorientação, encolerizou-se e ordenou que ninguém acudisse a salvar os habitantes da pequena ilha, que apodrescessem por culpa da sua imbecilidade. Chamou um dos seu generais e ordenou-

lhe:

— Quero que conquistes a nossa cidade imediatamente.

Já dissemos que os tártaros sabiam a arte da guerra. Mantiveram bem defendidas as muralhas e as tropas de Cipango passaram seis meses diante dos seus muros. O rei perdia a paciência. Por isso, quando os tártaros ofereceram render-se com a condição de as suas vidas serem respeitadas, o rei de Cipango consentiu.

Estes factos ocorreram no ano de 1279.

*

De nada serviam as desculpas dos chefes Abbacatan e Vonsancin dadas a Kublai Khan para justificar o desastre sofrido. Por ordem do imperador foram mortos imediatamente.

III COSTUMES DE CIPANGO E O ANCIÃO REI DE ZIAMBA

Entre Cipango e as terras de Catai existe o mar da China. Os marinheiros que navegavam nele consideravam-no tão extenso que afirmavam que unicamente pilotos muito experimentados e audazes podiam aventurar-se nele. As suas 7.440 ilhas, quase todas elas habitadas, formavam as pérolas desse imenso colar. O oiro, as especiarias e a riqueza natural destas ilhas era enorme mas os seus habitantes, como eram muito selvagens, não lhes ligavam a menor importância.

— Por que motivo — perguntava a si próprio Marco Polo — não são mais frequentes as viagens a estes lugares tão ricos?

— Porque na viagem se gasta um ano completo.

— Não pode ser tão grande esse mar.

— Não se trata de distância, mas sim de tempo, senhor.

E explicavam ao veneziano que nesta região só sopram dois ventos: um, no Inverno, em determinada direcção, e outro em direcção contrária, no Verão. Portanto, os marinheiros deviam aproveitar um para a viagem de ida e o do semestre seguinte para o regresso.

Por estes motivos, Marco Polo não as visitou e falava delas por referências.

*

Navegando sempre até ao sul, pelo mar da China, chega-se à Indochina. Ao sul desta região encontrava-se situado o reino de Ziamba (possivelmente no Camboja), cujo rei pagava cada ano a Khan um tributo que consistia em certo número de elefantes.

Foi por alturas do ano de 1278 que Kublai Khan teve notícia da existência deste reino que era sumamente rico em elefantes e em madeiras de óptima qualidade. Desejoso de o conquistar, pois já possuía as províncias de Manji e todo o território que hoje constitui a China, preparou um grande exército e dirigiu-se contra Ziamba sob o comando do general Sogatu.

E antes que Sogatu tivesse chegado a avistar o castelo, recebeu um emissário do rei Accambale pedindo-lhe condições para a rendição.

— O meu senhor — expôs o emissário — está disposto a pagar um razoável tributo ao Grande Khan. Mas não saqueeis nem ponhais incêndio às nossas povoações.

Foi assim que o ancião conservou o seu trono, pois Kublai Khan aceitou a oferta do rei Accambale e ordenou ao exército de Sogatu que se retirasse sem cometer a menor violência.

IV RUMO ÀS ILHAS DO SUL

Mil e quinhentas milhas ao sul do reino de Ziamba, chega-se a uma ilha que Marco Polo qualificou como a maior do mundo: Bornéu.

Temos de ter em conta que naquele tempo não se conhecia nem a Austrália nem a Gronelândia.

Admirou-se Marco Polo que uma ilha tão grande e tão povoada ainda não tivesse sido submetida ao poder do Grande Khan, para mais tendo em conta que o oiro abundava de tal maneira naqueles lugares que os indígenas o apanhavam nas margens dos rios como quem apanha pedras. Os comerciantes de Manji e de Zai-tun importavam-no desses lugares e se não fosse a grande distância e os enormes perigos que oferecia a navegação por aqueles imensos mares, a dita ilha já pertenceria às possessões do Grande Khan.

Mais ao sul encontrou a ilha de Samatra, que se chamava então

Sondur, e outras, até chegar ao actual estreito de Malaca.

A ilha de Pentan, hoje chamada Bintang, encontra-se no mesmo estreito de Malaca. Marco Polo espantou-se que este estreito tivesse apenas quatro braças de profundidade, e isto durante sessenta milhas.

— Tem tão pouca profundidade — afirmava o navegante — que foi necessário levantar e tirar os lemes, pois roçavam no fundo.

*

Finalmente chegou à ilha de Java Menor (Samatra). Nesta ilha existiam oito reinos, cada um deles governado por um soberano independente e com línguas diferentes. Eram regiões muito ricas em drogas e especiarias, que se exportavam para as províncias de Manji e de Catai.

Marco Polo, que era bom observador, diz que estes lugares se achavam tão afastados do Norte que a Estrela Polar já não era visível. Com efeito, o equador passa pela ilha de Samatra. O veneziano visitou seis dos oito reinos e de cada um deles deu referência.

*

No reino de Dragoian voltaram a ter notícia de homens que comiam carne humana e se alimentavam dos seus próprios pais quando estes estavam para morrer. Estes chamavam uns feiticeiros e se os mesmos lhes diziam que não podiam morrer, mandavam vir uns homens especializados em asfixiar, para matar o enfermo. Depois... Enfim, deixando de parte toda a série de pormenores desagradáveis, a festa terminava levando todos, em procissão, uma caixinha onde estavam os ossos do morto para um lugar perdido entre as montanhas, nalguma afastada caverna.

No reino de Lambri viu que os nativos cultivavam umas ervas que deixavam crescer e, quando começavam a deitar botão, arrancavam-nas e plantavam-nas noutra lugar onde permaneciam durante três anos, ao fim dos quais extraíam a raiz, que utilizavam como matéria corante.

— Neste reino — disse o navegante — encontram-se homens com pescoços da largura dum palmo; estes homens vivem nas montanhas e são muito selvagens.

Tendo visitado seis destes reinos, Marco Polo embarcou,

deixando atrás de si as ilhas do Sul e dirigindo-se até o Oeste.

V HISTÓRIA DE SOGOMON BARCHAM

A ilha de Ceilão levou Marco Polo a dizer que era pelo seu tamanho a melhor do mundo.

Homens e mulheres vestiam-se apenas com um pano enrolado à cintura, pois o calor era muito.

A ilha produzia safiras, topázios e ametistas, considerados como os mais preciosos do mundo. Quanto a rubis, diz-se que o rei Sender-naz possuía o maior da terra, que media um palmo de comprimento e era tão grosso como um braço de homem, sendo o seu brilho impressionante.

Quando Kublai Khan se inteirou da existência deste rubi, mandou emissários a solicitá-lo, pedindo que fixassem preço.

— Dizei a vosso senhor que não o posso vender por todos os tesouros do mundo, porque esta jóia pertenceu a meu pai, a meu avô e ao avô do meu avô, motivo pelo qual não me posso separar dele.

Kublai Khan teve que se conformar.

O astuto rei Sender-naz sabia perfeitamente que Ceilão estava a muitíssimas milhas de Kambalu e que o poderoso Khan não podia mandar uma expedição para conquistar o maior rubi do mundo. É possível que a resposta do rei tivesse sido outra se fosse vizinho de Kublai. E a resignação deste, nesse caso, talvez não tivesse sido tão rápida.

Se a estas considerações juntarmos que os habitantes de Ceilão eram tão cobardes que quando tinham que combater alugavam mercenários doutros países, ainda se compreenderá melhor esta história do rubi cor de fogo.

*

Nesta ilha existia uma montanha tão alta e rochosa que não era possível escalá-la sem utilizar correntes de ferro para as pessoas se içarem umas às outras. Chamava-se o pico de Pedratalagalla. Os olhos de todos os habitantes dirigiam-se para este miradouro com tal ar de adoração, que Marco Polo teve que perguntar a causa.

— No cume, ali onde as nuvens cobrem as rochas, senhor — respondeu um comerciante sarraceno — encontra-se a tumba do nosso primeiro pai Adão.

Depois, Marco Polo comentou isto com outros habitantes da ilha e estes escandalizaram-se.

— Mentira, mentira! — gritavam. — Isso é o que afirmam os maometanos, que Deus castigue! Ali está o túmulo da grande santo e puro Sogomon Barcham, vulgarmente conhecido por Buda. Não conheceis a história? Vou contar-vo-la:

«Há muitos séculos, o rei desta ilha teve um filho que era formoso, inteligente e bom. Cansado dos bens do mundo, sentiu desejos de alcançar a santidade. Quando o rei seu pai teve conhecimento das ideias de seu filho, tentou-o com toda a espécie de prazeres. Apresentou-lhe as mais formosas mulheres que desejavam ser suas esposas, manjares requintadíssimos para excitar a sua fome, sedas e fatos de qualidade, enfim, prazeres de todos os géneros.

«Tudo Sogomon Barcham recusou e, quando pôde, partiu do palácio paterno e dirigiu-se a uma montanha, esta precisamente. Ali, no cimo, viveu em santidade e penitência. Seu pai não conseguiu fazê-lo voltar ao mundo.

«Ao morrer Sogomon Barchan, o rei sentiu-se enlouquecer de dor, ordenou que se fundisse uma estátua de ouro que representasse o seu filho e mandou que todos os habitantes da ilha lhe tributassem culto e o adorassem.

«Ali, no seu túmulo, se conservam parte dos seus cabelos, alguns dentes e um vaso que utilizava para beber.»

Por isto todos os habitantes de Ceilão dirigiam os seus olhos para o alto rogando a Buda que os iluminasse.

No ano de 1248, o Grande Khan soube que em Ceilão não só existia o maior rubi do mundo, mas as relíquias do Buda, e mandou uns emissários solicitando ao rei que lhe entregasse parte dos restos de Buda.

O rei Sender-naz, desta vez, pôde ser-lhe agradável e enviou-lhe um dente molar muito grande, um punhado de cabelos e um vaso verde. Dava a impressão de que lhe tinha custado menos desfazer-se destas relíquias do que do grande rubi que herdara dos seus antepassados.

Ao saber que os emissários chegavam às suas terras com tão estupendas relíquias, Kublai Khan ordenou que todo o povo de

Kambalu saísse em procissão a recebê-las e organizou-se uma festa esplêndida e emocionante.

*

O rinoceronte é um habitante comum das selvas. Havia também abundância de caça, tanto em aves como em animais ferozes.

Fanfur era um reino da mesma ilha governado por um príncipe. Nesta parte do país produzia-se um espécie de cânfora muito superior a qualquer outra. Chamava-se a cânfora de Fanfur e vendia-se a um preço equivalente ao seu peso em oiro.

Não havia trigo nem nenhum outro cereal e o alimento dos seus habitantes era arroz com leite, e o vinho que extraíam de certas árvores, de maneira semelhante à utilizada em Samatra. Tinham também uma árvore de que obtinham, por um processo especial, uma espécie de farinha. O tronco era muito alto e tão grosso que para o rodearem eram necessários dois homens. Quando desta árvore era arrancada a casca, encontrava-se uma substância interior dumas três polegadas de espessura, sendo a parte central ocupada por uma medula que produz um pó ou farinha. Punham a medula numas vasilhas cheias de água e batiam-na com um pau para que as fibras e outras impurezas subissem à superfície e as partes puras descessem para o fundo. Uma vez realizada esta operação, tirava-se a água e o pó que ficava, despojado de toda a substância estranha, empregava-se para fazer pastéis e várias espécies de pastas. Marco Polo comeu frequentemente destas, que recordavam, pelo seu gosto e aspecto, pão de cevada.

A madeira da árvore que ali tinham podia-se comparar ao ferro no sentido de que quando se deitava à água imediatamente se afundava. Podia-se rasgar dum extremo ao outro na mesma direcção, como sucede com a cana de bambu. Os nativos faziam com ela lanças curtas; se o seu tamanho era demasiado grande, tornava-se impossível usá-las. Uma das suas pontas estava bem afiada e depois, posta ao fogo, tornava-se tão dura que eram capazes de penetrar em qualquer espécie de armadura e sob muitos aspectos eram mais práticas, e portanto preferíveis ao ferro.

Dos restantes reinos que compunham a ilha, nada nos disse Marco Polo. Dá a entender que não os visitou. Continuando para a frente, descreveremos em seguida uma pequena ilha chamada

Nocueran.

Nocueran não estava sob o governo de um rei e a maneira de viver dos seus habitantes não se diferenciava muito da das feras. Tanto as mulheres como os homens viviam nus. Eram idólatras. Os seus bosques abundavam em árvores das mais nobres e valiosas, tais como o sândalo vermelho e branco, as árvores que produzem os cocos da Índia e o pau-brasil. Além disso, havia grande variedade de drogas.

Angaman, uma ilha muito grande, também não era governada por nenhum rei. Os seus habitantes eram idólatras e constituíam a raça mais embrutecida e selvagem, tendo os olhos e a cabeça semelhantes à dos animais das espécies caninas.

Em Angaman, Marco Polo conseguiu resgatar um pobre velho a quem os nativos se dispunham a devorar. O ancião, agradecido por ele o ter livrado da morte, quis ser criado de Marco Polo, mas este não lho permitiu. Quando Marco se inteirou que o homem que tinha arrancado das mãos dos selvagens tinha nascido no reino de Guzarate, que ele pensava visitar, prometeu-lhe que o levaria à sua pátria.

Pela boca do velho, Marco Polo conheceu muitos costumes do reino de Guzarate, que pelo lado ocidental confinava com uma língua diferente.

Esta região estava infestada dos piratas mais ferozes. Quando nas suas correrias apanhavam algum comerciante, imediatamente o obrigavam a tomar certa dose de água do mar, coisa que produzia enormes vômitos. Desta forma descobriam se tinham engolido pérolas ou pedras preciosas para as ocultarem.

Também havia em Guzarate grande quantidade de gengibre, pimenta e anil. O algodão colhia-se numa árvore que tinha uns doze metros de altura e que produzia durante vinte anos; mas o algodão que se tirava das árvores dessa idade não servia para fiar, só para estofos. Pelo contrário, aquele que se tirava das árvores com doze anos, servia para musselinas e outros artigos de excelente qualidade.

Curtiam-se grande número de coiros de cabras, búfalos, bois selvagens, rinocerontes e outros animais; barcos carregados com eles dirigiam-se a diferentes partes da Ásia. Fabricavam-se colchas para camas, com peles, vermelhas e azuis, extremamente delicadas e suaves, cosidas com fios de ouro e de prata, sobre as quais costumavam repousar-se os maometanos. Também se faziam, neste lugar, almofadões adornados com cercaduras de ouro em forma de pássaros ou de animais ferozes, ascendendo o seu valor a enormes

quantias em alguns casos.

Em função de todas estas coisas que lhe contou o velho, Marco Polo aumentou o desejo de visitar o reino de Guzarate. Mas na sua fantástica viagem ainda tinha que percorrer muitos territórios antes de chegar ao país daquele a quem providencialmente tinha salvo a vida.

VI

«PACAUCA, PACAUCA, PACAUCA»

A umas sessenta milhas de Ceilão, navegando em direcção oeste, encontra-se a grande província de Malabar, que não é uma ilha, mas sim uma parte da Índia.

É uma região muito rica, explica Marco Polo nas suas narrativas. Apesar de tudo, a sua agricultura é muito limitada, pois só produz sésamo e arroz. Quanto a fauna, ou seja, aos animais que a povoam, são completamente diferentes dos animais ferozes e dos pássaros que há na Europa. Apenas a codorniz é muito parecida. Vivem ali morcegos tão grandes como os abutres daqui, mas estes são negros como corvos e muito maiores do que os nossos.

Uma das fontes de riqueza mais importantes daquela região é, sem dúvida alguma, a pesca de pérolas. O rei controla todas as pérolas que se pescam, não só para assegurar os dez por cento que lhe correspondem, como também para escolher para ele as melhores. Os comerciantes estão habituados a esta maneira de proceder e não se queixam, pois como o rei é sumamente rico acaba por lhas pagar por um preço acima do seu verdadeiro valor.

O negócio da pescaria está organizado da seguinte maneira: há várias companhias que estão autorizadas a pescar pérolas, todas dispõem de barcos grandes, botes mais pequenos, de vários tamanhos, para todos os géneros, e, finalmente, têm a seu soldo um número maior ou menor de certos indivíduos que, tanto pelas condições físicas como pelo seu adestramento e prática, estão preparados para dedicar-se a estes misteres.

O seu trabalho é muito difícil e perigoso, daí nem toda a gente servir para o efectuar. Convém que sejam rapazes robustos e fortes, em primeiro lugar para susterem a respiração o tempo suficiente e, além disso, porque não é raro terem que enfrentar em dura luta os temíveis tubarões. O pescador de pérolas luta em inferioridade de

condições, pois ao ter de conter a respiração, depressa lhe faltam as forças e rapidez necessária para acertar no terrível animal o golpe mortal. É lógico, pois, que estes peixes causem grandes estragos entre os pescadores, mas as companhias recorreram aos serviços dos brâmanes, os quais, empregando a sua misteriosa arte, conseguem atordoá-los, impedindo que causem danos.

Como o negócio de pérolas é muito remunerador, havia alguns dos ditos pescadores que tentavam fazê-lo por conta própria e, portanto, escapando ao dízimo obrigatório do monarca. Para evitar isto, as companhias autorizadas conseguiram que durante a noite, que era a altura em que estes pescadores piratas intentavam fazer este roubo, os tubarões ficassem livres do efeito do encantamento produzido pela magia dos brâmanes, conseguindo assim que, sendo normalmente estes animais um obstáculo para o negócio, se tornassem deste modo como guardas dos seus tesouros.

As pérolas obtidas nas pescarias deste golfo situado entre Maabar e Ceilão eram redondas e tinham muito brilho. O sítio onde se apanhavam em maior quantidade, situado na costa do continente, chamava-se Betala.

A pesca de ostras produtoras de pérolas não durava todo o ano, pois prejudicar-se-iam as crias e depressa o número de ostras iria diminuindo francamente. Neste golfo pescava-se unicamente durante o mês de Abril e parte de Maio. Então todos os barcos se dirigiam para outro lugar, situado bastante longe, à roda de trezentas milhas, onde costumavam pescar durante todo o mês de Setembro e metade de Outubro.

*

Os nativos desta região andavam sempre nus, apenas cobrindo as ancas com um pedaço de tecido. O próprio rei não usava mais tecido, simplesmente, era de rica seda. O resto do corpo era destinado a levar jóias de todos os géneros. Um cordão de seda em volta do pescoço sustentava cento e quatro pérolas formosíssimas que o rei utilizava para as suas orações pois tinha a obrigação de repetir cento e quatro vezes ao dia a prece «Pacauca, pacauca, pacauca». Em cada braço levava três braceletes de ouro e faixas do mesmo metal cobriam parte das suas pernas por debaixo do joelho. Nos dedos, numerosos anéis de rubis, safiras, etc.

O dito rei possuía um mínimo de quinhentas esposas. Quando via uma mulher que lhe agradava comunicava aos seus familiares o desejo de a tomar por esposa. Evidentemente que o facto de ser escolhida pelo monarca para fazer parte do seu harém, era uma grande honra para as mulheres de Maabar. Além disso, não se podia desfrutar de vida mais agradável do que a sua, pois dispunham de todas as comodidades.

Era muito honroso e constituía distinção o pertencer à corte de «Os devotos servidores de Sua Majestade neste mundo e no futuro». Os que formavam este mundo de altas personalidades acompanhavam sempre o rei, passeavam com ele, comiam com ele, e tinham grande autoridade, mas se o rei morria, como era costume queimá-lo numa pira de lenha, todos os devotos servidores deviam arrojarem-se ao fogo para o acompanhar na outra vida.

*

Era frequente que um homem que tivesse sido condenado à morte pelos seus crimes oferecesse para morrer em honra dum deus. Nesse caso perdoava-se o seu crime e o castigo e passeavam-no pela cidade ou povoado elogiando a sua decisão, enquanto um pregoeiro gritava:

— Este valente homem, cheio de piedade, vai morrer pelo ídolo! Assisti à sua morte, homens da cidade!

Então entregava-se, ao que ia morrer, um lote de doze facas afiadas e fortes. Não tardava que se reunisse uma grande multidão para contemplar o sacrifício do «homem valente e cheio de piedade». Este levantava as facas e gritava:

— Entrego-me à morte em honra do meu Deus!

E cravava uma faca numa coxa, outra noutra, outras duas nos braços... sempre repetindo esta frase. Finalmente, duas no ventre e duas no peito... Quando estava quase a morrer e só lhe faltava uma faca, cravava-a no coração e a multidão irrompia em exclamações de aplauso pela coragem e piedade daquele que tinha morrido.

Seguidamente era levado aos ombros dos seus parentes e amigos para uma pira funerária, onde o cadáver era queimado. Nesse momento, sua mulher arrojava-se também para o fogo, morrendo com ele. Se se recusava a fazê-lo, a vida tornava-se-lhe impossível, pois era tida em grande desprezo, e em alguns lugares era obrigada a morrer

queimada.

*

Ainda que estes homens vivessem miseravelmente, por nada deste mundo comeriam carne de boi, que julgavam ser animal sagrado. Tinham um grande respeito pela terra, de modo que se sentavam sempre em almofadas sobre o solo e diziam:

— Viemos da terra e para a terra voltaremos. Ninguém pode desprezar a terra e ainda menos pensar que a honra demasiado.

Por isso, nesta região, os bois morriam de morte natural e as pessoas enterravam-nos sem ousar comer a sua carne.

Contudo, existia um grupo de homens que comiam carne de boi, ainda que não os matassem; alimentavam-se com ela se os encontravam mortos. Esta seita chamava-se os «gauis», que eram os descendentes da tribo que tinha morto São Tomé quando este foi pregar nestas terras.

— Nunca vi — diz Marco Polo — um exército mais miserável do que o destas gentes.

Com efeito, desfilavam empunhando lanças e escudos, sem nenhuma espécie de fato ou de uniforme.

— Então, que comem quando vão para a guerra? — perguntou.

— Não pense, senhor — respondeu-lhe um sarraceno — que estas gentes são tão devotos como aparentam. Quando combatem, levam sempre soldados de religião maometana, os quais fazem o ofício de carneiros e degolam ovelhas e cabritos, que são comidos por toda a gente sem qualquer espécie de escrúpulos.

*

A limpeza, mais do que um costume, era uma religião nestas gentes. Comer sem se ter lavado era considerado um pecado gravíssimo. Deviam lavar-se duas vezes ao dia, fazendo longas abluções que acompanhavam de orações e de litanias. A mão direita era utilizada para comer, enquanto que a esquerda a reservavam para as tarefas consideradas desprezíveis, como lavar-se, e outras.

A pessoa que bebia vinho era considerada tão desprezível que o seu testemunho, em questões de justiça, não era válido. Tão-pouco o dos marinheiros e gente do mar, tidos por falsos e mentirosos.

*

Marco Polo inteirou-se dum costume a respeito das dívidas que era estranhíssimo. Quando uma pessoa tinha uma dívida e apesar dos insistentes pedidos para a satisfazer pela parte do credor, sabendo que dispunha de dinheiro para a pagar, o devedor não a liquidava, o credor procurava encontrar o mau pagador e traçava um círculo à sua volta, para além do qual não podia sair se não pagasse o que lhe devia.

— Um círculo na areia? — perguntou Marco Polo. — Creio que exagerais, pois dando um salto qualquer pessoa poderia fugir do círculo.

— Com efeito, pode; mas ninguém se atreverá a fazê-lo, pois seria réu de morte.

Marco Polo abanou a cabeça duvidosamente e não quis acreditar que aquela gente meio selvagem fosse tão cumpridora em questões de honra, mas ocorreu um caso que lhe demonstrou que estava enganado.

Sucedera que um comerciante, tendo emprestado dinheiro ao rei e ainda que da forma mais correcta insistisse em pedir-lho, o rei não lho pagava. Um dia o monarca saiu a passear num cavalo branco e o comerciante quando o viu avançou sobre os guardas e brandindo um bastão traçou com extraordinária rapidez um círculo em volta do cavalo que montava o monarca, enquanto gritava:

— Por este círculo que te rodeia paga-me o que me deves, ó rei!

A multidão que presenciava o facto ficou muda de espanto, pois não podia imaginar que alguém applicasse ao rei a norma do círculo do mau pagador.

— Que toda a gente pare! — ordenou o monarca aos soldados, que se dirigiam com as suas espadas para trespassar o ousado. — Um oficial que vá ao meu palácio e traga o dinheiro que este homem exige. Entretanto não me moverei do círculo.

Assim se comportou o rei e a sua conduta causou a admiração de todos que presenciaram o facto, entre os quais se encontrava o próprio Marco Polo.

*

Por alturas do mês de Junho começaram as grandes chuvas. A água caía do céu em verdadeiras cataratas, inundando campos e colheitas. Se não fosse a frescura da água, as pessoas teriam morrido

assadas, tal era o calor que fazia durante três ou quatro meses.

*

Havia homens muito habilidosos em conhecer a fisionomia e o aspecto das pessoas, de modo que podiam dizer se eram bons maus, hábeis ou perniciosos. Estes homens passavam o dia estudando o voo das aves. Segundo a maneira de dobrar e desdobrar as asas vaticinavam os acontecimentos que se iriam passar e toda a gente os escutava e lhes dava moedas para que averiguassem o futuro. Estes homens indicavam as horas do dia que eram perigosas, pois existia a crença de que cada dia tinha a sua hora nefasta, durante a qual tudo quanto se realizasse sairia mal e traria má sorte. Sabida qual era, toda a gente se deixava ficar em casa e não saía nem se entregava a nenhum trabalho. Por isso também tinham o costume, descrito noutra ocasião, de anotar a hora e o dia do nascimento da cada pessoa a fim de determinar o seu destino.

*

Devido ao grande calor, abundavam os mosquitos, pulgas, tarântulas, cujas mordeduras eram mortais. Por isso os comerciantes e a gente rica tinham as suas camas instaladas em catres de cana e, postas de maneira muito engenhosa, umas cortinas caindo dos quatro lados, deixando quem estava a dormir isolado do exterior, de maneira que nada lhes perturbava o sono.

Os pobres dormiam no meio da rua.

VII O CORPO DE S. TOMÉ

O cadáver do glorioso apóstolo S. Tomé encontrava-se na região de Maabar onde tinha sofrido o martírio. A igreja ficava situada num lugar bastante afastado, mas chegavam até ele cristãos em peregrinação. Os sarracenos também veneravam S. Tomé com o nome de Ananias, que na sua língua significava «homem santo».

Todos os peregrinos levavam consigo um punhado de terra do santo, que era de cor vermelha e tida como um milagre do seu sangue

derramado. Esta terra era motivo de veneração ao ser introduzida nos seus países e, misturada com água, dava-se a beber aos enfermos.

Contava-se que no ano de 1288 um poderoso príncipe, ao ver que a colheita de arroz tinha sido extraordinariamente grande e não possuía celeiros adequados para a manter em bom estado, deu ordem para se utilizar a casa pertencente à igreja de S. Tomé.

— Senhor, pedimos-te que não faças tal coisa, pois os peregrinos que acorrem a visitar o corpo do Santo não saberão onde albergar-se e terão que dormir ao relento todas as noites — pediram-lhe os monges.

— Necessito deste lugar para meu celeiro e não quero ouvir mais disparates sobre o vosso santo — e despediu-os com mau modo, pois era ímpio e não acreditava na religião cristã.

No dia seguinte acordou pálido e como se tivesse passado cem noites em claro. Chamou os seus oficiais e ordenou-lhes:

— Deixai livre a casa do santo e vamos para outros lugares. Esta noite tive uma visão.

Pediram-lhe que contasse o que tinha visto e ele disse que estava dormindo quando um forte resplendor o despertou. Levantou-se da cama e viu o santo que o ameaçava com estas palavras:

«Se não deixas a minha casa e não te afastas deste lugar sagrado, far-te-ei morrer duma morte miserável.»

O príncipe afastou-se dali e não voltou mais àquele lugar.

*

Contam que o santo morreu por culpa dum homem da raça «gauri». Estava o santo em oração, rodeado de pavões reais, não longe da ermida, quando apareceu um caçador armado com o seu arco e flechas. Ao ver os pavões reais disparou com a intenção de os matar e uma flecha atravessou as costas do santo, que apenas teve tempo de dar graças ao Senhor e expirou. A terra, ao tingir-se com o seu sangue tornou-se vermelha.

Por isto os «gauris» consideravam-se uma raça maldita, pelo facto de um deles ter morto o apóstolo S. Tomé.

Nestes lugares, os nativos eram de cor tão morena que pareciam negros, e não porque tivessem nascido com esta pigmentação; mas por gostarem de ser assim. Desde crianças, esfregavam a pele com azeite de gergelim várias vezes por dia, até chegarem a ter esse tom de pele.

Por isso representavam os seus deuses de cor negra e os demónios de cor branca.

Além disso, prestavam adoração ao boi, de modo que, ao irem para a guerra, levavam longas mechas de pêlo de touro selvagem que atavam às armas ou à cintura. Por esse motivo o pêlo de touro vendia-se a um preço exorbitante.

Para o norte, a quinhentas milhas de Maabar, encontrava-se o reino de Murphili ou Monsul.

As suas montanhas eram tão ricas em diamantes que este era o seu melhor negócio. Quando terminava a temporada das grandes chuvas, durante as quais os rios se transformavam em torrentes e as águas inundavam e devastavam as terras, as águas decresciam e pelo sitio onde corriam os rios, nos leitos que se iam reduzindo, encontravam-se diamantes em abundância.

VIII BRÂMANES E CHUGHI

Marco Polo prosseguiu a sua viagem, agora para o Oeste, onde encontrou a província de Lar, pátria dos brâmanes. Estes eram considerados como sacerdotes, uma casta índia especial, elevada e culta, mas que não se dedicavam inteiramente ao sacerdócio, mas também ao comércio.

Na realidade, eram homens rectos, tinham uma única mulher e eram incapazes de roubar ou de enganar alguém. Preferiam deixar-se matar a dizer uma mentira. Era frequente que um comerciante estrangeiro, desconhecedor dos costumes da região, se apresentasse em casa dum brâmane e lhe pedisse para lhe comprar ou vender qualquer coisa, porque ele não sabia a língua ou a moeda da terra. O brâmane deixava os próprios negócios para atender os negócios do estrangeiro e por esse penoso serviço não pedia recompensa alguma, e o seu sorriso era tão afável quando o comerciante o recompensava largamente como quando não o gratificava.

Os brâmanes distinguiam-se por uma faixa ou cordão de algodão que cruzava sobre o peito e sobre a cintura. Podiam beber vinho e comer carne, mas os animais eram mortos por carniceiros maometanos.

O rei desta região era tão rico e poderoso que costumava

comprar as pérolas e os diamantes que lhe apresentavam e dava sempre o dobro do seu valor.

Em oposição aos brâmanes, os habitantes da região eram cheios de superstições e idólatras. Marco Polo admirou-se de os comerciantes astutos olharem a forma da sombra no momento de efectuar uma compra ou se deterem para ver a maneira de se mover duma aranha enquanto faziam um negócio, pois segundo avançava depressa ou lentamente, para cima ou para baixo, podia ser augurado êxito ou fracasso.

Era ridículo verificar que ao sair de casa tornavam a entrar apressadamente se por descuido lhes tinha escapado um espirro.

Apesar de levarem uma vida dura, eram fortes e formosos. Tinham uns dentes magníficos e eles diziam que era devido a continuamente mastigarem uma planta que dava força ao corpo. Esta planta chamava-se «tembul».

*

Os chughis eram homens dedicados à vida religiosa que cultivavam duma forma extrema. Andavam completamente nus, dizendo que não necessitavam de nenhum fato visto que tinham chegado a este mundo sem ele.

A sua adoração pelos bois ultrapassava tudo que se podia conceber. Eram capazes de se deixar morrer de fome antes que provar um bocado de carne de vaca. Levavam sempre ao pescoço, pendurada, uma espécie de medalha com a forma dum boi. Ao morrer um destes animais, adquiriam os seus ossos e reduziam-nos a cinza. Com o pó branco que ficava pintavam o rosto e os braços. Quando se encontravam com uma pessoa que queriam obsequiar, besuntavam o rosto com um pouco da cinza dos ossos de boi.

Tinham um respeito tão grande pela vida de qualquer ser que consideravam pecado gravíssimo matar uma mosca, um rato ou qualquer espécie de animal. Para eles a vida era sagrada. E esta ideia estendia-se não só aos animais, mas também às plantas. Para comer utilizavam vegetais secos, pois mastigar uma raiz arrancada da árvore significava comer algo de vivo.

Comiam sobre folhas secas, que utilizavam como pratos, e não tinham nem colher nem garfo. A sua vida era extremamente sóbria e permaneciam sem mulher toda a vida. Graças a estas privações,

viviam largos anos, alguns deles até aos cento e cinquenta, apesar de dormirem no chão sem almofada nem nada para os cobrir e andarem nus de Inverno e de Verão.

*

Em Komari existiam tigres completamente negros (panteras negras) e papagaios tão brancos como a neve. Em contrapartida, outros animais desta mesma família possuíam uma tal variedade de cores vermelhas, azuis e verdes, que era um prazer para a vista o contemplá-los. Frutas e animais cresciam com grande exuberância, devido especialmente ao calor reinante.

As pessoas andavam nuas e por isso a sua cor era quase negra, extremamente morena. Seus costumes eram licenciosos, pois os homens casavam-se com as suas parentes mais próximas e com as viúvas dos seus irmãos.

*

Malabar está situado no mar Arábico, ao oeste da península indiana. Tinha antigamente o mesmo nome que tem hoje. A sua capital é Calicut. Nesta região, diz-nos Marco Polo que se via a Estrela Polar quase no horizonte, pois estas costas encontram-se perto do equador.

Nestes lugares abundavam os piratas. Iam em barcos pequenos nos quais levavam toda a família, e nas suas expedições não deviam temer-se de nada, pois estavam juntos e todos colaboravam na luta. Nunca atacavam sós, mas em grupos, que algumas vezes chegavam à centena. Viam-se aparecer, de repente, no horizonte, formando uma larga e extensa faixa de cem milhas de largo, ou mais. Alguns estavam mais avançados, outros um pouco mais recuados, mas o navegante que pretendia chegar ao alto mar compreendia que nada podia contra eles. Então resignava-se a perder a mercadoria, porque estes barcos costumavam ser muito rápidos e bons velejadores. Depressa caíam sobre o pobre barco e assaltavam-no. Não havia efusão de sangue, mortes nem violências, porque estes piratas apenas queriam as mercadorias e deixavam livres a tripulação e o barco, e ainda lhes diziam:

— Vamos, podeis partir, sois livres; mas tornai a trazer carga dentro em breve, a ver se os deuses permitem que nos tornemos a

encontrar.

IX NAVEGANDO ATÉ AO OESTE

Marco Polo chegou à África depois duma viagem de milhares de milhas.

A primeira ilha onde desembarcou foi Socotorá.

Os seus habitantes viviam da venda do âmbar-cinzento, que recolhiam das entranhas das baleias.

Quando divisavam uma baleia, que costumavam abundar por aqueles mares, dirigiam-se até ela num bote leve e atiravam um arpão de ferro, ao qual se atava uma comprida corda terminada por uma bóia insubmergível.

Quando a baleia morria por causa do arpão, de que não podia desprender-se, os pescadores ou caçadores de baleias encontravam-na graças à bóia insubmergível. Depois, à força de remos e grandes esforços, arrastavam-na até à costa. Ali esfolavam-na, tirando o âmbar-cinzento da cabeça e do ventre.

Os indígenas de Socotorá eram cristãos, ainda que não dependessem de Roma por causa da distância muito grande a que se encontravam, mas dum patriarca que existia em Bagdad, que nomeava o bispo de Socotorá, e este, por sua vez, os curas e os sacerdotes.

O facto de serem cristãos não os impedia de serem supersticiosos, pois ocupavam-se com bruxarias e artes mágicas. Assim, quando um pirata lhes roubava as mercadorias lançavam contra ele uma maldição e este via-se obrigado a voltar a terra e restituir o roubado, ou não conseguia fazer-se ao mar. Também afirmavam poder deter as tempestades, levantar temporais, ocasionar naufrágios, etc.

— Como é possível que acrediteis em tais coisas e sejais cristãos? — perguntava-lhes Marco Polo.

— O bispo de Socotorá diz o mesmo, mas nós afirmamos que é verdade.

Não se conseguia fazê-los sair dali, apesar de o próprio bispo os excomungar se praticavam a magia.

Os barcos piratas que chegavam a Socotorá eram bem recebidos e os naturais compravam-lhes as mercadorias a bom preço.

— Comprar o roubado a um idólatra ou a um sarraceno, não é nenhuma desonra para um cristão. — E assim se desculpavam.

Mil milhas ao sul de Socotorá chega-se a outra ilha muito maior, uma das maiores do mundo: Madagáscar.

Os seus habitantes eram governados por quatro «sheiks» ou anciãos, que eram os chefes. Ali o negócio era comprarem presas de elefante do continente africano, que vinham de Zanzibar. Comiam carne de camelo, que era, na sua maneira de ver, a mais agradável do mundo. Também se dedicavam à caça, que era muito abundante, sobretudo os linces, cervos, corças, etc.

*

— Dentro de pouco tempo, se tivermos sorte — comentou certo dia um indígena — poderemos ver um «rukħ».

— Trata-se de algum animal? — inquiriu Marco Polo.

— É verdade que nunca ouviste falar no «rukħ», a ave «rukħ»?

Então contou como era esta ave, que duma ponta da asa ate à ponta da outra media mais de dezasseis passos. Envergadura tão extraordinária não a podia ter nenhuma águia por grande que fosse.

— Posso dizer-lhe, senhor, que esta ave é como a águia, mas quanto ao tamanho é como se comparássemos uma galinha com um passarito insignificante.

— E de que se alimenta?

— Do que encontra. Conta-se que uma ocasião se lançou como um raio sobre um elefante, levantou-o no ar e o levou como se fosse uma pena. Depois soltou-o e o infeliz animal espatifou-se de encontro a umas rochas. Enquanto morria, a ave «rukħ» lançou-se sobre ele e devorou-o.

— Deve tratar-se dum grifo — quis explicar Marco Polo —, uma ave que é metade águia, metade leão...

— Oh, não, senhor; não se trata de grifos, mas da ave «rukħ»! — insistiam teimosos.

— Bem, meu senhor, o Grande Khan dará qualquer prémio a quem consiga mostrar-me uma ave «rukħ» viva ou morta...

— Ninguém se pode expor a enfrentar um «rukħ» vivo, pois com uma bicada lhe tiraria a vida. Em todo o caso, se tivermos sorte, poderemos apanhar uma pena...

— Bem, bastaria uma pena.

Informado o Grande Khan por Marco Polo, pôs tanto empenho em possuir uma amostra dessa ave extraordinária que mandou embaixadores a Madagáscar e um deles teve a sorte excepcional de poder adquirir uma pena de ave «rukḥ». Esta pena media noventa palmos e a parte oca da pena tinha dois palmos de circunferência!

O mensageiro também levou uma presa de uma espécie de javali tão grande como um búfalo.

Marco Polo até ver a pena negou-se a acreditar na existência da ave «rukḥ».

Outra vez se põem de acordo as lendas sobre o país dos diamantes e aparece «Sindbad, o Marinheiro» e outros contos orientais que repetem a história da ave «rukḥ» ou «roc».

Recolheram-se fragmentos fósseis de aves de períodos antediluvianos, aves com garras nas articulações das asas, de grande envergadura, dentes em bico, etc., o que faria supor que naquelas épocas existissem aves de tão grande tamanho naquela região da Terra. No Museu Britânico conserva-se um ovo cuja capacidade é de 10,5 litros. A ave que deve tê-lo produzido seria dum tamanho bastante maior que um avestruz. Se imaginarmos que era dotada de asas proporcionadas, garras e bico... temos a ave «rukḥ».

X

PELO CONTINENTE NEGRO

Zanzibar é uma pequena ilha situada em frente do continente africano, no território do Quênia e Tanganhica (África Oriental Inglesa). Marco Polo chegou até aí e viu os seus habitantes negros.

Diz que eram tão altos que, se fossem proporcionados, seriam uma verdadeira raça de gigantes, mas eram muito magros. Contudo, eram fortes a um tal ponto que podiam levar às costas cargas e fardos que só quatro homens brancos poderiam acarretar. As suas bocas eram grandes, o nariz arrebitado, maçãs do rosto salientes e os seus olhos «tão grandes e espantosos — segundo palavras do navegante — que todo o seu aspecto é dum demónio.» Diz que viu ali as mulheres mais feias do mundo, pois eram ainda mais repugnantes do que os homens. Alimentavam-se de carne, leite, arroz e tâmaras.

Os elefantes eram tão abundantes, que quase todos os nativos viviam do comércio dos dentes.

Viu ali um animal cujo pescoço media três pés, tão comprido era. As patas anteriores, mais compridas do que as traseiras e a cabeça pequena e graciosa tinha um par de cornos. A sua pele branca com manchas avermelhadas: a girafa.

Também aqui se obtinha o âmbar-cinzento, pois eram muitas as baleias que o mar arrojava às ilhas.

As lutas entre os chefes negros eram terríveis e entravam nelas camelos e elefantes. Os homens combatiam a pé com lanças e escudos, sendo o maior perigo os elefantes, que levavam sobre o lombo castelos de madeira com dez homens que atiravam pedras, lanças e flechas aos atacantes.

Marco Polo divide a Índia em três partes, que não coincidem com a geografia actual. Estas partes eram a Índia Maior, a Menor e a Média.

A Índia Maior estendia-se desde Maabar (frente a Ceilão) até ao reino de Kesmaonar (corresponde à Índia continental em direcção oeste).

A Índia Menor compreendia Ziamba (sul da Indochina) e todas as ilhas, entre as quais sobressaem Java e Samatra.

A Índia Menor não tem nenhuma relação com a Índia, mas isto é pelo facto de Índia se empregar, no reino de Catai, como nome genérico atribuível a todos os países estrangeiros.

A Índia Média era nada menos que o reino da Abascia, Abissínia, em África.

*

O principal rei desta região era cristão e residia na actual Abissínia.

Diz Marco Polo que os cristãos deste reino se distinguiam dos demais pelo facto de receberem um baptismo de fogo que consistia em marcarem-se as pessoas com três cruces: uma na testa e uma em cada face. Os maometanos marcavam-se com uma linha na testa. Os judeus tinham duas marcas nas faces.

O apóstolo S. Tomé converteu muitos habitantes destas regiões, sobretudo na Núbia e depois na Abissínia. Prosseguiu o seu apostolado por terras situadas mais ao norte, até que na província de Maabar (Índia) recebeu a morte e foi sepultado naquele lugar.

Marco Polo afirma que estes guerreiros eram os melhores do

mundo, pois sendo cristãos tinham que defender constantemente com as armas na mão a sua terra e a sua fé contra os sarracenos que os importunavam pelo norte e os idólatras que os molestavam pelo sul. Ao norte achavam-se os sarracenos, que dominavam até à província de Aden. No sul estavam os negros da Núbia, Sudão e outros.

No ano de 1288 o rei deste país, que era um bom cristão, decidiu visitar pessoalmente o sepulcro de Cristo em Jerusalém. Os ministros do seu governo pediram-lhe encarecidamente que não fizesse tal coisa, pois a viagem era longuíssima e expunha-se a muitos perigos, além de não ser conveniente deixar o reino sem soberano durante tanto tempo.

De tal modo lhe pediram que ao fim o rei se deixou convencer e enviou em seu lugar um bispo, à frente de numerosa representação de nobres e clérigos. Chegaram sem novidade a Jerusalém, ofereceram o sacrifício em nome do seu rei e regressaram às suas terras de Abascia.

Mas de regresso passaram pelas terras do Sultão de Aden e este chamou o bispo à sua presença e quis convertê-lo ao maometismo. Discutiram longamente e o bispo não se deixou convencer, permanecendo firme na sua fé. Irritado o Sultão, ofendeu-o e insultou-o fortemente. Ao chegar a Abascia, o prelado contou o que tinha ocorrido com o Sultão de Aden.

Imediatamente o rei de Abascia chamou os chefes do seu exército e ordenou-lhes que se preparassem para conquistar Aden. Há sempre espíões em toda a parte e em breve os sarracenos souberam que o exército de Abascia os vinha atacar, e por isso chamaram os seus irmãos de religião e juntos organizaram um poderoso exército maometano.

O choque entre cristãos e maometanos foi espantoso, mas não era em vão que os guerreiros de Abascia eram considerados os melhores do mundo. Finalmente, os sarracenos foram vencidos e a cidade de Aden entregue ao saque.

*

A província de Aden estava situada à entrada do mar Vermelho. Chegavam ao seu porto barcos vindos da Índia Maior e Média. Ali se descarregavam as mercadorias em barças mais pequenas, pois eram melhores para navegar no golfo. (Lembremo-nos que na época de Marco Polo não existia o canal de Suez. Este território era um istmo, ou seja terra firme, e não era possível passar por mar do mar Vermelho

para o Mediterrâneo). Navegava-se por este golfo durante uns vinte dias, ao fim dos quais se desembarcavam as mercadorias, que eram levadas sobre camelos em extensas caravanas até ao Nilo.

Uma vez chegadas a terras do Egipto, as caravanas descarregavam em barças chamadas «jermes» e desciam o Nilo até ao Cairo. Ali, atravessavam o canal de Kalizene, chegando a Alexandria, que era o centro comercial mais importante do Mediterrâneo Sul.

Como se vê, o caminho seguido pelas mercadorias desde a Índia até a Itália era extenso, mas era considerado como o mais seguro de todos. Em Aden embarcavam cavalos arábicos, que se distribuía por todas as regiões em que eram solicitados.

Esta província de Aden era governada por um Sultão e todos os habitantes eram sarracenos que tinham um ódio de morte aos cristãos. Tanto é assim que quando o Sultão da Babilónia (durante a época em que escreve Marco Polo, ainda que pareça estranho, Babilónia era o nome pelo qual os cristãos conheciam a cidade do Cairo. Como se sabe, a verdadeira Babilónia era na Ásia) decidiu tomar Acre, na Terra Santa, pediu ajuda aos reis maometanos. Pois bem, a província de Aden colaborou com trinta mil cavalos e quarenta mil camelos. Tão grande era o ódio que tinham contra os cristãos.

Nesta região extraía-se incenso duma árvore parecida com o abeto, mas mais pequena. O incenso obtinha-se arrancando um pedaço de casca ou fazendo uma incisão. O incenso manava gota a gota e era recolhido em vasilhas onde endurecia rapidamente em consequência do calor que havia.

Eram grandes pescadores e pescavam atum em grande abundância que, além de venderem muito barato, secavam. Pois bem, bastava deixá-lo ao sol para que a carne do atum ficasse como queimada de tão seca que ficava.

Por outro lado, não cultivavam outro grão que não fosse o arroz e o milho, e por isso não tinham pão de trigo. Tão-pouco tinham uvas nem vinho natural, ainda que produzissem um licor de arroz e de tâmaras, que era muito bom.

A fartura da pesca fazia com que alimentassem o gado com peixe seco. Os cavalos, camelos, ovelhas e bois comiam deste género de peixe. E estavam tão acostumados, que se lhes dava peixe fresco também o comiam, ainda que preferissem o seco. Não lhes davam atum, mas um peixe pequeno que apanhavam em grande quantidade e

deixavam secar ao sol.

Os nativos preparavam uma espécie de bolacha à base de peixe. Este era cortado em pedaços pequenos e deixavam-nos humedecer, misturando-os depois com uma farinha de arroz ou de milho. Esta massa era amassada como se fosse farinha de pão e davam-lhe essa forma, deixando-a endurecer ao sol, que era tão forte que fazia as vezes de forno. Os barcos faziam provisão deste biscoito para servir de alimento nas longas travessias.

Antes de partir para Balfur, Marco Polo inteirou-se de que o maior negócio do governador desta cidade era o monopólio do incenso. Todo aquele que se produzia tinha que ser entregue ao governador e este comprava-o a um preço determinado. Às vezes vendia-o ao dobro do preço e os seus ganhos eram incalculáveis.

A cidade de Balfur, que tinha também um bom porto, era o centro de compra e venda de gado cavalar. Os célebres cavalos árabes chegavam aqui em longas caravanas e eram embarcados rumo à Índia, onde os compravam a bom preço.

Na ilha de Ormuz (à entrada do golfo Pérsico) governava o Melik de Ormuz, que significa Senhor de Ormuz. Todos os habitantes eram sarracenos e este chefe tinha muitas cidades sob o poder e mando.

O calor que fazia nesta região era tão espantoso, como já se disse na primeira parte, que todas as casas tinham certo sistema de ventilação; de contrário, não se poderia resistir.

Kalayati era uma cidade fortificada dependente do Melik de Ormuz. Quando este se via atacado pelos seus inimigos, retirava-se para esta fortaleza, que nunca tinha sido atacada, tão fortes eram as suas muralhas. A sua situação era tão boa que nenhum barco podia entrar ou sair do golfo, se da fortaleza o quisessem impedir.

Conta-se que o Melik de Ormuz era súbdito e tributário do rei de Kermain. Em certa ocasião este exigiu-lhe um tributo demasiado elevado e o Melik de Ormuz negou-se a pagá-lo.

O rei de Kermain ficou encolerizado e enviou contra ele um poderoso exército. Então o Melik retirou-se para a fortaleza de Kalayati e esperou. Entretanto, o exército tentava pôr cerco a Ormuz, mas como Kalayati impedia a passagem de barcos pelo mar, o comércio ficou paralisado, o que fez com que o rei de Kermain visse diminuir os seus impostos de maneira tão alarmante, que não teve dúvida em solicitar uma conciliação do Melik de Ormuz de maneira a

baixar o aumento de imposto que lhe pedira.

*

Com este relato sobre Ormuz, que se liga com as páginas que na sua primeira parte dedica a estas terras, Marco Polo termina as crônicas das suas viagens pelas Índias.

Supondo que poderia ter esquecido alguma coisa que pudesse ser importante ou curioso para os leitores, Marco Polo juntou um Apêndice para relatar as guerras entre os príncipes tártaros e alguns informes sobre as regiões que ele chama do Norte.

APÊNDICE

GUERRAS DOS TÁRTAROS E REGIÕES DO NORTE

I

A GRANDE TURQUIA E AS GUERRAS DO REI KAIDU

O sobrinho do Grande Khan chamava-se Kaidu e era filho de Zagatai, que era irmão do Grande Khan. Este poderoso senhor, Kaidu, governava a Grande Turquia, habitada e dominada naquele tempo pelos tártaros.

Muitas foram as lutas e as discórdias que houve entre o tio e o sobrinho, ou seja entre o Grande Khan e Kaidu. Um dia chegou ao palácio do Grande Khan uma embaixada do rei da Turquia que solicitava audiência. Até então as relações não tinham sido muito cordiais, mas ainda não se tinha chegado às guerras fratricidas que sobrevieram depois. Assim, pois, Khan mandou chamar os emissários de seu sobrinho, para ouvir da sua boca o motivo que tinha impulsionado o sobrinho a enviar-lhos.

— Que deseja de mim vosso senhor? — perguntou-lhes o imperador.

— O grande Kaidu, vosso sobrinho, soube das vossas conquistas gloriosas em toda a Ásia e quer congratular-se com todo o seu povo pelo feliz êxito das vossas empresas.

O imperador estava impaciente e queria saber com rapidez o motivo da viagem deles. Um pouco irado, exclamou:

— Se esses aplausos são na verdade de meu sobrinho,izei-lhe que lhe agradeço muito, mas que não valia a pena que se incomodasse por tão pouca coisa.

— O vosso sobrinho, oh Grande Khan!, o mais poderoso senhor da Terra, veria com gosto que tivésseis presente na vossa memória que

a ele, como membro da vossa gloriosa estirpe, lhe corresponde, à semelhança do que se passa com vossos filhos, uma parte dos territórios conquistados.

— Dizei ao poderoso Kaidu que estou disposto a dar-lhe o que me pede e mais ainda, sempre que me prometa obediência, como me obedecem os meus filhos, se jura que se apresentará na minha corte cada vez que o chame e se assistir às minhas reuniões de conselho sempre que o convoque.

O poderoso Kaidu meditou e a sua resposta foi:

— Dizei ao meu tio, o Grande Khan, que estou disposto a obedecer-lhe no meu país, mas não sairei dele, pois se sei que chegaria à corte, não tenho a certeza de que uma vez chegado não me mandaria matar.

Esta resposta desagradou sobremaneira ao Grande Khan.

Este foi o começo da discórdia, pois imediatamente o Grande Khan mandou um exército que fechasse as fronteiras de Kaidu para que este não invadisse o país. Não serviu para nada esta precaução, porque Kaidu juntou cem mil guerreiros e entrou nos territórios do poderoso Kublai Khan. Duras foram as batalhas entre aqueles senhores tártaros.

Os guerreiros de Kaidu eram na verdade bons. Costumavam levar no carcás sessenta flechas, trinta das quais eram grandes e trinta eram pequenas. Aquelas tinham uma lâmina que parecia uma faca e cortavam como o ar. As pequenas usavam-se à distância e graças à força dos seus braços tinham um longo alcance. As grandes disparavam-se a curta distância procurando atingir a cara ou os braços do inimigo e cortavam-nos como se fosse manteiga. Inclusivamente existiam archeiros tão hábeis que cortavam as cordas dos arcos dos seus adversários com uma flecha destramente atirada. Quando se tinham acabado as flechas começavam a reluzir as espadas e maças e a sua ferocidade tornava-os temíveis.

*

No ano de 1226, o rei Kaidu, com os seus primos, um dos quais se chamava Jesudar, atacou dois barões que governavam as terras fronteiriças em nome do Grande Khan. Estes barões eram primos de Kaidu e um deles chamava-se Ciban.

Em ambos os lados se lutou de maneira encarniçada. Ambos os

exércitos eram tártaros e os dois juntos somavam duzentos mil cavalos. Finalmente, a vitória coube a Kaidu, e os dois irmãos, os barões, puderam escapar porque os seus cavalos eram em extremo velozes e a noite começava a cair.

Depois desta vitória vieram os anos de paz. Durante este tempo o orgulho do Grande Khan e o de Kaidu cresceram como trigo no campo. Acabado este prazo, impaciente, mandou reunir outro exército e dirigiu-se ao encontro dos tártaros obedientes ao Grande Khan. Os exércitos de Nomogan, filho de Kublai, e Jorge, um neto do Prestes João, estavam em Karakoran.

Ambos os exércitos se colocaram numa planície com muita ordem e durante três dias prepararam-se para a grande batalha.

Os tártaros, antes de entrar em batalha, cantavam e tocavam instrumentos musicais. Ao mesmo tempo os dois exércitos entoaram os seus hinos e tocaram as suas flautas e os seus tambores. Seis esquadrões de dez mil homens cada um esperavam o sinal de ataque. Cessaram os cantos e soaram as trompas de guerra, sinal de combater. Os homens deitaram mão dos seus arcos, puseram as pequenas flechas, esticaram-nos... Uma chuva de aço cruzou os ares e começou o grito terrível dos que atacavam a unir-se aos gritos dos feridos que recebiam o ferro nas suas carnes.

O ruído era tão espantoso que, diz Marco Polo, «difícilmente se poderia ter ouvido o trovão de Deus». Os mortos e feridos foram inúmeros de ambos os lados, mas os guerreiros eram tão bons dum lado e do outro que não cediam um passo.

As flechas esgotaram-se.

Então tornou a brilhar o sol escurecido pelo aço que voava sobre as cabeças, todos deitaram mão às espadas e maças e lançaram-se uns contra os outros, aumentando a gritaria.

Ninguém podia avançar um palmo, tão dura era a contenda, e tão grande a coragem de todos os guerreiros.

O rei Kaidu realizou inúmeras proezas dando alento aos que podiam desfalecer e colocando-se sempre no lugar mais perigoso da batalha. Os dois barões, Nomogan e o neto do Prestes João, demonstraram que eram dignos descendentes dos seus antecessores; mas a batalha não se decidiu a favor de nenhum dos bandos.

Pôs-se o sol e chegou a noite. Ambas as partes cessaram de lutar e regressaram aos seus acampamentos.

— Senhor, espias chegados do Oriente informam que o Grande

Khan se dirige contra nós à frente dum poderoso exército — informou um espião.

— Temos tido muitas baixas, senhor — lembrou um comandante.

— Eles têm tido mais do que nós.

— Certo, grande Kaidu, mas o exército que se avizinha não tem nem uma ferida, nem sabemos quantos são... Ainda é tempo, senhor.

— Bem, dai o toque de chamada; todos a cavalo quando o sol nascer. Regressaremos à nossa pátria.

Os nobres do séquito de Kaidu suspiraram, pois por um momento rezearam que pudesse ordenar um ataque contra o exército de reforço, o que teria sido um suicídio.

Ao romper do dia, os homens de Kaidu montaram a cavalo e retiraram-se. Os de Nomogan e Jorge estavam tão cansados que não puderam ordenar a sua perseguição.

Pouco depois o exército de Kaidu chegava a Samarcanda, já na Grande Turquia.

*

O Grande Khan estava tão irritado contra Kaidu, que exclamou:

— Ah, se este homem não tivesse nas suas veias o meu sangue, juro que o havia de fazer morrer da morte mais infame que jamais homem algum conheceu.

II

A FILHA DO REI KAIDU

Esta história não é um relato romântico. Quem esperar encontrar aqui a história romântica duma delicada princesa de olhos azuis e loiras tranças, sentir-se-á burlado porque a filha do rei Kaidu é o mais diferente que se pode imaginar duma princesa de conto oriental.

— Era assim tão feia? — perguntará um leitor curioso.

Oh, não! A princesa era formosa, alta, elegante e bela, mas era uma mulher de grande força física. Se não fosse a sua figura ser proporcionada de tal modo que parecia uma estátua, poderia dizer-se que era alta como um homem alto.

O rei Kaidu gostava muito dela, mas desejava vê-la casada.

— Minha filha — costumava dizer-lhe —, bem vês que tenho extensas terras e que o meu braço é forte para combater e vencer, mas é tempo de pensares em arranjar marido e dares-me netos. Pensaste no nobre rei de...?

— Não, pai, não quero casar-me com nenhum dos pretendentes que me pediram em casamento.

— Então, gostas de alguém? Estou disposto a torná-lo nobre e encher de riquezas um plebeu se algum te chamou a atenção.

— Nenhum homem me chamou a atenção, pai.

— Então — gritou cheio de cólera o rei Kaidu — casar-te-ás com quem eu mande. És minha filha e tens de me obedecer. Decidi que te cases e assim há-de ser.

— Então, pai e senhor, peço-te que me deixes pôr uma única condição.

— Di-la primeiro. Se é razoável, juro-te que a aceitarei.

— Queria casar-me com um homem mais forte do que eu. O que desejar tomar-me como esposa terá que lutar comigo e tem de me vencer.

O rei Kaidu largou-se a rir ao pensar na estupidez da condição, pois para ele, como para todo o oriental, era evidente que toda a mulher era mais débil do que o homem.

— Aceite — exclamou com contentamento. — E deu ordens para que se tornasse pública a estranha condição imposta pela sua filha. Não podia tomar parte na prova qualquer pessoa. Além de ser nobre, devia estar disposto a entregar cem cavalos se fosse derrotado.

O primeiro que se apresentou foi um jovem príncipe, alto e elegante. O rei sentou-se no trono e, na frente dele, na grande sala do palácio, estendeu-se um fofo tapete. Estavam presentes os nobres e toda a corte. Apareceu a princesa, que se chamava Aigiarme, cujo nome significava «lua brilhante», vestida com um fato de seda ricamente ornado. O jovem pretendente tinha sido obrigado a vestir um traje idêntico.

— Quando eu der uma palmada, pode começar a luta — explicou um camarista do rei que servia de juiz. Ganhará aquele que conseguir derrubar o adversário. Preparados? Começar.

Soou uma palmada e a princesa arremeteu contra o jovem príncipe. Este, ao princípio, estava surpreendido. Na verdade, teria gostado mais de abraçar e beijar a princesa do que de lutar com ela. Mas as mãos da princesa eram duras e os braços fortes como os dum

homem. Pobre príncipe! Ainda que lutasse com todas as suas forças, não pôde evitar que a princesa o atirasse ao chão e o derrubasse.

Os risos dos nobres acompanharam a sua humilhação e retirou-se da sala do trono cabisbaixo e envergonhado: tinha sido vencido por uma mulher, tinha perdido a esperança de fazê-la sua esposa e tinha que lhe entregar cem cavalos.

Não foi o único. Em meses sucessivos, a princesa Aigiarme conseguiu reunir mais de dez mil cavalos. Tinha derrotado cem pretendentes.

A princesa tinha vencido todos quantos, convencidos da sua força e desprezando a força da mulher, mesmo que fosse princesa, se tinham apresentado no palácio pedindo que lhe fosse dada oportunidade para lutar com ela. A promessa, no caso de lograr vitória — casar-se com a princesa —, era extraordinariamente tentadora, mas os que perdiam tinham que entregar cem cavalos e isto representava uma fortuna. Nem toda a gente se podia permitir o luxo de expor-se a perdê-los, tanto mais que era quase certo que assim sucederia, dado que já muitos tinham tido que se render perante a força e a habilidade avassaladoras da régia lutadora. Por tudo isto, não era de estranhar que cada vez escasseassem mais os pretendentes, por tão elevado preço, e que se desse já por certo que a princesa ficaria solteira.

Estando assim as coisas, um belo dia chegou à capital da Turquia uma numerosa comitiva, que devia acompanhar um grande senhor, a julgar pela rica indumentária de todos os componentes e pelo número destes. Depressa se soube que os recém-chegados provinham do reino distante de Pamar e que no meio de todos eles ia o filho do próprio rei. Não havia dúvida que o objectivo que o trazia à corte do rei Kaidu era enfrentar-se com sua filha a princesa para a fazer sua esposa.

Já há muito tempo que ninguém se apresentava para aspirar à mão de Aigiarme, pois os poucos que restavam, tanto por posição como por sua resistência e agilidade, que o pudessem intentar, tinham visto o que sucedia aos outros e renunciaram a experimentar a sua sorte. As pessoas, que sempre apreciam os idílios amorosos e especialmente entre pessoas reais, sentiram por momentos renascer as perdidas esperanças, quando viram o príncipe de Pamar e se aperceberam da sua robustez e do seu gentil porte.

Os viajantes tiveram um dia de descanso antes de pedirem audiência ao monarca. A viagem tinha sido longa e vinham com os

fatos cheios de pó. O rei inteirou-se imediatamente da sua presença e pensou em organizar uma grande recepção. Quando o príncipe pediu audiência, o rei, que já estava avisado, concedeu-lha logo.

Ao entrar no salão onde o aguardava o rei Kaidu, o príncipe ficou surpreendido por tão grande número de cortesãos luxuosamente ataviados que rodeavam a família real, mantendo-se respeitosamente a certa distância. Na verdade, a sua chegada não os tinha apanhado desprevenidos. Mas ele também não vinha com as mãos vazias. Ofereceu ao monarca um formoso e pequeno cofre de ouro com belíssimas incrustações, ao mesmo tempo que dizia:

— Aceitai, oh grande senhor!, este modesto presente que vos envia o rei de Pamar como prenda e testemunho das suas boas intenções para convosco e para com a vossa família.

Kaidu mostrou-se muito agradecido e, por sua vez, deu um soberbo presente ao príncipe, pois ao vê-lo julgou que era chegada a hora em que ambos os reinos se uniriam e quis logo de início preparar o caminho para tão vantajosa aliança.

O príncipe, depois de agradecer ao soberano turco a sua magnanimidade, expôs com brevidade o objectivo da sua viagem:

— Soube que a vossa filha, senhor, aceitará por marido aquele que a derrote numa luta corpo a corpo. Sei que isso não é fácil e que a prova é dura. A minha viagem foi longa e penosa para chegar ao vosso país. Contudo, depois de conhecer vossa filha, não me importa nem a luta nem o cansaço, pois tudo isto não conta perante possibilidade, ainda que remota, de poder tomá-la como esposa.

O filho do rei de Pamar expressava-se com facilidade e os seus olhos brilhavam com uma estranha decisão. Parecia muito seguro de si mesmo. Quando ofereceu mil cavalos em lugar dos cem habituais, as pessoas tiveram sobejas razões para pensar que aquele jovem seria muito perito em lides com aquela que se preparava e que devia contar por centenas as vitórias dado que tão seguro estava de a conseguir uma vez mais.

Quando acabou a recepção e ficou fixada para o dia seguinte a data em que devia realizar-se o encontro, Kaidu chamou à parte a filha e disse-lhe:

— Já viste, Aigiarme, como tenho consentido no teu capricho. Agora apresenta-se o filho do rei de Pamar. É um grande homem e far-te-á feliz. Esta aliança unirá os nossos reinos... Enfim rogo-te que procures...

— Propões, pai e senhor, que me deixe vencer? — E ao ver que Kaidu baixava, largou aos gritos: — Nunca! Nunca deixarei que um homem me vença! Ninguém o conseguirá!

O rei Kaidu não quis discutir e pensou que a filha merecia um correctivo. Era forçoso que aquele príncipe lho desse e estava certo de que assim seria; por isso resolveu esperar pela noite.

A expectativa era grande no palácio, pois todos os príncipes tinham sido vencidos uns atrás dos outros e ultimamente começavam a escassear os pretendentes; já ninguém queria medir as suas forças com a princesa Aigiarme. Os candeeiros ardiam com as luzes mais fortes e o salão onde se ia realizar a luta estava cheio de nobres. Desde o rei e a rainha até ao último vassalo, todos desejavam ardentemente que a princesa fosse derrotada.

Quando a um sinal do camarista apareceram os dois lutadores, um murmúrio escapou-se de todos os peitos, pois faziam um lindo par. Ambos eram altos e formosos.

Um bater de palmas souo e o príncipe de Pamar arremeteu decidido para a princesa. Agarrou-a pela cintura e tentou derrubá-la. Ela prendeu-lhe os braços e obrigou-o a soltá-la. Nunca se tinha visto uma luta tão dura. Largo tempo combateram os dois lutadores e ninguém se atrevia a respirar. Houve um momento em que a princesa foi obrigada a dobrar o joelho e em todos os olhares se acenderam brilhos de esperança, mas Aigiarme não queria deixar-se vencer. Fez um esforço supremo e levantou-se. Depois deu tão forte empurrão no príncipe que o fez vacilar. Um instante depois era derrubado sobre o tapete e um suspiro de desalento escapou-se dos peitos: o príncipe tinha perdido. Era a última esperança de Kaidu: um homem alto e forte que também tinha sido derrotado.

Mil cavalos tinha apostado o príncipe de Pamar, mas Kaidu teria dado cem mil a fim de ver a sua filha casada. Contudo, Kaidu tinha dado a sua palavra e tinha que a manter.

A partir daquele combate, nunca mais se voltou a falar de boda no palácio. Aigiarme, «lua brilhante», permaneceu solteira e desde aquele momento acompanhou seu pai a todas as batalhas.

III

HISTÓRIA E LUTAS DE ARGON

A Este deste território governado por o rei Kaidu havia muitas terras que estavam sob a soberania de Abaga. O rei Kaidu, que tinha conseguido lograr inclusivamente o rei dos tártaros, tinha-se tornado mais audacioso e, à medida que o seu poder crescia, aumentava também a sua ambição. Por tudo isto, andava sempre a molestar continuamente os seus vizinhos fronteiriços para os provocar e levá-los a uma guerra que lhe permitiria ampliar os seus domínios.

Contudo, Abaga não desejava a luta, mas os súbditos de Kaidu imiscuíram-se tanto e tanto nas suas possessões, que decidiu reunir um poderoso exército e pô-lo sob as ordens do seu filho Argon, com a única ideia de proteger a linha fronteira da Turquia. Esta região limítrofe era conhecida com o nome de *Árvore Seca*, por existir lá uma árvore de que se fala com frequência no livro que descreve as conquistas de Alexandre no Oriente.

Argon chegou a esta zona e começou a dispor o seu exército, formando guarnições em várias cidades e em numerosos castelos dos arredores. O seu objectivo era exclusivamente defensivo, para proteger os habitantes contra as frequentes incursões e saques que os turcos faziam, obedecendo com certeza a ordens recebidas dos seus governantes.

Quando Kaidu se inteirou disto, dispôs um exército muito forte e deu o seu comando a Barac, seu irmão, dando-lhe ordem para atacar seguidamente o jovem Argon. Nas margens do rio Ion teve lugar a descomunal batalha entre Barac e Argon. Finalmente, depois de dura luta, as tropas de Kaidu ficaram derrotadas, tendo que retirar-se para as suas terras.

Argon, que era jovem, estava exultante de alegria ao ver que tinha conseguido derrotar os invencíveis tártaros de Kaidu, mas esta foi ensombrada ao apresentar-se um mensageiro do seu reino.

— Senhor — exclamou este tirando as vestimentas —, trago uma triste notícia. Teu pai, o grande rei Abaga, faleceu. É necessário que voltes imediatamente à corte antes que o faça teu tio Acomat Soldan.

Este era maometano e irmão do defunto Abaga. Era um homem muito ambicioso e cruel. Aproveitou-se do facto de Argon estar longe da capital e entrou nela, fazendo-se coroar rei. Quando abriu as arcas

do tesouro real ficou maravilhado ao ver tanta riqueza, e como era astuto distribuiu grandes dádivas pelos nobres que o rodeavam de tal maneira que todos ficaram ricos. Depois dedicou-se a governar com prudência e com a intenção de atrair a si os corações dos seus súbditos. Quando começou a desfrutar de poder, chegaram correios ao palácio.

— Senhor, Argon, o filho de Abaga, dirige-se sobre a capital à frente dum numeroso exército coroadado pela vitória.

— Está bem, podes retirar-te. Agora, oficial — disse dirigindo-se ao chefe da guarda —, dá ordem para que se reúnam todos os nobres e barões do reino.

Ao saber que Argon se dirigia para a capital, todos tiveram medo. Porque seria certo que se Argon subisse ao trono castigaria todos os barões que tinham acatado Acomat e os obrigaria a restituir os tesouros que o usurpador lhos tinha dado. Por estes motivos, quando Acomat pediu ajuda para lutar contra Argon, todos se apressaram a dar-lha, já que a sua segurança dependia da derrota de Argon.

Acomat conseguiu reunir sessenta mil cavaleiros e outros sessenta mil tinha Argon.

Quando Acomat Soldan chegou a uma planície adequada, mandou acampar o seu exército e esperou a chegada do sobrinho. Entretanto, mandou reunir os barões e disse-lhes:

— Senhores, vós sabeis que eu devia ser senhor de tudo quanto Abaga possuía, pois sou seu irmão, filho do rei seu pai. Ajudei-o na conquista de todos os territórios que chegou a possuir; portanto, pertencem-me. Não direi nada mais, pois todos sois barões sábios e prudentes e porque amais a justiça actuareis pelo bem e honra de todos nós.

*

Entretanto, o exército de Argon tinha chegado à planície onde o de Acomat, seu tio, esperava, e, ao saber o grande número de cavaleiros que seu tio enviava, reuniu os seus nobres e disse-lhes:

— Irmãos e amigos honrados: sabeis que sou Argon, filho do rei Abaga. Sabeis como vos queria meu pai. Enquanto viveu tratou-vos como irmãos e amigos. Também sabeis em quantas batalhas estivestes com ele e como o ajudastes a conquistar as terras que possuía. Sabeis

que eu, seu filho, vos tenho tanta amizade como ele. Os nossos inimigos não têm razão e a justiça está do nosso lado, por isso confio na vitória, que não nos pode abandonar. Não direi mais nada, mas rogo-vos que cada um cumpra o seu dever.

Os barões sentiram-se comovidos com estas palavras de Argon e disseram que era mil vezes melhor morrer no campo de batalha do que viver sob o jugo de Acomat. Um dos principais adiantou-se e disse:

— Honrado senhor Argon (são palavras que nos transmite Marco Polo), o que tu nos dissestes sabemos que é a verdade e, por conseguinte, serei intérprete de todos os homens que combaterão contigo nesta batalha e, portanto dir-te-ei francamente que não te abandonaremos enquanto haja vida em nossos corpos e que preferiremos morrer a não obter a vitória.

Acampado o exército a dez milhas do de Acomat, caiu a noite, mas antes Argon mandou uns mensageiros a seu tio. Foram bem recebidos e o usurpador convidou-os a sentarem-se. Os mensageiros disseram-lhe:

— Honrado senhor Acomat: teu sobrinho Argon está espantado com a tua conduta ao tirar-lhe a soberania e ao vir com um exército disposto a travar mortal batalha. Certamente não procedeste como bom tio. Por isso, roga-te por intermédio da nossa mediação que vejas o que vais fazer. Um bom tio deve-se portar bem com o sobrinho e para mais, carecendo este de pai, roga-te que lhe devolvas os seus direitos de modo a que não haja batalha entre os dois, prometendo-te por isso que te devolverá todas as honras e te respeitará como senhor de todas as terras sempre que te mantinhas subordinado a ele. Esta é a mensagem que Argon te manda por nosso intermédio.

Assim falaram os idosos barões.

Ouvido isto por Acomat Soldan, imediatamente, sem pensar, respondeu com estas palavras:

— Senhores mensageiros: o que meu sobrinho diz é vão, pois a terra é mais minha do que sua. Eu conquistei-a ao lado de seu pai. Por conseguinte, dissei-lhe que se quiser eu o tornarei um grande senhor, lhe darei bastante terra e o tratarei como meu filho e será o mais alto em hierarquia depois de mim. Se não aceitar, podeis assegurar-lhe que o apanharei e o matarei. É tudo quanto tenho a dizer.

— Esta é a resposta que devemos dar-lhe? — perguntaram os barões, de pé.

— Sim, e não conseguireis outra de mim enquanto viva.

*

Quando Argon ouviu a resposta do tio, ficou muito encolerizado e gritou:

— Dado que recebi tamanha injúria de meu tio, não viverei nem governarei antes de obter uma vingança em que o mundo inteiro fale! Agora, senhores barões, já não nos resta outra coisa senão atacar, arrasar esses traidores pérfidos e é meu desejo que amanhã avancemos e façamos todo o possível por os destruir.

Amanheceu e Argon dispôs os seus homens em ordem de batalha. Avançaram as forças de Acomat e o combate começou. A abundância das flechas era tão grande que parecia chuva do céu e os ais dos moribundos e os relinchos dos cavalos feridos enchiam o ar. A carnificina foi espantosa de ambos os lados, mas, ainda que Aragon tivesse despendido dotes de coragem e sabedoria guerreira extraordinarios, os homens de Acomat derrotaram-nos e perseguiram-nos na fuga.

Quando o rei Argon viu que tinha perdido a partida, julgou que o mais conveniente seria ordenar uma retirada geral para reorganizar as suas forças, que tinham sido muito dizimadas, e voltar ao ataque em melhores condições. Assim, mandou que uns tantos ficassem a deter o inimigo e procurando que ele perdesse tempo, enquanto o grosso do exército se retirava para terreno propício.

Ele próprio quis proteger pessoalmente a retirada. Dando mostras dum arrojo e duma coragem excepcionais, soube rodear-se dum grupo de valentes e com eles acudia aos sítios onde via que os seus eram mais fortemente castigados. Enquanto ele com os seus valentes homens entretinha o inimigo, ordenava aos restantes que voltassem para trás para um lugar de todos conhecido.

O monarca continuava a acudir a todos os lados, ajudando e dando ânimo aos seus, mas a sua montada ressentia-se duma ferida por onde perdia muito sangue. Quando o inimigo rompeu todas as barreiras e chegou o momento de fugir sem hesitações, o rei Argon viu que o cavalo não obedecia às rédeas e que se ia atrasando. De repente foi alcançado por três soldados de Acomat, que, ameaçando-o com as lanças, o obrigaram a entregar-se:

— Rende-te a Acomat, sempre triunfador dos seus inimigos!

Argon compreendeu que qualquer intento de resistência podia custar-lhe a vida e deixou que o prendessem e submetessem sem

resistir.

Quando Acomat soube de captura do sobrinho, não o quis nem ver, pois intimamente sentia-se culpado da usurpação do reino que por direito correspondia a Argon. Unicamente ordenou que fosse apregoada a notícia entre as suas tropas para estimulá-las na perseguição dos últimos sobreviventes da grande derrota sofrida pelas hostes do rei prisioneiro. A alegria e a algazarra foram gerais no acampamento do usurpador, ao saber que Argon tinha caído nas mãos de Acomat e dos seus.

Como Acomat desejava voltar à cidade para se entregar aos prazeres da vitória e organizar um grande banquete, deu ordem aos seus barões que mantivessem cuidadosamente vigiado Argon e que o grosso do exército regressasse em marchas lentas e curtas para não fatigar os guerreiros vitoriosos. Entretanto, Acomat voltou à capital e entregou-se a diversões.

Entre os barões havia um de avançada idade e cujo espírito de justiça e de dignidade eram grandes. Chamava-se Boga e começou a lamentar, diante dos outros barões, a triste sorte do filho do seu senhor Abaga.

— Nós conhecemos o príncipe Argon na opulência e não há dúvida que, se tivesse estado junto do pai aquando da sua morte, teria sucedido ao trono. O menos que podemos fazer-lhe é deixá-lo em liberdade, já que a morte mais ignominiosa o espera.

Falou tão eloquentemente e tão grande era a sua influência, pela sua idade e sabedoria, que os outros barões dirigiram-se ao local onde estava encerrado Argon e disseram-lhe:

— Não vimos unicamente dar-te a liberdade, mas também te pedimos que nos consideres teus vassalos e que sejas o nosso legítimo senhor.

— Honrados senhores — respondeu Argon —, peçais gravemente se quereis enganar-me. Devíeis estar satisfeitos com a injustiça que cometeste ao fazer prisioneiro o vosso legítimo soberano. Portastes-vos muito injustamente, pelo que vos peço que sigais o vosso caminho e me deixeis em paz.

— Honesto senhor Argon — insistiu Boga —, asseguramos-te que não te enganamos. Damos-te a liberdade e reconhecemos-te como senhor. Juramo-lo por nossa honra.

Argon emocionou-se grandemente ao escutar aqueles juramentos e ao sentir-se livre tomou imediatamente decisões.

Mandou disparar flechas contra o chefe Soldan, que fora a quem Acomat tinha deixado o comando do exército, e, reunindo todos os barões, coroou-se rei.

Reorganizado o exército, empreendeu a marcha até à capital.

Acomat encontrava-se numa formosa festa quando um mensageiro se aproximou cautelosamente e lhe disse:

— Más notícias, senhor. Os barões libertaram Argon e estes mataram o teu amigo Soldan. Agora o exército, que coroou Argon, marcha sobre a capital.

— Está bem, podes retirar-te, mas não digas a ninguém o que sabes.

Silenciosamente, Acomat realizou os seus preparativos. Compreendeu que já não podia resistir a Argon, pois tinha-se afastado com muito poucas tropas, por isso, seguido dos que lhe eram mais fiéis, dirigiu-se até à corte do rei de Bagdad, onde esperava encontrar ajuda; para deixar o país devia atravessar uma passagem entre montanhas, que era muito difícil. Quando julgava já estar a salvo encontrou uns guardas que o detiveram, pois estavam inteirados da vitória de Argon e pensaram que este lhes daria uma grande recompensa.

E assim foi, pois Argon estava tão irritado que ficou cheio de tristeza quando soube que o seu tio tinha conseguido fugir. Por isto, ao ver que voltava carregado de correntes e prisioneiro, reuniu todo o exército e diante de todos os chefes mandou matar seu tio e ordenou que o seu cadáver fosse atirado para um lugar onde ninguém mais o pudesse encontrar.

Uma vez Acomat executado, Argon propôs-se reinar aproveitando as lições da experiência. Sabia por si próprio o quanto eram perigosos os vizinhos da Turquia. Por isso, uma das primeiras coisas que fez, uma vez pacificado o seu reino, foi mandar o seu filho para a zona fronteira com o fim de defender aquelas regiões do assalto dos turcos. Deste modo, prevenia as agressões antes de ter que as reprimir. Com isto assegurava a integridade do seu próprio reinado, mas esqueceu-se que, em circunstâncias semelhantes àquelas em que agora se encontrava o seu filho, lhe tinha sido usurpado o trono a si.

Seja como for, o certo é que a história se repetiu neste caso quase ponto por ponto. Fazia seis anos que tinha sido reinstalado no trono... Celebravam precisamente tal data, assim como a derrota, ou melhor, a detenção de Acomat e o castigo exemplar que lhe foi

imposto diante de todo o exército formado. De repente, Argon, depois de levar aos lábios uma taça cujo líquido bebeu de um golo, sentiu a cabeça como que a andar-lhe à roda e disse ao seu vizinho da mesa:

— Parece-me que comi demasiado. Acompanha-me aos meus aposentos, que quero descansar. Vós continuai a festejar...

Não pôde terminar. Caiu sobre a mesa e a taça que sustinha nos dedos crispados caiu no chão com ruído.

Precisamente o que estava ao seu lado, a quem pediu que o acompanhasse, sorria agora com um ar malicioso e exclamou perante todos os assistentes ao banquete:

— Argon está morto! Kiacatu é a partir de agora vosso rei!

Kiacatu era irmão de Argon. Tinha ido conspirar com os barões contra o irmão, e finalmente com a colaboração da mulher dele, decidiu envenená-lo, ao fim de seis anos exactamente desde que tinha recuperado o trono. Quando Kiacatu conseguiu o seu propósito, apoderou-se de todas as riquezas do defunto e contraiu casamento com a mulher dele. Todos os barões lhe tinham prometido fidelidade. Não obstante, num canto do reino havia alguém que não se tinha submetido e que não se submeteria facilmente. Era o próprio filho de Argon, que, como devem estar lembrados, estava guardando as fronteiras com a Turquia comandando um exército de trinta mil cavaleiros.

Quando Kasan se inteirou do sucedido, pensou:

«Podia ter pensado nisto antes que tivesse acontecido. Finalmente, em idêntica situação se encontrou meu pai. Mas por fim conseguiu expulsar o usurpador.»

Tendo consultado os conselheiros sobre o que mais convinha fazer, todos foram de acordo em que seria empresa por demais temerária lançar-se sobre a capital.

Em forma de resumo dos seus pensamentos, Kasan disse aos seus conselheiros:

— Tendes razão. Seria suicídio o rebelar-me agora contra meu tio. Meu pai, com o dobro do exército de que eu disponho, não conseguiu derrotar pela força Acomat, apesar de os seus homens lhe serem fiéis até à morte.

— O mais prudente seria esperar. A justiça está do vosso lado e o povo acabará por o reconhecer tarde ou cedo, como sucedeu com vosso pai — acrescentou um dos que foram ouvidos na consulta.

— Tens razão. Entretanto, submeter-me-ei a meu tio sempre que não pretenda tirar-me daqui. Poderia armar-me uma cilada...

— E vós podereis armá-la a ele. Algum dos nossos homens mais hábeis poderia tentar introduzir-se no palácio e ir ganhando adeptos para a vossa causa. Depois... quem com ferro mata, com o ferro morre! Quem deita veneno na taça...

Assim se fez. Kiacatu tinha medo e com razão; tinha tomado todas as precauções. Expulsou do palácio toda a criadagem do seu defunto irmão e ficou apenas com os criados que o tinham servido durante toda a vida. Estes eram-lhe fiéis sem sombra de dúvida e, para acabar de os conquistar, Kiacatu pagava-lhes magnificamente, pois a sua riqueza era agora enorme.

Passados dois anos, já se tinha estabelecido solidamente no trono e esquecido pouco a pouco os receios que o preocupavam tempos atrás. O palácio real era imenso e a sua criadagem era insuficiente para o manter em condições para as festas e recepções, a que era muito dado. Os seus criados eram ricos, mas quase não podiam desfrutar das suas riquezas, pois tinham que trabalhar por três ou quatro. Por isso, vendo que reinava entre eles o descontentamento, Kiacatu aceitou finalmente a que se admitisse novo pessoal.

Foi este o momento propício para introduzir no palácio alguém e envenenar o usurpador. Alguns fiéis a Kasan estavam à espera desta oportunidade e ofereceram-se em primeiro lugar. Não despertavam suspeitas, pois havia já dois anos que viviam nas proximidades do palácio e eram conhecidos pela sua adesão ao monarca.

Não é preciso dizer como morreu Kiacatu. Inclusivamente o veneno empregado foi o mesmo com que se livrou de seu irmão. Mas desta vez sucedeu o imprevisto. Um dos assistentes do banquete soube tirar partido das circunstâncias e, apesar de não ter interferido na eliminação do tirano, fez-se coroar rei. Chamava-se Baidu e também era parente de Kasan.

O furor de Kasan não tinha limites, pois por duas vezes se via despojado do trono. Cego de raiva, reuniu o seu exército e lançou-se em busca de Baidu, que também tinha preparado o dele.

Os dois exércitos encontraram-se numa grande planície e o choque foi sangrento e terrível. No decorrer da batalha Baidu morreu, sendo Kasan reconhecido imediatamente como rei.

IV RUMO À «REGIÃO DA ESCURIDÃO»

Nas regiões setentrionais da Ásia também viviam povos tártaros comandados por um chefe chamado Kaidu. Este era descendente de Genghis Khan e parente próximo de Kublai. Eram completamente independentes e não prestavam tributo de submissão a nenhum imperador, nem sequer ao Grande Khan.

Viviam em planícies ou em vales, cheios de pastos e de bosques. Não se dedicavam ao cultivo do campo e, portanto não colhiam nenhum género de cereal. A sua ocupação principal era a caça pois abunda muito nesta região e os animais robustos são de grande valor, tanto pela sua carne como pelas suas finas peles. Também tinham alguns animais domésticos, principalmente cavalos, vacas e ovelhas, de que obtinham bom leite, o qual, junto com a caça, era a base principal da sua alimentação.

A fauna destas regiões era muito variada e diferente da conhecida anteriormente por Marco Polo. Um dos animais mais temíveis e apesar de tudo mais apreciado era o urso. A sua caça era muito difícil, pois é um animal duma força e estatura extraordinárias. Havia os que chegavam a ter vinte palmos de comprimento. Também havia raposas negras e burros selvagens, o que despertou muito a atenção de Marco Polo. Mas de todos os animais o que era tido em mais apreço pela sua pele, duma finura e delicadeza proverbiais, era sem dúvida alguma a marta zibelina, que também abundava nestas regiões. Finalmente, havia também grande quantidade de doninhas e dos chamados ratos do Faraó. Estes animais causavam grandes destroços e multiplicavam-se com uma rapidez assombrosa, mas os tártaros do Norte aperfeiçoaram um sistema de os caçar que se mostrou extraordinariamente eficaz.

Estes tártaros tinham também a sua religião e adoravam um deus a que chamavam Naagai. Este nome significa deus da terra. Este deus era, segundo as suas crenças, como temos visto noutros povos, o que controlava tudo que provinha da terra. Por isso tinham-no em grande veneração e, com frequência, celebravam cerimónias em sua honra. Era muito frequente oferecerem-lhe figuritas semelhantes a ídolos e imagens de feltro.

Estes povos, ao contrário dos seus congéneres, os restantes tártaros, viviam pacificamente e em perfeita harmonia e não possuíam

no seu território nem castelos nem fortes como os demais povos que Marco Polo visitou.

Para chegar a esta região era necessário andar durante meio mês através duma planície pantanosa e deserta por causa da enorme quantidade de água que aflorava por todos os lados. Geralmente reinava ali uma temperatura fria, pelo que os pântanos se encontravam gelados a maior parte do ano. Quando o gelo se fundia ao chegar a Primavera, tudo se convertia num lamaçal intransitável.

*

A estas pessoas interessava-lhes que o seu país fosse frequentado por comerciantes que adquirissem as suas peles e em troca negociavam em coisas de que necessitavam. Com esse fim lhes facilitavam a viagem. Imaginaram construir uma casa ao fim de cada jornada. Estas casas eram de madeira e sobressaíam do solo, como se estivessem erguidas sobre uma plataforma de estacas fincadas na terra. Ali encontravam comida, cavalos frescos e guias que os acompanhavam até à outra estação, durante outra jornada. Assim podiam percorrer a região com toda a segurança.

Tendo em conta a abundância de gelo e de neve, os habitantes desta região não usavam carros de rodas, mas uns veículos de base plana forrados de peles e que formavam uma curva à frente. Chamavam-lhes «tragulas» e eram como trenós. Para puxar esses veículos não usavam cavalos nem burros, mas uma raça de cães muito grandes e fortes, do tamanho dum burro pequeno, mas que eram incansáveis.

O trenó deslizava sobre o gelo levando dentro o comerciante e condutor do trenó. Geralmente bastavam seis cães em parilha e puxavam o trenó com grande facilidade, não tardando em adquirir velocidade sobre a gelada superfície do pântano.

*

Mais ao norte da região dos tártaros, sempre caminhando para o norte, chegava-se à Região da Obscuridade. Ali o Sol não se via durante a maior parte dos meses do ano e a luz era tão difusa que parecia estar sempre a anoitecer.

Os homens que viviam nestes lugares eram altos e de tez tão

branca que parecia transparente. A sua civilização era quase nula; não tinham rei nem governo e os seus costumes eram simples e independentes. Aparentavam um ar de grande estupidez devido provavelmente à falta de sol e de calor em que tinham de viver.

Os tártaros aproveitavam-se dos meses de obscuridade para os atacar e roubar-lhes os rebanhos. Deste modo não se apercebiam quando chegavam os inimigos. Depois o perigo consistia em voltar, pois no meio da noite, que dura quase todo o dia, era sumamente fácil extraviarem-se. Para evitar este perigo, os tártaros utilizavam um estratagema baseado no instinto dos animais.

Levavam com eles éguas que tinham tido potros recentemente. Quando os tártaros tinham saqueado o lugar, deixavam as éguas livres e estas, por instinto, nunca erravam o caminho que as conduzia junto dos filhos. Deste modo os tártaros nunca se perdiam por estas estranhas e perigosas regiões.

A obscuridade não reinava durante todo o ano, pois também nestes lugares chegava o Verão, que era a estação durante a qual a luz era mais viva. Então estes homens saíam das suas choças e dedicavam-se à caça. Arminhos, raposas e martas eram principalmente o objecto da sua perseguição. Caçavam em grandes quantidades e depois as peles, convenientemente arrançadas, eram vendidas nas regiões vizinhas, especialmente na Rússia.

Marco Polo também visitou uma parte da Rússia. A sua extensão era enorme, por isso estava dividida em muitas zonas, das quais muitas não podiam ter relações entre si. Por conseguinte, ainda que pertencentes ao mesmo país, não era invulgar que uns se ignorassem aos outros e conhecessem pouco dos seus respectivos costumes.

Pelo lado mais setentrional, a Rússia confinava com uma região que Marco Polo também visitou e com aquela de que temos falado, com o nome de Região da Obscuridade. Ambas tinham uma fauna parecida e os seus costumes tão-pouco eram diferentes. Não obstante, os russos eram cristãos, subordinados à Igreja ortodoxa grega. Os seus ritos e cerimónias religiosas eram bastante diferentes das que Marco Polo tinha visto toda a sua vida nas nações latinas. Assim, por exemplo, os russos tomavam a comunhão num pouco de pão ázimo e um pouco de vinho. Neste aspecto, a sua liturgia coincidia mais precisamente com a dos primitivos cristãos das catacumbas.

Os homens pareciam muito formosos. Eram de estatura regular, mais a tender para o alto, e a cor da sua tez denotava, à légua, o

homem que tinha visto poucas vezes o Sol. As mulheres, ataviadas com os seus trajes típicos na maioria, também eram belas e atractivas, quase todas ruivas. Eram também altas e tinham uma longa cabeleira que lhes caía sobre os ombros.

V

A GRANDE BATALHA DE ALAU

O primeiro senhor dos tártaros do Oeste foi o rei Sain, grande e poderoso. A Rússia e outras sete províncias cujos costumes e género de vida eram muito parecidos, viviam independentes, sem o menor laço de união ou de aliança. Por este motivo Sain foi-as conquistando uma após as outras até que todas ficaram debaixo do seu poder.

Os reis que sucederam a Sain foram, por ordem: Batu, Berca, Mungletemur, Totamangu e Toctai, que era o que reinava quando Marco Polo teve conhecimento destes lugares.

No ano de 1261 Alau era o senhor dos tártaros do Este, enquanto Berca era o dos tártaros do Oeste. Não tardaram estes dois reis, que eram teimosos e orgulhosos, em encontrar um motivo de disputa, e este foi a província situada na fronteira dos dois reinos. Cada um a queria para si e tanto empenho puseram nisso que ambos disseram que estavam dispostos a morrer e a perder o reino, mas não a ceder a província ao adversário.

Tal empenho puseram, que durante seis meses um e outro não fizeram outra coisa senão armar e constituir um poderoso exército, tão forte, que cada um pôde reunir trezentos mil cavaleiros perfeitamente apetrechados.

Alau por um lado e Berca por outro puseram em marcha os seus exércitos, vindo a acampar numa extensa planície e umas dez milhas um do outro. Se um exército era rico, o outro parecia ainda mais. As tendas, os galhardetes, as armaduras resplandeciam ao sol. Mas Berca tinha trezentos e cinquenta mil homens e era mais forte em sabedoria de guerra do que Alau.

— Honrados amigos, filhos e irmãos — assim falou Alau aos chefes dos seus soldados: — Muito bem sabeis que sempre vos tenho ajudado no que tenho podido e devo reconhecer que vós me tendes prestado eficaz auxílio sempre que tenho necessitado. Travei várias batalhas e posso dizer que nunca estivestes numa batalha em que não

tivéssemos obtido a vitória. Por isso me decidi a combater este grande homem que é Berca. Bem sei que tem mais homens, mas também sei que não podem comparar-se aos nossos, por isso estou seguro que os derrotamos e que os poremos em fuga.

«Agora só vos quero recordar uma coisa, que é melhor morrer no campo de batalha honradamente do que suportar uma derrota. Assim, pois, que cada um lute de tal modo que a nossa honra seja salva e o inimigo seja derrotado.»

Depois os chefes e os comandantes repetiram estas palavras de Alau até que todos os soldados tivessem conhecimento delas.

Havia vários dias que os exércitos estavam frente a frente a pouca distância um do outro, mas ninguém se atrevia a atacar. Até aquela altura, tudo tinha sido um simples alarde de forças para ver se desmoralizavam o inimigo. Por fim, o rei Alau decidiu que no dia seguinte, ao amanhecer atacaria. Ao pôr-se o Sol, notava-se no acampamento de Alau um intenso movimento e agitação: estavam ultimando os derradeiros preparativos. Naquela noite seria difícil conciliar o sono, pois a vitória não se via segura nem pouco mais ou menos. Além disso, todos os soldados de Alau sabiam que a sua inferioridade consistia em cinquenta mil cavaleiros em relação ao inimigo. Seria necessário muita habilidade e muita sorte para poder superar esta desvantagem.

No dia seguinte, Alau levantou-se ao nascer do Sol e começou a dar as últimas ordens. Fez formar os seus homens com todas as armas já a postos e distribuiu-os da seguinte maneira: formou trinta esquadrões de dez mil homens cada um, sob o comando dum capitão. Quando os esquadrões estavam formados, antes de os lançar ao ataque, quis dirigir-lhes a palavra:

— Meus fiéis amigos! Agrupei-vos desta forma porque julgo que esta disposição pode influir no desenrolar do combate, mas quero-vos recordar que de nada servirá a organização mais perfeita, se lhe faltar o espírito dos homens que a integram. O que há-de decidir do resultado da batalha será o vosso arrojo e valentia e tudo o demais é supérfluo ao lado disso. Convido-vos a que vos batais como é uso da vossa fama. Não esqueçais que está em jogo a vossa honra de soldados e o porvir das vossas famílias.

Quando Alau terminou de falar, mandou que o exército avançasse lentamente até ao inimigo. Ao chegar a metade do caminho que separava ambos os bandos, deteve-se e esperou. A sua atitude era

um convite ao combate imediato.

Refiramo-nos agora ao bando contrário. O rei Berca não fez grandes esforços de imaginação. Fiado na sua superioridade numérica, sentia-se demasiado seguro da vitória e isto perdeu-o. Contentava-se em fazer o mesmo que via fazer às hostes de Alau. Assim, também as mandou agrupar em secções de dez mil homens, resultando portanto trinta e cinco, já que o número de cavaleiros que tinha podido reunir era de trezentos e cinquenta mil.

Deixando-se arrastar pela sua preguiça mental, não teve o cuidado de arengar às suas tropas nem de dar aos seus chefes instruções para o combate. Tinha fé na força bruta, ainda que seja cega: quanto mais os homens, mais probabilidades de vitória. Mandou instalar os seus soldados o melhor que pudessem e sentou-se tranquilamente a esperar que o inimigo desse sinais de vida.

Quando lhe comunicaram que Alau avançava, ordenou aos seus que fizessem o mesmo, e quando Alau se deteve, ele também fez identicamente. Neste preciso momento, os dois colossos, em perfeita linha de batalha, estavam à distância de dois tiros de balista um do outro.

Por fim, soaram as trompetas tocando a combate e começou uma das mais sangrentas batalhas que a História regista. Primeiramente, ambos os grupos lançaram tal quantidade de flechas que mal se podia ver o céu. Este lançamento de flechas era como a preparação propriamente dita. O número destas que podia ser levado por um homem era limitado: apenas as que lhe cabiam no carcás. Ao começar o combate devia-se disparar apenas uma parte delas, pois em caso de derrota do inimigo, ao persegui-lo na retirada, cada flecha habilmente disparada acertava de certeza no alvo. Não obstante, ao começar a peleja era conveniente disparar quantas mais melhor, pois nesta fase podia decidir-se já o combate.

A mortandade foi enorme entre ambos os lados. Eram tantas as flechas que atravessavam o ar e tantos os inimigos, que poucas delas se perdiam. Os cavalos não as podiam evitar e, dado o seu volume, recebiam muitas mais que os cavaleiros. Por isso, rapidamente o campo ficou coberto de cadáveres, tanto de homens como de cavalos. Muitos deles com uma flecha profundamente cravada, meio loucos pela dor, corriam sem rumo fixo, causando estragos e desgraças entre os seus.

A batalha começou de madrugada e prolongou-se até ao

crepúsculo. Esgotadas as flechas, os sobreviventes lançaram-se na luta corpo a corpo, muitos deles sem montada.

Os homens de Alau lutavam com mais ardor. O próprio rei corria dum lado ao outro animando os seus guerreiros e, inclusive, acudindo em auxílio daqueles que via em situação de apuro.

Berca, em contrapartida, não tomava parte directa na luta. Continuamente era informado do desenrolar da contenda e ordenava que fossem entrando a lutar paulatinamente os cinquenta mil homens que tinha a mais que Alau, à medida que as notícias indicavam que as coisas não iam completamente bem. Esses homens novos iam folgados, mas, por outro lado, faltava-lhes o ardor e o entusiasmo que mantinham os que lutavam vitoriosamente desde manhã. Por isso, eram rapidamente postos fora de combate.

Quando o Sol chegava ao fim do seu percurso, os poucos que continuavam de pé tinham que se enfrentar num campo totalmente coberto de cadáveres. Alau continuava a cavalo entusiasmando os seus valentes, que já se tinham definitivamente imposto.

Agora já os poucos guerreiros de Berca, que aguentavam, estavam a bater-se com um inimigo que era superior. Breve se aperceberam, ainda que estando em plena luta, de que a sua superioridade numérica tinha deixado de ser uma realidade. Então, o moral foi-se-lhes abaixo e fugiram precipitadamente.

A fuga, nestes casos, é remédio pior do que o mal. Os fugitivos morriam quase todos com as setas ou eram perseguidos a cavalo e mortos com um golpe de espada. Somente quando o inimigo tinha conseguido também salvar o seu cavalo, tinha probabilidades de escapar com vida, mas nem assim podia ter demasiadas ilusões. A derrota era a morte. Não obstante, alguns escaparam, pois Alau mandou tocar as trombetas chamando as suas tropas e ordenou-lhes que voltassem às suas tendas, deixando as armas e indo curar as feridas.

Na manhã seguinte, acalmada já a paixão da luta, o espectáculo que oferecia o campo de batalha era simplesmente aterrador. Todavia os feridos continuavam povoando o ar com os seus gritos lastimosos. O sangue corria fresco sobre muitos corpos que tinham sangrado durante toda a noite.

Alau, que era de seu natural piedoso, comoveu-se ao ver aquele panorama de desolação e morte, e mandou que se ajudasse o máximo que fosse possível, se acabasse com aqueles que não tinham salvação

e se enterrassem todos os cadáveres sem distinção de bandos nem categorias. Apesar da sua vitória, as perdas tinham sido incalculáveis, a ponto de ter quase ficado sem exército.

Uma vez dada sepultura a todos os cadáveres, Alau voltou ao seu país com todos os homens que tinham sobrevivido à batalha.

VI A LUTA DE TOCTAI E NOGAI

No Oeste, o rei dos tártaros foi, a certa altura, Mongletemur e a soberania passou a Tolobuga, que era jovem e bom; mas este foi morto por Totamangu com a ajuda dum outro rei chamado Nogai.

Mas a felicidade de reinar durou-lhe pouco, pois morreu e sucedeu-lhe no trono Toctai, que era homem capaz e prudente de verdade.

Contudo, Tolobuga, ao morrer, tinha deixado dois filhos, que cresceram e, quando foram maiores, apresentaram-se na corte de Toctai bem acompanhados, ajoelharam-se ante ele e com grande humildade rogaram-lhe que os escutasse.

— Levantai-vos — disse Toctai, que era bom — e dizei-me o que desejais de mim já que vindes com tanto acatamento.

O mais velho tomou o palavra e disse:

— Honrado senhor Toctai, quereria dizer-te o melhor que pudesse o motivo de nos termos prostrado a vossos pés.

«Nós somos os dois filhos legítimos do rei Tolobuga, que foi assassinado por Totamangu, ajudado por Nogai. Totamangu está morto e não queremos falar mal dos que morreram. Mas Nogai ainda vive e temos sabido que tu és homem justo. Vimos pedir-te justiça contra Nogai, que ajudou a matar o nosso pai. É esta a nossa petição.

Toctai, que era justo, respondeu:

— Honrados amigos: gostosamente acederei ao que me pedis porque o vosso pedido é justo. Prometo-vos chamá-lo à corte e fazer o que a justiça entenda.

Imediatamente chamou dois emissários e enviou-os à corte de Nogai ordenando-lhe que se apresentasse para responder justamente ao que pediam os afrontados filhos de Tolobuga.

A resposta de Nogai foi uma gargalhada e assegurou a Toctai que se preocupava com coisas mais sérias, pois não estava disposto a

incomodar-se por nada. E que não iria à corte.

Isto ofendeu de tal maneira Toctai, que vociferou:

— Com a ajuda do céu, prometo-vos que Nogai virá à minha corte responder à justiça acerca do pedido dos filhos de Tolobuga, ou eu marcharei contra ele com o meu exército e destruí-lo-ei.

Assim passou algum tempo e vendo que Nogai não se apresentava, Toctai ordenou grandes preparativos e pôs em pé de guerra um formidável exército. Quando Nogai se inteirou, pelos seus espões, dos propósitos de Toctai de marchar contra ele, também pôs em pé de guerra outro exército, mas, ainda que poderoso e forte, não conseguiu reunir tantos cavalos como Toctai.

Algum tempo depois, Toctai, à frente de duzentos mil cavaleiros, dirigiu-se à planície de Nerghi e ali acampou à espera do exército de Nogai. Acompanhavam-no os dois filhos de Tolobuga, que também tinham trazido consigo grande número de cavaleiros.

Por caminho à vista avançava o exército de Nogai composto por cento e cinquenta mil cavaleiros. Eram menos do que os do rival mas tinham a vantagem de serem mais fortes e mais jovens. A dez milhas do seu acampamento se estabeleceu Nogai disposto a dar batalha.

— Senhores — falou Toctai aos seus chefes e aos seus nobres barões —, nós viemos aqui para lutar contra o rei Nogai e temos fortes razões para o fazermos. Este ódio e este rancor têm a sua origem no orgulho e na soberba de Nogai, que se negou a prestar justiça aos ofendidos filhos do soberano Tolobuga. A nossa causa é justa; portanto, temos direito a esperar a vitória. Sei que sois homens valentes, capazes de destruir o inimigo.

Por seu lado, Nogai tinha reunido os seus chefes e falou-lhes assim:

— Honrados irmãos e amigos, bem sabeis que temos combatido em grandes e memoráveis batalhas. Temos vencido homens melhores do que estes. Deveis estar alegres. Por outro lado, temos o direito e a razão a nosso favor, já que Toctai não é meu superior para me chamar à sua corte. Só vos peço uma coisa: que durante a batalha vos conduzeis de tal modo que para sempre se fale de nós e os nossos descendentes sejam respeitados por esta batalha que agora vamos travar.

No dia seguinte os dois exércitos formaram. Toctai tinha vinte esquadrões de dez mil cavaleiros. Nogai quinze esquadrões apenas.

Depois duma batalha desesperada e cruel em que todos se distinguiram por uma implacável coragem, o exército de Nogai venceu e arrasou o de Toctai. Eram menos homens, mas revelaram-se mais fortes, mais jovens e mais destros no combate.

Sessenta mil homens caíram neste combate, mas o rei Toctai e os dois filhos de Tolobuga conseguiram escapar e salvaram a vida.

*

Com este relato, Marco Polo termina o seu maravilhoso livro. As últimas palavras são para recordar a partida das terras do Grande Khan, circunstâncias que já foram relatadas nas primeiras páginas deste livro.

As palavras com que se encerram as suas memórias são:

«Creio que foi desejo de Deus que nós voltássemos para que as pessoas pudessem saber as coisas que o mundo encerra.

Graças sejam dadas ao Senhor! Amén.»

